



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

Mestrado em Ciências da Educação – Avaliação Educacional

**A crônica jornalística como dispositivo de ensino na
Educação de Jovens e Adultos (EJA): um Estudo de Caso**

Maria de Nazaré Rocha Souza

Orientadora: Professora Doutora Ângela Coelho de Paiva Balça

Évora, 2010.



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

Mestrado em Ciências da Educação – Avaliação Educacional

**A crônica jornalística como dispositivo de ensino na
Educação de Jovens e Adultos (EJA): um Estudo de Caso**

Maria de Nazaré Rocha Souza

Orientadora: Professora Doutora Ângela Coelho de Paiva Balça

Évora, 2010.

Aos meus pais (in memorian), à minha irmã pelo incentivo e exemplo de vida, à minha filha pela colaboração e companheirismo, aos meus sobrinhos pela determinação e ao meu amado marido, especialmente, por ter me dado forças para continuar a produzir e acreditar em mim.

AGRADECIMENTOS

Elaborar essa dissertação foi muito importante para mim, porém existem pessoas que me ajudaram e sinto a delicadeza de cultivar a arte do agradecimento. Sou grata por ter o meu trabalho concluído.

Agradeço a todos que estiveram sempre presente durante esse período, pela força e paciência que tiveram para comigo nessa jornada.

À minha orientadora Doutora Ângela Balça, que mesmo distante, pareceu-me bem próxima, pois sempre colaborou com idéias novas e positivas nessa investigação e em momento algum deixou de ser aquela pessoa amiga e disposta a tirar minhas dúvidas.

À Universidade de Évora pela oportunidade de realização da pesquisa.

À coordenadora do curso Doutora Maria de Nazaré Soares que nos ajudou com contatos imediatos e imprescindíveis.

A todos os professores e amigos que participaram desse curso de mestrado.

A crônica mudou tudo muda. Como a própria sociedade que ela observa com olhos atentos. Não é preciso comparar grandezas, botar Rubem Braga diante de Machado de Assis. É mais exato apreciá-la desdobrando-se no tempo, como fez Antonio Cândido em “A vida ao rés-do-chão”: creio que a fórmula moderna, na qual entram um fato miúdo e um toque humorístico, com seu quantum satis de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada.

Revista Veja, 2005.

TÍTULO: *A crônica jornalística como dispositivo de ensino na Educação de Jovens e Adultos: um Estudo de Caso*

PALAVRAS-CHAVE: Crônica. Jornalismo. Currículo. Ensino. Texto

RESUMO

O presente Estudo de Caso buscou compreender o uso do gênero crônica jornalística entre alunos jovens e adultos numa escola estadual de ensino fundamental e médio num bairro periférico da cidade de Belém. Desenvolvendo uma intervenção envolvendo o currículo vivenciado na escola sob a ótica dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). O estudo contou com a participação de trinta e dois alunos do quarto ciclo, distribuídos em duas turmas, ambas com dezesseis investigados. No enfoque metodológico abordaram-se contributos de natureza quantitativa e qualitativa, por meio da observação, do questionário, entrevista e análise de conteúdos. Os resultados apontam que os alunos da turma A, cujo estudo teve aprofundamento teórico com a crônica jornalística, revelam desempenho positivo nos textos produzidos. Os alunos da turma B, que receberam aulas com conteúdos gramaticais, limitando-se a um breve comentário sobre os gêneros discursivos, entre eles a crônica jornalística, demonstram dificuldade para produzir textos jornalísticos.

TITLE: *Chronicles journalistic as the teaching device in education youth and adults: A study of case*

KEYWORDS: Chronicles. Journalism. Curriculum. Teaching. Text.

ABSTRACT

The present case study aimed at understanding the use of chronic journalistic genre among students young and adults in a state school for elementary and high school in a district on the outskirts of Belem, developing an intervention involving experience in school curriculum from perspective of national curriculum (PNC) guidelines. The study was attended by thirty-two students in fourth cycle, divided into two classes, both with investigates. The focus methodological addressed to contributions of nature quantitative and qualitative through observation, questionnaire, interview and analysis of contents. The results indicate that students class A, which further theoretical study with chronic journalistic, show positive performance in texts produced. Students of class B, who received lessons with grammatical contents, merely a brief description of genres, including the journalistic chronicles sowed difficulty to produce texts journalistic.

ÍNDICE GERAL

Índice de figuras.....	ix
Índice de quadros	x
Índice de tabelas.....	xi
Índice de anexos	xii

INTRODUÇÃO

1. Notas introdutórias.....	2
3. Estrutura da dissertação.....	4

I. CONSTRUÇÃO DA DISSERTAÇÃO: REVELANDO A LITERATURA

CAPÍTULO 1. A LINGUAGEM DA CRÔNICA JORNALÍSTICA

1. A linguagem ou enunciado presente na crônica jornalística	8
2. O retrato da realidade: a crônica e o jornalismo	10
3. A importância do texto jornalístico para o ensino da língua portuguesa.....	15

CAPÍTULO 2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A CRÔNICA

1. O estudo da crônica jornalística numa abordagem curricular: os (PCN) reais e a (EJA)	22
2. O currículo e a EJA: ênfase a prática avaliativa	25
3. O cotidiano do cronista: a singularidade do homem “quase” comum	28
4. Abordagem lingüística e normas estruturais do texto jornalístico	30
5. As matérias impressas: visualizando o jornal	35

II. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

CAPÍTULO 3. METODOLOGIA

1. Abordagem da pesquisa	49
1.1. Objetivos do estudo	49
2. Opções metodológicas	49
3. A pesquisa-ação numa abordagem empírica: a superestrutura da crônica jornalística.....	51
3. 1. Fase exploratória.....	52
3. 2. Fase da pesquisa aprofundada.....	52

3. 3. Fase de ação	52
3. 4. Fase de avaliação	53
4. Estratégia do Estudo de Caso	55
5. Procedimento de recolha e análise de dados	56
6. Técnicas e instrumentos de coleta de dados	56
6. 1. Observação	57
6. 2. Questionário	58
6. 3. Entrevista	59
6. 4. Análise de conteúdo	61
7. Perfil dos participantes	61
CAPÍTULO 4. RESULTADOS: RELEVÂNCIA, ANÁLISE E DISCUSSÃO	
Notas introdutórias: conhecendo o campo	64
1. Analisando as respostas dos participantes	65
1. 1. Estudando o perfil dos alunos	65
1. 2. Tipo de mídia mais procurada para leitura dos alunos	66
1. 3. Local de leituras realizadas	67
1. 4. Frequência semanal de leituras jornalísticas	68
1. 5. Notícia que o aluno lê com mais costume	69
1. 6. Ordem das notícias jornalísticas lidas primeiramente	70
1. 7. Razões de busca de leitura jornalística	71
1. 8. Texto de preferência dos alunos	71
1. 9. Objeto de atenção para a leitura de um texto jornalístico	72
1. 10. Mídias de leituras de notícias jornalísticas	73
1. 11. Leituras jornalísticas em sua totalidade	74
1. 12. Conceituando a crônica	76
1. 13. Ciência da crônica como texto jornalístico	77
1. 14. Frequência do termo crônica jornalística em sala de aula	77
1. 15. Curiosidade de saber o que é uma crônica jornalística	78
1. 16. A crônica como texto	79
2. Da informação à produção: uma análise imparcial das crônicas jornalísticas dos alunos da (EJA)	81
2.1. Coesão e coerência: organização da crônica jornalística.....	83
2.2. Gramática da notícia e competência lingüística.....	91

2.3. O contexto, o enunciado da crônica jornalística.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
Conclusões e possíveis sugestões para novas investigações	108
REFERÊNCIAS	112

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1	Primeira página.....	38
Figura 2	Editorial.....	39
Figura 3	Notícia.....	40
Figura 4	Reportagem.....	41
Figura 5	Entrevista.....	42
Figura 6	Esporte.....	43
Figura 7	Cultura.....	44
Figura 8	Classificados.....	45
Figura 9	Concursos.....	45
Figura 10	Diversão – Humor.....	46
Figura 11	Textos produzidos pelos alunos da (EJA).....	81
Figura 12	Textos produzidos pelos alunos da (EJA).....	83
Figura 13	Textos produzidos pelos alunos da (EJA).....	91
Figura 14	Crônicas estudadas.....	96

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1	Tipos de textos.....	18
Quadro 2	Registro de linguagem.....	31

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1	Perfil geral dos participantes.....	65
Tabela 2	Tipos de mídia mais procurada pelos alunos.....	66
Tabela 3	Local de leituras realizadas.....	67
Tabela 4	Frequência semanal de leituras realizadas.....	68
Tabela 5	Notícias que os alunos lêem com mais costume.....	69
Tabela 6	Notícias jornalísticas lidas primeiramente.....	70
Tabela 7	Objetivos de buscas de leituras jornalísticas.....	71
Tabela 8	Textos jornalísticos de preferência dos alunos.....	72
Tabela 9	Atrativo para leitura de um texto jornalístico.....	73
Tabela 10	Média de leitura de notícia jornalística.....	74
Tabela 11	Leituras jornalísticas em sua totalidade.....	75
Tabela 12	Conhecimento de crônica.....	76
Tabela 13	Ciência da crônica como texto jornalístico.....	77
Tabela 14	Frequência do termo crônica jornalística em sala de aula.....	78
Tabela 15	Curiosidade na definição de crônica jornalística.....	79
Tabela 16	A crônica como texto.....	79

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I	Questionário de pesquisa.....	116
Anexo II	Guião das entrevistas.....	120
Anexo III	Protocolo das entrevistas.....	121
Anexo IV	Conteúdo programático da pesquisa.....	132
Anexo V	Prática de texto e exercício.....	133
Anexo VI	Crônicas jornalísticas produzidas pelos alunos das turmas A e B.....	136
Anexo VII	Quadro de avaliação: critérios atingidos e não atingidos pelos alunos da (EJA).....	147

INTRODUÇÃO

1. Notas Introdutórias

A educação do Brasil sempre foi alvo de muitas discussões e críticas. Desde a “descoberta” do país busca-se melhorar a qualidade do ensino, para isso, vários projetos e programas educativos foram instituídos, porém por vários motivos não obtiveram o êxito esperado.

Pertinente a essa questão tem-se discutido muito como se direcionam as práticas docentes em sala de aula fundamentadas no “quando” e no “para quê” avaliar. Paralelo a esse contexto, a presente dissertação de mestrado ocorreu mediante o desenvolvimento de uma intervenção envolvendo a crônica jornalística na Educação de Jovens e Adultos (E. J. A.).

O tema surgiu a partir de análises realizadas no cotidiano escolar, no momento em que verifiquei que muitos alunos traziam para as aulas jornais diários e faziam questão de ler as crônicas neles contidas. Então, pensei nessa proposta e somei aos meus estudos de textos realizados durante as aulas de mestrado e refleti sobre como atender esses alunos com uma proposta que pudesse viabilizar esses interesses e colocá-los como sujeitos dos seus próprios conhecimentos.

A descontração, o toque, a sensação de estar em contato com um jornal, pareceu insignificante para os alunos em sala de aula, mas para mim que estava observando, tudo era muito rico e significativo. Surgiu a questão “que conhecimento se tem de crônica jornalística? Como proporcionar esse gênero aos alunos?”.

Segundo a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) as aulas devem ser adequadas à realidade de cada comunidade, por ser assim, a crônica jornalística partiu de fatos vivenciados no dia-a-dia dos jovens e adultos residentes num bairro periférico da região de Belém e aborda a linguagem real da maioria dessas pessoas.

Os (PCN) nos mostram que para as práticas das aulas, os gêneros textuais devem ser agrupados, segundo a função social. Entretanto, não é o que acontece em nossas aulas de Língua Portuguesa. Temos conhecimento de que a prática dos (PCN), na maioria das vezes só ocorre no papel e a aprendizagem dos alunos limita-se ao conhecimento de regras isoladas, o que não permite uma prática efetiva de trabalhos com textos.

Baseando-me na noção de gênero proposto por Bakhtin (2003, p. 262) segundo o qual os gêneros correspondem “a tipos relativamente estáveis de discursos que cumprem com uma função social”, pretendo mostrar novas estratégias de abordagens do ensino de Língua

Portuguesa em sala de aula, propondo um estudo a respeito da crônica jornalística como dispositivo de ensino na (EJA). Ainda segundo Bakhtin (2003, p. 262):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

Desse modo, acredito que o trabalho docente, por meio do gênero focado nessa dissertação, ajuste-se à visão bakhtiniana, uma vez que a crônica jornalística corresponde a um evento discursivo ligado a uma importante esfera da atividade humana: a imprensa.

A narrativa jornalística, segundo Sodré & Ferrari (1986, p.11) é “todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado”, nesse caso, a crônica se constitui em forma de narrativa e retrata o real. Os fatos e as informações da atualidade servem de pretexto para o cronista manter contato com os gêneros literários.

Apell (2004, p.255) afirmou que a crônica contemporânea surgiu com Machado de Assis, pois “foi ele quem pela primeira vez, entre nós, compreendeu em toda sua dimensão a perversidade da vida”, como disse Nelson Rodriguez: “e nos ensinou o sentido da arte, extraiu das coisas mínimas o espírito mais lúcido da nossa cultura.” Machado de Assis, incorporou “a paródia, a ironia, a digressão, o absurdo e o humor, que não deixam pedra sobre pedra.” (p. 256). Nesse sentido é que a crônica passa a se caracterizar como obra de arte, capaz de perceber o literário nos mínimos detalhes da vida cotidiana.

Além disso, a crônica se caracteriza por apresentar um comentário breve sobre o dia-a-dia, geralmente uma notícia pequena, um detalhe insignificante da vida corriqueira.

Pensando nisso, direcionei esta dissertação para a realidade dos alunos do bairro do Sideral, que utilizam como principal fonte de leitura os jornais diários, uma vez que são os que mais lhes interessam, pois se referem a assuntos do seu cotidiano. Esse tipo de fonte “não ficcional” apresenta-se como pura narrativa, com presença de personagens, descrições de ambientes e ação dramática. Assume um compromisso com a objetividade e com a informatividade.

Dessa forma, parece não existir dúvidas de que a crônica faz parte do gênero jornalístico embora muitos críticos a consideram como gênero literário. Seja jornalística, seja

literária, na verdade a crônica está vinculada à atualidade e traz à tona acontecimentos da vida cotidiana, os quais são de extrema importância para essa dissertação.

Essa investigação expande-se sob o desenvolvimento de três etapas. Envolve parâmetros quantitativos e qualitativos. E temas relativos à prática docente do ensino de língua portuguesa em sala de aula num contexto discursivo. Os assuntos tratados nessa dissertação referem-se ao estudo da crônica jornalística e serão aplicados em duas turmas da (EJA) por meio de aulas práticas, direcionadas pelo pesquisador, que será o principal responsável pelo desempenho dos alunos e pelos dados comparativos coletados durante o desenvolvimento da pesquisa.

2. Estrutura da dissertação

Iniciamos o presente Estudo de Caso baseado em uma análise geral da pesquisa com o módulo da introdução. A fase seguinte encontra-se estruturada em quatro capítulos distribuídos do seguinte modo: os capítulos 1 e 2 referem-se a construção da dissertação: revelando a literatura. O capítulo 3 trata da metodologia da investigação seguida nesse estudo. E o capítulo 4 discorre sobre os resultados: relevância, análise e discussão do estudo. A última parte constitui-se por futuras reflexões acerca da pesquisa qualitativa por meio das considerações finais.

Introdução. Reflete-se como ponto de partida do estudo. Define-se a problemática e as possíveis hipóteses, bem como esclarece o interesse na realização da pesquisa. Apresentam-se os aspectos fundamentais que devem ser considerados numa pesquisa de intervenção e suas diferentes fases.

Parte I: Construção da dissertação: revelando a literatura. Retrata-se do enquadramento teórico do estudo, revelando as concepções de autores que desenvolveram pesquisas relacionadas a temática.

- **Capítulo 1: A linguagem da crônica jornalística.** Procura-se uma tentativa de explicação à luz do instrumento de comunicação: a língua. Buscando refletir a importância da linguagem dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para as aulas de língua portuguesa, conforme o documento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

- **Capítulo 2: A Educação de Jovens e Adultos e a crônica.** Aborda-se as aulas de língua portuguesa destacando os gêneros textuais, sobretudo, a crônica jornalística como elemento fundamental para essas aulas, olhando-se para o currículo dessa modalidade de ensino com ênfase a prática avaliativa. Caminhamos em direção ao cotidiano do cronista, abordando as estruturas do texto jornalístico por meio de uma linguagem clara e objetiva visualizada no jornal diário.

Parte II: Metodologia da investigação. Constitui-se por dois capítulos determinados em 3 e 4. O capítulo 3 retrata a componente metodológica e o capítulo 4 refere-se ao trabalho de campo.

- **Capítulo 3: Metodologia.** Discorre-se a pesquisa a partir da realidade do currículo de língua portuguesa no contexto da (EJA). Justificam-se os objetivos do estudo, as devidas opções metodológicas, a pesquisa-ação numa abordagem empírica, bem como explicita a estratégia do Estudo de Caso, os procedimentos de recolha e análise de dados, e as técnicas e instrumentos utilizados na investigação, tais como: a observação, o questionário, a entrevista e a análise de conteúdo, abrangendo o perfil dos participantes.

- **Capítulo 4: Resultados: relevância, análise e discussão.** Refere-se às notas introdutórias da parte concreta da pesquisa, mediante a exploração do conhecimento do campo, a análise e discussão das respostas dos participantes, coletadas a partir das informações obtidas nos instrumentos aplicados, confrontando e analisando de forma quantitativa e qualitativa os dados colhidos e avaliando o desempenho dos alunos a partir dos textos jornalísticos produzidos.

Considerações finais: Para finalizar a investigação são apresentadas as possíveis conclusões detectadas durante a realização do Estudo de Caso, assim como, futuras reflexões para novos estudos tendo por base a pesquisa qualitativa. Encontram-se, logo em seguida as referências.

O estudo finaliza-se com a inclusão dos anexos que serviram de base para a prática do estudo: o questionário de pesquisa (Anexo I), o guião das entrevistas (Anexo II), o protocolo das entrevistas (Anexo III), conteúdo programático da intervenção (Anexo IV), prática de texto e exercício (Anexo V), crônicas jornalísticas produzidas pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos (Anexo VI) e quadro de avaliação: critérios atingidos e não atingidos pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos (Anexo VII).

I

CONSTRUÇÃO DA DISSERTAÇÃO:

REVELANDO A LITERATURA

CAPÍTULO 1

A LINGUAGEM DA CRÔNICA JORNALÍSTICA

1. A linguagem ou enunciado presente na crônica jornalística

No início do século XIX, vários lingüistas tentam explicar a função comunicativa da lingüística. Afirmaram que a língua era um elemento indispensável para a comunicação do homem, mesmo que este se isolasse de todos e vivesse na eterna solidão.

Pensando na língua como essencial à expressão do mundo individual do falante foi que Bakhtin (2003, p.270) explicou que “a língua é deduzida da necessidade do homem de auto-expressar-se, de objetivar-se. A essência da linguagem nessa ou naquela forma, por esse ou aquele caminho se reduz à criação espiritual do indivíduo”.

Refletindo sobre o desenvolvimento positivo da linguagem dos alunos da (EJA), principalmente no que se refere ao ensino de língua portuguesa, foi que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) justificaram que “um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania.” (PCN, 1998).

Portanto, a língua passa a ter valor substancial de acordo com a relação presente no ato da comunicação discursiva do falante com o ouvinte, que é sempre o receptor do discurso. O papel do ouvinte no diálogo era apenas o de escutar passivamente o que o falante expressava no enunciado.

Bakhtin (2003) estabeleceu que a comunicação é um ato discursivo e é composto por uma série de gêneros dos discursos que não podem ser de natureza única. Portanto, “não se deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado.” Nesse contexto, é importante se notar a diferença entre os gêneros discursivos primários e secundários.

Os gêneros primários são aqueles que emanam das situações de comunicação verbais espontâneas, não elaboradas. Nessa espécie de gênero temos um uso imediato da linguagem, a relação de comunicação entre os interlocutores se dá de natureza imediata como nos diálogos do cotidiano e na linguagem oral.

Os gêneros secundários absorvem os gêneros primários e se manifestam por meio da escrita. Esse gênero funciona como instrumento de representação concreta, uma forma de uso mais elaborada da linguagem para construir uma ação verbal em situações

de comunicação mais complexas e mais desenvolvidas, atingindo a cultura, a arte e a política.

No ato da comunicação, no momento em que o ouvinte percebe e compreende o significado existente no discurso passa a assumir um papel ativo em relação a uma atitude responsiva que ele adquire ao longo do processo comunicativo, podendo ser a partir da primeira palavra pronunciada pelo falante. De fato, é o enunciado que mantém o elo entre o falante e o ouvinte. O ouvinte, a partir dessa descoberta e do contato com o outro se torna um falante ativo. Como confirmou Bakhtin (2003).

Toda a compreensão da fala, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva, embora o grau desse ativismo seja bastante diverso, toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena, que se atualiza na subsequente resposta em voz real alta. (p. 271).

Certamente, toda a compreensão desenvolvida pelo falante de forma plena real é ativamente responsiva. Ele não se contenta com uma compreensão passiva, porém exige uma resposta, uma contestação, uma atividade, exige um acordo, porque não existe comunicação entre sujeitos passivos. Na verdade, o que existe é uma relação ativamente responsiva em que o falante completa o seu enunciado para dar vez a outro sujeito do discurso.

Para Bakhtin (2003, p.275) “essa alternância dos sujeitos do discurso, que cria limites precisos do enunciado nos diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação, é de natureza diferente e assume formas várias”. Nota-se a alternância dos sujeitos do discurso, no diálogo real em que se invertem as enunciações dos interlocutores.

Até no campo da comunicação cultural complexamente organizada, a natureza do enunciado é o mesmo. Em cada enunciado sente-se a intenção do gênero do discurso ou o desejo discursivo do falante, que comanda completamente esse enunciado.

Portanto, aprender a falar tem o sentido de construção de significados. Na linguagem bakhtiniana “os gêneros do discurso organizam as formas gramaticais sintáticas”. A variedade dos gêneros é determinada de acordo com a função social que ele assume no ato da comunicação.

Seguindo a teoria bakhtiniana existem três características que compõem um gênero do discurso: a estrutura, o conteúdo temático e o estilo. No texto jornalístico a estrutura ou plano composicional é que define a crônica como gênero específico do jornal. Principalmente porque das três características “a estrutura” pode ser a mais significativa, uma vez que o formato visual se torna importante por chamar bastante atenção do observador.

Esse gênero é composto por dois tipos de linguagem: verbal e visual. A primeira compõe-se de pequenos textos, com títulos chamativos que retratam o conteúdo informacional. A segunda aparece sob a forma de fotografias ou imagens caricaturais com o objetivo de ironizar, satirizar os fatos reais e provocar o entretenimento do leitor. A interlocução existente entre a linguagem verbal e a linguagem visual aponta maior informalidade aos assuntos transmitidos.

Na última característica apontada por Bakhtin, isto é, o estilo, o que se torna necessário destacar seria a questão da criatividade lingüística. No texto jornalístico é comum o uso da linguagem conotativa, uso de metáforas e comparações recriadas. O aspecto polissêmico das palavras satirizadas e ironizadas busca resgatarem um estilo expressivo carregado de neologismo e novas palavras semanticamente derivadas dos fatos diários.

Tratando-se da crônica jornalística como um dispositivo pertencente à imprensa veremos que retrata uma linguagem acessível aos leitores. A mensagem tem a intenção de causar certo envolvimento com o leitor que é responsável pelo sucesso do jornal. Quanto maior a quantidade de leitores, melhor para a imprensa. Nesse sentido, o que se pretende alcançar é um grande número de leitores, para isso, usa-se uma linguagem bem próxima do cotidiano do leitor.

No caso da (EJA), o que aproxima a crônica jornalística dos alunos é o fato de mostrar nas narrativas uma linguagem bastante conhecida e usada por eles no seu diálogo diário, além de mostrar acontecimentos e eventos que os próprios alunos possam ter presenciado. Citamos como exemplos as crônicas policiais, sociais e as crônicas futebolísticas.

2. O retrato da realidade: a crônica e o jornalismo

No mesmo dia em que a imprensa anunciou o bombardeamento, duas damas anunciaram coisa diversa. “Uma senhora séria precisa de um homem honesto que a proteja ocultamente; quem

estiver nas condições” etc. Assim falou uma. Aqui está a linguagem da outra: “Uma moça distinta e bem educada precisa de um cavalheiro rico que a proteja ocultamente; carta” etc.

Assim, enquanto as forças públicas se dividiam, forças particulares cuidavam de unir-se a outras forças, e ainda uma vez se dava esse contraste do caso particular com o social, contraste aparente, como todos os demais fenômenos deste mundo.

(Machado de Assis, 2007, p. 147)

Nessa crônica, Machado de Assis, fotografa um retrato real das ações humanas. Com grande habilidade ele contrapõe dois mundos diferentes: o das aparências e outro real que nunca ou raramente surgem, mas que encontra no texto sua forma de manifestação, no momento em que o cronista revela ao leitor o que poderia haver sob um simples anúncio.

O bombardeio retratado na crônica ocorreu em 14 de setembro de 1893 e foi realizado pelos comandantes dos navios que fizeram parte da Revolta da Armada. Nesse período, a revolta foi comandada pelo almirante Custódio de Melo, diversos navios bombardearam a cidade do Rio de Janeiro, enquanto a preocupação da população estava em se divertir durante o bombardeio como se fosse um grande espetáculo.

Considerar a crônica como um elemento pertencente a imprensa, na verdade foi bem interessante para Sodré & Ferrari (1986) que acreditavam e propuseram a crônica jornalística como um documento favorável para o estudo do cotidiano.

No entanto, com a intenção de abordar o mundo real e espiritual vivido pelo leitor é que Sodré & Ferrari (1986) mostraram que a crônica passa a transmitir um retrato da pura realidade. Esse discurso textual passou a ter vida nas revistas e nos jornais. E a preferência do público, isto é, do leitor passou a ser dominada pelos textos jornalísticos.

No fragmento da crônica acima, o que Machado de Assis tentou passar, pode ser tomado como exemplo para a compreensão do sentido real da crônica. O lado misterioso fica a critério do leitor. O tempo explorado pelo escritor da crônica é o momento presente, em que deixa bem evidente o critério de verdade.

Machado também estabelece a diferença entre o historiador e o contador de histórias. O primeiro aborda os relatos da crônica jornalística na perspectiva da história; o segundo interpreta e analisa o cotidiano a partir dessa história.

Com base nessa discussão Flick (2004) retratou como ponto de partida para construção da realidade o texto como concepção de mundo, assim, nas construções textuais “são traduzidas as relações pressupostas: a experiência cotidiana é traduzida

para o conhecimento, os relatos dessas experiências ou eventos e atividades são traduzidos para textos” (p. 48).

Ao retratar a concepção de mundo no texto o aluno se lembra das interpretações cotidianas baseadas em eventos reais. A crônica por estar ligada a uma atividade humana pode apresentar traços do fenômeno mimético, pois;

Qualquer que possa ser a categoria dessas histórias, que são de certa forma, anteriores à narração que a elas podemos dar a mera utilização da palavra história, tomada nesse sentido pré-narrativo, atesta à nossa compreensão prévia que a ação humana, até o ponto em que caracteriza uma história de vida que merece ser contada.

(Ricoeur, 1981, p.20, citado por Flick, 2004, p. 49)

Nesse sentido, a mimese refere-se ao conhecimento prévio da ação humana, a seus diversos significados, a seus sentidos reais que são notados num espaço temporal.

As considerações do autor a respeito do fenômeno mimético oferecem três formas distintas de mimese baseada no fenômeno textual:

A partir da compreensão prévia, comum aos poetas e aos leitores, surge a ficção, e, com a ficção, vem a segunda forma de mimese, que é textual e literária.

A transformação mimética no “processamento” de experiências de ambientes sociais ou naturais em textos – quer seja nas narrativas cotidianas relatadas para outras pessoas, em determinados documentos, ou na produção de textos para fins de pesquisa – deve ser entendida como um processo de construção, mimese: é esse o reino da mimese, entre a antecedência e a descendência da ação.

A transformação mimética de textos em compreensão ocorre através de processos de interpretação, mimese – na compreensão cotidiana de narrativas, documentos, livros, jornais, etc., a mimese indica a interseção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou leitor.

(Ricoeur, citado por Flick, 2004, p. 49/50)

Atualmente, a preocupação da maioria dos historiadores está no fato da crônica jornalística ser considerada como uma fonte documental. Neves (1992) apontou dicas para se pensar na crônica como um elemento documental na investigação histórica:

Documento na medida em que se constitui como um discurso polifacético, que expressa de forma certamente contraditória, um tempo social vivido pelos contemporâneos como um momento de transformações. Documento, portanto, porque se apresenta como um dos elementos

que tecem a novidade desse tempo vivido. Documento nesse sentido, porque imagem de nova ordem. Documento finalmente, porque monumento de um tempo social. (p.76).

A crônica se transforma num documento monumental quando num determinado tempo social se preserva a memória desse social. Neves (1992, p. 414) afirmou que as potencialidades da crônica “são resultados diretos da própria transformação da sociedade na qual ela se funda e conseqüentemente, de tal gênero literário”. Dessa forma, refletir a crônica pressupõe de imediato, pensar a própria realidade do cronista, assim como, seu papel de personagem-autor que sempre procurou documentar nos registros relatados.

Nesse contexto, a importância do jornal enquanto meio de comunicação é fundamental. As imagens apresentadas e as narrativas do dia-a-dia passam a ser estudadas como “construções” que podem ser analisadas do ponto de vista da história.

A necessidade do jornal, como explicou Neves (1992) pode ser comparada ao processo de transformação que a imprensa sofreu nos últimos tempos. Hoje, a modernidade da imprensa apresenta um desenvolvimento de cunho empresarial com profissionais capacitados na área do jornalismo, com a formação de um grande público, além de novas técnicas que são usadas para a divulgação desse gênero.

A crônica, palavra originária do grego “chronikós”, que faz alusão ao tempo “chrónos”, surgiu a partir da publicação do primeiro folhetim. Ligada especificamente à história, onde os cronistas medievais, principalmente Fernão Lopes, relatavam as grandes vitórias dos heróis e dos príncipes que comandavam essa Era.

Quando a crônica se fixa no Brasil passa a ser um gênero caracterizado como brasileiro e tem início com a Carta de Pero Vaz de Caminha. No entanto, passa a ocupar espaço no jornal com as notícias de Machado de Assis. O jornal é quem dá vida a crônica ou ao cronista, no momento em que delimita o espaço que deve ser utilizado como coluna e estabelece certos padrões políticos, sociais, econômicos e culturais que devem ser limitados pelo autor. A criatividade, a ironia, os relatos diários passam a ser de extrema responsabilidade do escritor.

O texto jornalístico, enquanto gênero discursivo, no caso, a crônica apresenta uma leitura breve “num estalar de dedos” o leitor realiza uma nova leitura de uma outra notícia. Essa característica se desenvolve pelo fato da crônica não ter intenção de durabilidade. Por isso, muitos alunos da (EJA) “usam e abusam” desse tipo de texto. E o cronista se sente bem “solto” e bem “livre” para expressar os acontecimentos

observados no sentido subjetivo e interpretativo. Agora a criatividade, o senso de humor, as palavras recriadas devem fazer parte do universo desse escritor que não deve deixar escapar nenhum detalhe da vida cotidiana.

A partir desse momento, o cronista assume um papel de historiador dos fatos diários, mesmo sem nenhuma pretensão de se fazer história ele objetiva os relatos dos acontecimentos do cotidiano com liberdade e desejo de detalhar a vida como ela é. As críticas construtivas e destrutivas da sociedade, as derrotas e vitórias do dia-a-dia, os momentos atuais, as intrigas e fofocas, os fatos culturais são temas tratados na crônica e constituem-se em elementos indispensáveis para o estudo do cronista.

Portanto, é importante ressaltar que ninguém consegue se liberar totalmente da “cotidianidade”, onde estiver precisa-se passar por esse momento, como afirmou Heller:

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias, (2008, p. 31).

Seguindo esse ponto de vista, a relação da história do cotidiano com a crônica é fundamental para o investigador (cronista). O importante está nas notícias diárias e breves do próprio jornal e no momento presente, tempo bastante explorado pelo cronista.

É inegável que o cotidiano pertence a uma dimensão temporal da realidade. Assim como é inegável afirmar que é o momento da ação da história em que ocorre a transformação dos fatos, mesmo que de forma lenta e passageira ou num “pisar de olhos”. O cotidiano é a vida da história, nele os acontecimentos se transformam num espaço de disputa e de conflito como afirmou Heller (1989) “a vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social” (p. 20).

Nesse sentido, o cronista e a crônica podem ser vistos como intérpretes de um único momento histórico em que o cotidiano funciona como indicador do tempo vivido, transformando-se num espaço concreto, lugar indispensável para a realização da história. O cotidiano da crônica e a rotina do cronista mostram um tempo não de alienação, mas aponta as críticas, os mistérios, os detalhes secretos da sociedade, os

temores do povo, as esperanças, as vontades que somente podem ser reveladas pela idéia do momento presente, momento que ganha vida no jornal diário.

3. A importância do texto jornalístico para o ensino da língua portuguesa

O ensino da língua portuguesa no Brasil tem sido voltado normalmente para estudos baseados na ótica dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que determinam como finalidade do ensino de língua portuguesa não mais o de promover exclusivamente o desenvolvimento de habilidades de leitura e de produção ou domínio da língua padrão, mas também passou a estudar o domínio da competência textual, ultrapassando os limites escolares.

Os (PCN, 1998) afirmam que a produção de um discurso não nasce de um vazio, e sim, se estabelece dentro de um determinado gênero e determinam a linguagem como: “ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história” (p.20).

Os (PCN) mostram os diversos gêneros existentes na natureza humana e propõem um ensino centrado no uso deles e dizem ainda, que um texto se estrutura dentro deste mesmo gênero. Assim, os textos discursivos podem compartilhar algumas características comuns, como a extensão, a literariedade, a coerência e coesão, o grau de comunicabilidade que são aspectos detectados em textos diversificados.

Além de determinar a linguagem como “prática social”, os (PCN) esclarecem o objetivo principal da educação: “formar indivíduos que desenvolvam o exercício da cidadania”, ou seja, os indivíduos devem estar aptos a atuar de forma crítica e produtiva na sociedade, transformando-a por meio dos conhecimentos adquiridos explorados nas ações verbais, capazes de interagir com a linguagem, isto é, “realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução” (PCN, 1998). A partir do momento que um sujeito se comunica com outro, o discurso se estrutura de acordo com a finalidade e intenções do locutor, dos conhecimentos que ele acredita que o outro (interlocutor) possui sobre o assunto.

No entanto, o discurso se manifesta linguisticamente por meio de textos “o produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, qualquer que seja sua extensão, é o texto, uma seqüência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e coerência” (p. 21). Dessa forma, um texto só pode ser constituído quando passa a ser compreendido no sentido global.

Diversos estudos lingüísticos e os (PCN) afirmam que disponibilizar tipologias de textos aos alunos não é suficiente para desenvolver-lhes a competência discursiva, mas o fundamental é orientar uma ampla reflexão sobre o uso social de cada texto, levando em consideração o contexto de circulação. Por isso, é imprescindível compreender a questão dos gêneros dos discursos como uma questão central do trabalho com o ensino de língua portuguesa.

Geraldi (1993) afirmou que a produção de textos “orais e escritos” reflete o ponto de partida e de chegada para o processo de aprendizagem da língua. Desse modo, é “no texto que a língua se revela em sua totalidade quer enquanto conjunto de formas e de seu reaparecimento quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva constituída no próprio processo de enunciação marcada pela temporalidade e suas dimensões” (p. 135).

Entretanto, Bakhtin (2003) detectou que o emprego da língua efetua-se por meio de enunciados “orais e escritos”, “reais e únicos” e são:

Proferidos pelos integrantes desse, ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo temático e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais das línguas, mas acima de tudo, por sua construção composicional (p. 261).

Os três elementos detectados acima: “o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional” que Bakhtin retratou são inseparáveis do enunciado e são determinados pelo campo da comunicação. Assim, cada enunciado pode se apresentar de forma particular e individual, porém cada campo de utilização da língua realiza tipos relativamente de enunciados, que chamamos de gêneros discursivos.

Acrescentamos que para a escolha do gênero do enunciado Bakhtin (2003) sublinhou que “a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de um

certo gênero de discurso” (p. 282). Tal escolha determina-se de acordo com o campo da comunicação discursiva, pela situação concreta da comunicação discursiva e pela composição dos envolvidos no ato da fala.

Seguindo esse parâmetro, o desenvolvimento de bons leitores e bons produtores de texto depende da percepção de conhecimento que o leitor compartilha com o mundo e da relação de envolvimento dos interlocutores com o contexto, de acordo com Geraldi (1993) um texto deve atender a certas finalidades e responder as questões: Quem escreve? O que se escreve? Para que escreve? Quando se escreve? Como se escreve? E onde se escreve?

Com relação à condição “como se escreve”, é necessário refletir o gênero que o aluno usará para interagir com o interlocutor, uma vez que cada gênero textual apresenta suas próprias peculiaridades, como: a estrutura, a composição e o estilo, tais características podem variar conforme o seu modelo. No caso do texto jornalístico, a variedade começa pelo aspecto significativo da abordagem dos textos em descritivos, narrativos e dissertativos. Os variados gêneros estão presentes em todo o jornal e podem contribuir para a formação do leitor-produtor e cidadão-construtor da sua própria história.

Pavani, Junquer e Cortez (2007) detectaram o jornal como um gênero de transformação da realidade que fornece o acesso de informação para a comunidade, afim de que essa possa garantir pleno exercício da cidadania. E assim, o jornal pode ser visto como um importante veículo de comunicação impressa que propõe subsídios para enriquecer o aprendizado do ensino de língua portuguesa.

Na verdade, o jornal, além de ser um meio de comunicação acessível, oferece uma diversidade de gêneros discursivos, apresenta uma dinâmica social, expõe acontecimentos do cotidiano e aproxima os alunos dos assuntos atuais, por tudo isso, torna-se um recurso importante, um objeto de ensino eficiente para o ensino de língua portuguesa.

Desse modo, por apresentarem um trabalho ligado aos gêneros textuais, os (PCN) de língua portuguesa do ensino fundamental, em que se enquadra a Educação de Jovens e Adultos, sugerem como proposta para o conteúdo educacional um estudo aprofundado nos diversos gêneros.

Para que essa proposta apresentada nos (PCN) se concretize no contexto educacional, é necessário que as discussões cheguem até a sala de aula. Uma das formas

de alcance é que os professores explorem nas aulas textos originais, da própria realidade dos alunos.

Nessa perspectiva é importante retratar alguns aspectos referentes ao conceito de gênero do discurso defendido nos (PCN), segundo a visão bakhtiniana, tentando apontar a forma que esse documento define tais gêneros, como um assunto “novo” em relação ao ensino de língua portuguesa.

Os conteúdos estabelecidos nos (PCN) para o ensino de língua portuguesa giram em torno das práticas lingüísticas que exigem a reflexão-crítica do aluno, de modo que ele possa ampliar sua competência discursiva para as práticas de escuta, leitura e produção de textos.

Para a prática da produção, os (PCN) sugerem os seguintes tipos de textos:

Quadro 1

Tipos de Textos

Linguagem oral
Literárias
Canção, textos dramáticos
De imprensa
Notícia, entrevista, debate, depoimento
Linguagem escrita
Literárias
Crônica, conto, poema
De imprensa
Notícia, artigo, entrevista

(PCN, 1998, p. 57)

Como se observou na classificação acima os (PCN) sugerem a crônica enquanto elemento literário e não de imprensa. Neste Estudo de Caso, porém adotamos a crônica enquanto texto de imprensa por explorar a prática da linguagem escrita, por ser de fácil entendimento e retratar fatos do cotidiano presente na realidade do aluno, uma vez que:

É preciso priorizar os gêneros que merecerão abordagem mais aprofundada. Sem negar a importância dos textos que respondem a exigências das situações privadas de interlocução, em função dos compromissos de assegurar ao aluno o exercício pleno da cidadania, é preciso que as

situações escolares e do ensino de língua portuguesa priorize os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem.

(PCN, 1998, p.24)

Nesse sentido, os (PCN) deixam evidente que os textos selecionados são aqueles que favorecem a reflexão crítica e que contribuem para a participação ativa do indivíduo na sociedade, por isso, a crônica mesmo sendo enquadrada nos textos literários pode ir além do proposto nos (PCN), por tratar de assuntos referentes ao uso público da linguagem.

Nesse contexto, é possível falar de um gênero que possibilite uma reflexão em que não está visível apenas a linguagem, mas o modo como essa linguagem se mostra diante do mundo. A possibilidade reflexiva torna-se importante no momento em que o aluno toma posse do gênero do discurso e escreve um texto mais conveniente para a sua leitura.

O texto jornalístico por ser considerado um gênero discursivo e fazer parte da realidade dos alunos favorece uma aula que explore diferentes práticas sociais. Ponte (2004) considerou o jornalismo como um gênero de discurso de natureza complexa que envolve aspectos culturais e coletivos, destacou ainda, para esse gênero um discurso reportado, que segundo ela “faz-se para uma terceira pessoa, há um destinatário efetivo das palavras reportadas” (p. 27), passando a ser “entendido este outro em duplo sentido, de promotores e actores interessados e intervenientes na informação, por um lado, e leitores comuns sem acesso nem controlo sobre a acção reportada, por outro” (Ponte, 2004, p. 27).

Assim, a notícia reportada é dirigida também para um destinatário específico: o “leitor - ator – promotor” que em determinados momentos age como leitor e produtor do texto. A notícia pode ser direcionada de acordo com o público, respeitando seus interesses e nível de conhecimento que este apresenta.

No caso, em sala de aula os destinatários são alunos com interesses em textos jornalísticos direcionados aos seus gostos específicos. Tomemos, por exemplo, uma crônica futebolística em que geralmente a maioria dos alunos do sexo masculino, comenta e discute entre si ao lê-la. Já a maioria das moças que não “entende” de futebol, ao ler a mesma crônica não demonstra ter acesso e nem controle sobre o assunto reportado.

Nesse sentido, percebemos que o trabalho direcionado com gêneros discursivos propicia aos alunos possibilidade de envolvimento com as situações reais, favorecendo-os à escolha do gênero ideal para a sua produção.

Diante disso, a concepção teórica de gêneros textuais e a prática desses como dispositivos norteadores de ensino e aprendizagem de língua portuguesa possibilitam aos professores realizarem uma aula não só utilizando as atividades gramaticais com a língua e a linguagem, mas a aprofundar as aulas com as diferentes práticas sociais.

CAPÍTULO 2

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A

CRÔNICA

1. O estudo da crônica jornalística numa abordagem curricular: os (PCN) reais e a (EJA)

O currículo atual da Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) tem concedido grande importância a avaliação, insistindo que ela deve ser contínua e formativa, concebendo-a como mais um elemento do processo de ensino e aprendizagem.

Na prática real, refiro-me aqui às aulas de Língua Portuguesa, em que os gêneros textuais devem ser incluídos no programa dessa disciplina, cumprindo uma função social. E parece que a maioria das nossas escolas não tem levado a questão dos (PCN) muito a sério, pois o que se observa é que a prática desses se realiza somente no papel e os conteúdos são transmitidos sem nenhuma preocupação com a aprendizagem do ensino da linguagem proposto pelos (PCN). Essa afirmação foi detectada durante a investigação realizada com as duas turmas da (EJA) na fase de observação, mas, por ser a (EJA) de natureza intensiva e apresentar um tempo reduzido para a execução dos currículos, o que se espera na realidade sob o ensino das aulas de língua portuguesa é que:

O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade lingüística, são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo, produzem cultura.

(Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998)

Desse modo, um programa educativo comprometido com a democratização social e cultural, segundo os (PCN) deve atribuir à escola a função e a responsabilidade de contribuir para garantir a todos os alunos o acesso aos saberes lingüísticos que são fundamentais para o exercício da cidadania.

Na verdade, todos os alunos devem ter a oportunidade de descobrir que a linguagem é rica e importante para o ensino de línguas, jamais deve se afastar do cotidiano da escola. Uma solução para despertar essa percepção seria desenvolver textos que despertassem o interesse desses alunos, para que pudessem reviver o ensino oferecido pelos (PCN), mas para isso, alguns objetivos do programa, deveriam ser postos em prática, como:

- Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- Utilizar diferentes linguagens – verbal, plástica, musical – como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação.

(Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998).

De acordo com os objetivos expostos nos (PCN) pensar sobre o ensino da língua portuguesa na educação requer o entendimento do discente como o período da vida claramente marcado por mudanças que acontecem em várias dimensões, tais como: sociocultural, afetivo-emocional, cognitiva e corporal. Exige esforço e domínio das práticas sociais da linguagem, em situações que possam contribuir com a formação do sujeito.

Pensando em avaliar os alunos da (EJA) foi que o Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA), criado no ano de 2002, buscou construir uma referência de avaliação para jovens e adultos que não conseguiram concluir os estudos na idade certa. O exame atendeu ao pedido do Conselho Nacional de Educação (CNE) e o Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED).

A (ENCCEJA), uma nova proposta de avaliação, pretende organizar e oferecer aos parceiros que desejarem um exame que possa avaliar as competências e habilidades de jovens e adultos.

O referido exame foi elaborado de acordo com os preceitos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), das Diretrizes Curriculares Nacionais para a (EJA) e alguns pareceres da resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) para a (EJA). A (ENCCEJA) incorpora os conceitos de interdisciplinaridade, contextualização e resolução de problemas e visa promover a formação de indivíduos capazes de decidir sobre suas vidas, com respeito ao outro, capaz de atuar com responsabilidade na sociedade.

O censo escolar (1998 – 2001) informou que no Brasil, são mais de três milhões de alunos matriculados na (EJA) e ainda estimou um aumento de 10% ao ano desse número de matriculados. Esses dados mostram a quantidade excessiva de jovens e adultos que não tiveram condições de concluir o ensino básico em idade apropriada.

No artigo 205 da Constituição Federal tornou-se evidente o princípio de toda e qualquer educação, pois “visa ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o

exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. A (LDB – artigo 2) incorporou esse princípio e determinou o conjunto das pessoas e dos estudantes como um mundo de referência sem limitações. Com base nesses artigos, a (EJA), vista como uma modalidade de ensino vem lutando em prol de uma educação igualitária em que todos os jovens e adultos possam ser vistos sem distinção.

Seguindo aspectos formais a Lei nº 9394/ 96 (LDB) passou a considerar a (EJA) enquanto modalidade da educação básica nas etapas do ensino fundamental, no caso, passou a usufruir de uma especificidade própria, além de receber um tratamento especial.

A (EJA), de acordo com a (LDB, Artigo 37) foi destinada àqueles que não tiveram oportunidade de prosseguir os estudos na idade própria, insere-se num contexto em que a nação compreende e realiza a educação como um instrumento estratégico para o pleno desenvolvimento de pessoas e da sociedade como um todo. Assim, a (EJA), passou a assumir a responsabilidade de universalizar o ensino de qualidade. E a (LDB) nos Artigos 37 e 38 tornou facultativo o ingresso aos sistemas de ensino nos exames e cursos destinados para essa modalidade.

Os alunos da (EJA) apresentam-se na faixa etária de 18 a 50 anos, infelizmente ainda estão cursando essas séries, no caso, retrato à 4ª etapa, correspondente a 7ª e 8ª séries, devido dificuldades encontradas durante a vida escolar. Pode-se dizer que esta fase da educação engloba a juventude e os adultos.

A fim de recuperar o “tempo perdido” os discentes precisam que a escola cumpra pelo menos uma parte dos objetivos propostos pelos (PCN). Dessa forma, o ensino certamente terá progresso e os alunos tornar-se-ão cidadãos críticos e capazes de entender o mundo que os cerca.

A crônica jornalística por ser um gênero fecundo para a investigação e possuir um objeto privilegiado, como a construção de novos significados na articulação entre várias linguagens, torna-se um dispositivo de ensino para os alunos da (EJA), que devem perceber que a aprendizagem não está totalmente perdida. Ao recriar a realidade, esse tipo de texto abre campo para novos pontos de vista, por isso necessita da criatividade desses alunos para vir à tona.

De acordo com os (PCN), a crônica nos dias atuais é no jornalismo brasileiro um gênero bem definido e especial que assume característica tipicamente brasileira. Com traços de leitura breve, podendo ser publicada em jornais e revistas, vinculada à atualidade, apresenta elementos não-ficcionais e poéticos.

Assim, a crônica pode refletir o universo de forma poética, irônica, além de dominar o imaginário coletivo presente no dia-a-dia das vidas dos alunos da (EJA). A crônica jornalística numa abordagem curricular dos (PCN), apresenta um olhar diferente sobre a realidade que não desperdiça a totalidade dos fatos, como um flash que capta poeticamente o momento, dando a ele uma duração de eternidade.

Tudo isto cansa, tudo isto exaure. Este sol é o mesmo sol, debaixo do qual, segundo uma palavra antiga, nada existe que seja novo. A lua não é outra lua. O céu azul ou embruscado, as estrelas e as nuvens, o galo da madrugada, o burro que puxa o bonde, o bonde que leva a gente, a gente que fala ou cala, é tudo a mesma coisa. Lá vai um para a banca da advocacia, outro para o gabinete médico, este vende, aquele compra aquele outro empresta, enquanto a chuva cai ou não cai, e o vento sopra ou não; mas sempre o mesmo vento e a mesma chuva. Tudo isto cansa, tudo isto exaure. (...) A primeira crônica do mundo é justamente a que conta a primeira semana dele, dia por dia, até o sétimo em que o Senhor descansou.

(Machado de Assis, p. 158)

2. O Currículo e a EJA: ênfase a prática avaliativa

Pensando em responder o “como avaliar”, a (EJA) passou por um sistema de avaliação cujo aproveitamento do aluno começou a depender do desempenho processual sistemático e cumulativo. Realizada pela equipe escolar ao longo do período letivo, relacionando conteúdos diversificados por diferentes instrumentos: provas, pesquisas, testes e pré-testes.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) convive normalmente com a questão: de que forma construir um currículo que atenda essa população e considere as transformações que ocorrem no mundo? O que temos observado é que o sistema educacional vem tentando “mascarar” a realidade desse público, proporcionando a homogeneização do currículo. Se formos considerar a conceituação de vários autores, perceberemos que a formação homogênea é inexistente para a nossa realidade e a definição de currículo liga-se aos aspectos práticos, sociais, humanos e culturais de cada comunidade.

Sacristán (2000) deduziu que a prática a que se refere o currículo “é uma realidade prévia muito bem estabelecida através de comportamentos didáticos, políticos, administrativos e econômicos” (p.13), que encobrem valores que sujeitam a teoria de currículo.

Grundy (1987, citado por Sacristán) garantiu que:

O currículo não é um conceito, mas uma construção cultural. Isto é, não se trata de um conceito abstrato que tenha algum tipo de existência fora e previamente à experiência humana. É antes, um modo de organizar uma série de práticas educativas (p.05).

Por ser uma prática complexa é comum deparar-se com inúmeras perspectivas que separam pontos de vista num âmbito pedagógico do currículo.

Sacristán (2000) referiu-se ao currículo com a seguinte observação:

O currículo relaciona-se com a instrumentalização concreta que faz da escola um determinado sistema social, pois é através dele que lhe dota de conteúdo, missão que se expressa por meio de usos quase universais em todos os sistemas educativos, embora condicionamentos históricos e pela peculiaridade de cada contexto, se expresse em ritos, mecanismos que adquirem certa especificidade em cada sistema educativo (p.15).

Portanto, é complexo estabelecer em forma de esquema e num discurso coerente as inúmeras funções que o currículo apresenta. Sobretudo, necessita-se saber que está relacionado com a concretização das funções da própria escola. E Sacristán (2000, p.15) advertiu que:

O currículo é uma praxe antes que um objeto estático emanado de um modelo coerente de pensar a educação ou as aprendizagens necessárias das crianças e dos jovens, que tampouco se esgota na parte explícita do projeto de socialização cultural, nas escolas.

O currículo é uma prática social que determinada escola desenvolve e reagrupa novas práticas originando o ensino. Apple (1986, citado por Sacristán, 2000) afirmou que “o conhecimento aberto e encoberto que se encontra nas situações escolares e os princípios de seleção, organização e avaliação deste conhecimento são uma seleção regida pelo valor, de um universo muito mais amplo de conhecimentos e princípios de seleção possíveis” (p.66).

Apple (1986) mostrou que não se pode estabelecer uma relação direta e reprodutivista entre as formas políticas e econômicas da sociedade e o campo da educação, nem passar as relações de produção capitalista para as gerações escolares e afirmou que “necessitamos interpretar as escolas mais socialmente, culturalmente e estruturalmente”. Assim, mais uma vez detectamos que os currículos são formas de expressões que se apóiam no sistema educativo e se apresentam em forma de ensino escolarizado.

Quando nos baseamos na definição dada por Sacristán (2000) e Apple (1986) vemos que ambos os autores referiram-se ao currículo de forma semelhante. Os autores chegaram a definir o currículo como uma atividade complexa e relacionada a prática.

No que se refere ao currículo da (EJA), naturalmente que se apóia em critérios estabelecidos pela (ENCCEJA), e nos conteúdos propostos pelos (PCN), que envolvem uma série de procedimentos de avaliação que valorizam a concretização da prática dos professores em relação aos alunos que descobrem por meio de certos critérios que estão sendo avaliados. Nesse caso, a ênfase dada a prática avaliativa trata-se de um aspecto de mudança curricular que depende das condições escolares.

De certa forma, o ensino acontece no momento de avaliação, e as tarefas anunciam parâmetros nos processos realizados e nos produtos esperados. Como afirmou Sacristán (2000) “existe certo clima de controle na dinâmica cotidiana do ensino, sem que necessariamente deva manifestar-se em procedimentos formais que, por outro lado, são muito freqüentes”. Nesse sentido, um aluno percebe que o avaliam quando lhe direcionam perguntas, quando lhe oferecem tarefas, quando o professor lhe propõe sugestões de atividades cotidianas, quando o reprovam ou o aprovam.

A realização de significados do currículo pode estar explicitamente ligada aos sistemas de controle formal que dominam as práticas reais curriculares e avaliação atua como peça modeladora de tais práticas.

Sacristán (2000) referiu-se ao processo de avaliação e propôs como instrumento de análise para essa técnica a aproximação dos fenômenos envolvidos, através dos processos de tomada de decisões do professor, uma vez que:

Um professor, frente a um exame ou tarefa do aluno com certo grau de complexidade, deve realizar um processo de coleta de informação mais complicada, porque existem mais respostas estritamente prevista do aluno e porque evidencia aspectos mais complexos das tarefas escolares. (p.333).

No entanto, a presença da ambigüidade, reduz o sentido do procedimento, porém estimula certos questionamentos que ampliam informações necessárias que comprovam respostas distintas entre os alunos.

O tema “avaliação” e a ênfase dada à prática avaliativa levam a propor inúmeros procedimentos em que a informação é um processo típico de cada caso. A polêmica dada à avaliação formal e a informal, a formativa e a somativa apontam desafios comuns ao professor para realizá-las.

3. O cotidiano do cronista: a singularidade do homem “quase” comum

A vida cotidiana é interessante para o cronista, que como homem se apropria desse tempo. O cronista é um homem quase comum, digo “quase” por que ele precisa ser mais esperto para os detalhes da vida cotidiana do que qualquer outro homem.

Considerando que a vida cotidiana é heterogênea, principalmente no que se refere à significação ou necessidade de diversos tipos de atividade foi que Heller (2008, p. 32) explicou que “a significação da vida cotidiana, tal como seu conteúdo, não é apenas heterogênea, mas igualmente hierárquica”, por ser assim, a hierarquia da vida cotidiana pode não parecer eterna e imutável, mas se transforma em função dos valores sociais.

Nesse caso, no tempo pré-histórico, o que assumiu o papel dominante na estrutura da sociedade foi o trabalho dos escravos para os servos. Essa estrutura teve a duração de muitos anos e toda a vida cotidiana se constituía por meio da organização do trabalho que era responsável pelo desenvolvimento das demais atividades.

No entanto, a heterogeneidade e a ordem hierárquica dos fatos da vida cotidiana possibilitam uma maior compreensão acerca da produção e reprodução, elementos necessários para que as esferas heterogêneas da cotidianidade se mantenham em movimento concomitante.

Ao nascer o homem já apresenta traços da cotidianidade. Com o amadurecimento passa a adquirir inúmeras habilidades indispensáveis para a vida cotidiana da sociedade em que vive. Quando adulto deve manipular e dominar os instrumentos que fazem parte do seu convívio rotineiro, como beber água no copo, comer utilizando garfo e faca. A partir do momento que mantém domínio e assimilação sobre as coisas, pode-se dizer que começou a assimilar as relações sociais.

A forma concreta de submissão à natureza é sempre mediatizada pelas relações sociais, mas o fato em si da submissão à natureza persiste sempre enquanto tal. Se a assimilação da manipulação das coisas é já condição de amadurecimento do homem até tornar-se adulto na cotidianidade, o mesmo poder-se-á dizer, e pelo menos, em igual medida, no que se refere a assimilação imediata das formas do intercâmbio ou comunicação social.

(Heller, 2008, p. 33)

Nesse contexto, a assimilação para cotidianidade tem início com o contato com o grupo em que se vive, em casa, na escola, na igreja, em pequenas comunidades. O grupo

apreende valores morais e éticos de outras integrações maiores. O cronista se apropria desses valores assimilados para relatar esse cotidiano. E a vida cotidiana “não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social.” (Heller, 2008, p. 34). Então, o cotidiano é a vida do cronista. É desse momento que ele extrai as melhores coisas, que são substâncias para os seus textos.

O cronista precisa descobrir que por trás das histórias dos outros existe um “eu” que se formou a partir de observações feitas por ele. O “eu” que se configura nas narrações é ser singular que se mostra apenas diante da cotidianidade dos acontecimentos vividos por outros. No que diz respeito à singularidade Heller (2008) informou que “o homem singular não é puro e simplesmente indivíduo, no sentido aludido, nas condições da manipulação social e da alienação, ele se vai fragmentando cada vez mais em seus papéis” (p. 37).

Todavia, o cronista assume inúmeros papéis diante da sociedade em comum com a realidade que o cerca. Há momento em que ele atua como narrador-observador e momento em que passa a ser o personagem da ação de histórias alheias. Seu cenário é basicamente criado a partir da análise observada na cotidianidade da vida real. O espaço é ilimitado e momentâneo, depende das situações em que se desenrolaram os fatos. As cenas, geralmente são criadas e recriadas num espaço de tempo bem pequeno como se desse tempo de “engolir um gole de café”.

A criatividade do cronista está no fato de ser livre e expressar essa liberdade de forma original e única, pois o modo de ser gerado na cotidianidade em que todos os homens tomam para si os dados e as funções da vida cotidiana e as realizam com certos confrontos permite que o cronista torne-se um homem diferenciado dos demais por meio da liberdade criativa.

Deve-se, a partir daí, notar que o cronista se aproveita de experiências do homem comum e as representa em linguagem bonita e ordinária que são publicadas regularmente nas páginas dos jornais. Sua essência são os fatos do dia-a-dia, as notícias curiosas, encontros e desencontros, muitas vezes surpreendentes, que podem acontecer com qualquer um.

A singularidade do cronista está na linguagem coberta de lirismo encontrada na simplicidade, a poesia destacada nos diálogos das ruas, o sabor da variedade lingüística, os palavrões e as gírias em que o senso comum torna-se imortal.

Os assuntos discutidos pelo cronista são bastante variados e englobam diversos caminhos. Atingem o lado cômico, em que o choro pode dar origem ao riso; o lado amargo, em que se destrói e regenera, porém acaba no riso; o trágico coberto por desgraças e derrotas, que acabam em pena; o misterioso e espiritual em que se desvendam os segredos mais bem

guardados da sociedade “ingênua”; além de outros que somente o próprio cronista pode revelar.

11 de junho de 1893

Antes de relatar a semana, costumo passar pelos olhos os jornais dos sete dias. É um modo de refrescar a memória. Pode ser também um recurso. Para achar uma idéia que me falha. As idéias estão em qualquer coisa; toda a questão é descobri-las. Há algumas idéias boas nesta casaca, dizia o alfaiate de um grande poeta. Es liegen einige gute Ideen in diesen Rocke. Quantas não achariam ele em uma loja de casacas da Rua Sete de Setembro... Não digo o numero, para me não suporem nos anúncios. Note-se que nada houve mais casual do que a achada deste anúncio, porque a semana foi, entre todas, cheias de lances, debates, cóleras, acontecimentos, notícias e boatos; tais coisas não deixam tempo à leitura de anúncios. (...)

Nada mais simples: Casacas e coletes para todos os corpos; alugam-se na rua...

(Machado de Assis, 2007, p.126)

O cronista aqui parece detalhar o grau de insatisfação do indivíduo em relação a distância entre o que ele é, de fato, e o que gostaria de ser no imaginário. Com bastante criatividade o escritor desenvolve o cômico em que o choro e lamentação finalizam no riso; muitas vezes amargo, mas que, ainda assim é riso, que no mesmo momento destrói e regenera.

Como se sabe, para se publicar um anúncio é necessários argumentos convincentes que iludam o leitor a praticar tais ações, no caso, a crônica retrata os argumentos que foram utilizados pelos vendedores para fazer com que os convidados presentes alugassem as casacas.

Então, o que se nota em relação aos detalhes retratados na crônica acima é que um homem comum jamais abriria espaço para essa discussão, em que é evidente a insatisfação de todo indivíduo diante do mundo, na verdade nunca se está contente com o que se tem, sempre falta alguma coisa, nesse contexto, podemos dizer que o cronista é um homem “quase comum”, pois vê a realidade e recria-a a partir dos fatos cotidianos vivenciados pelo o homem comum.

4. Abordagem lingüística e normas estruturais do texto jornalístico

O texto jornalístico, como sabemos, pressupõe restrições a uma série de elementos lingüísticos. Essas restrições colaboram para a interpretação de itens lexicais e regras operacionais que permitem um texto claro e objetivo. Essa idéia foi desenvolvida com maior

segurança por Lage (2003) “o texto jornalístico procura conter informação conceitual, o que significa suprimir usos lingüísticos pobres de valores referenciais, como as frases feitas da linguagem cartorária¹” (p. 36).

Para Lage (2003) a descrição dessa linguagem limita fórmulas rígidas, pelo fato de não se enquadrar na “variedade de situações encontradas no mundo”, por isso, a tendência é apresentar um envelhecimento precoce.

Para uma discussão geral da abordagem lingüística jornalística, Lage (2003) especificou três aspectos fundamentais que são: Registros de linguagem, Processo de comunicação e Compromissos ideológicos.

Os registros de linguagem têm um conjunto de heterogeneidade na língua nacional. Dentro dela se manifestam usos regionais e aproximadamente dois registros de linguagem: o formal, próprio da modalidade escrita, e o coloquial, próprio da modalidade falada.

O quadro abaixo confirma que essa conceituação pode ser aplicada em qualquer período ou região segundo as mudanças que a língua vem apresentando:

Quadro 2

Registros de linguagem

Formal	Preferível	Coloquial
01. Próximo de	Perto de	Perto de
02. Mora à Rua X	Mora na Rua X	Mora na Rua X
03. Concomitantemente	Ao mesmo tempo	Ao mesmo tempo
04. Homossexual	Veado, bicha	Veado, bicha
05. Meu marido	Meu marido/meu homem	Meu marido/meu homem
06. Semáforo	Sinal	Sinal
07. Denegou	Negou	Negou
08. Prurido	Coceira	Coceira
09. Neoplasia	Câncer	Câncer
10. Aulicismo	Puxa – saquismo	Puxa – saquismo
11. Indiciado	Acusado	Acusado

(Lage, 2003, p.38)

¹ Linguagem cartorária: existente nos cartórios e foram substituídos no jornal pela linguagem coloquial.

Considerando os dois tipos de registros apresentados, notamos que o coloquial é sempre preferencial para a maioria das pessoas, tanto para as de baixa escolaridade quanto para as que estudaram, pois permite uma fruição mais rápida e original. O registro formal por apresentar certa imposição, legitimada ou não em lei, passa a ser confundida com a idéia determinada por uma nação, permitindo lentamente a transformação da língua.

Seguindo esses parâmetros, a linguagem jornalística vai incorporar os neologismos², denominações de objetos: “dedo-duro”, “pau-de-arara”, “pai d’égua”, “orelhão”; metáforas críticas: “Senador-biônico”, “marajá”.

Enquanto o processo de comunicação assume o papel referencial, fala para o emissor, para o receptor e para o próprio processo de comunicação de algo referente ao mundo exterior. É essa referencialidade que possibilita a distinção entre a linguagem jornalística e a linguagem didática.

Além disso, a busca de enunciados referenciais concretiza a notícia: “a hora exata do atropelamento, a placa do carro, o nome inteiro das pessoas, o número do túmulo tem no texto efeito de realidade, isto é, contribui para a verossimilhança da história” (Lage, 2003, p. 42).

Por último, os compromissos ideológicos afirmam que na linguagem jornalística o predomínio de grandes e pequenas questões sobre ideologias são comuns, pelo fato de não existir jornalismo sem sociedade, sem história. Daí, o mundo contemporâneo e suas relações de poder são necessários, pois apontam que países periféricos como o Brasil estão sob constante ameaça cultural. Confirma-se que a cultura pertence à identidade humana, e a falta dessa cultura nacional quer dizer exclusão num sistema cultural, uma vez que:

A língua é lugar rico de informações sobre a maneira nacional de agir: hábitos de nepotismo, relações de amizade, sutis antagonismos raciais e rígida divisão de classes. É significativa a extrema delicadeza com que se abordam, no Brasil, as ligações familiares, desde o respeito afetado com que se trata no diálogo a figura materna até a supressão do nome do pai em muitos formulários de identificação. Ou a amplitude de aplicação da palavra amigo, a ostentação de generosidade e carinho a que ela geralmente se associa.

(Lage, 2003, p. 44)

É importante ressaltar que o jornalismo tenta mostrar a expressividade peculiar do tempo passado numa narrativa escrita em pretérito.

² Palavra ou frase nova; ou ainda palavra antiga com sentido novo. (Bueno, 2001, p. 390).

Lage (2003) estabeleceu normas que contribuíram para maior entendimento a cerca dos veículos impressos, aqui, retratamos o jornal. De acordo com o autor citado, os chamados *stylebooks*³ se originaram no Brasil por volta da década de 50 e baseavam-se em modelos estrangeiros. Segundo ele, a impressão de um jornal apresenta normas incertas, que cada tipo de veículo decide seu modo de elaboração.

Além de definir o tipo de linguagem jornalística, Lage (2003) propôs alguns padrões que decorreram da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que servem para apresentação de um jornal. Tais como:

1. Apresentação de originais: devem ser datilografados com espaço três entre as linhas, ocupando a área delimitada pela moldura impressa das laudas, em um lado só do papel. Nas originais são usadas máquinas de escrever em estilo tradicional, com um alinhamento à direita irregular seguindo as regras de separação silábica. Lage (2003) informou que “o original deve ser correto e compreensível, mas não será lido pelo público: daí a estética não ser a mais importante” (p. 51).

Quanto aos entretítulos variam dependendo da natureza do texto, “em jornais é usual colocar-se o primeiro entretítulo antes do terceiro parágrafo das notícias e das reportagens escritas na forma de notícias” (Lage, 2003, p. 52).

2. Uso de aspas e destaque gráfico: as citações textuais pedem o uso das aspas e apresentam-se em forma de discurso direto ou indireto. Os títulos de capítulos de obras pedem o uso das aspas. Sublinham-se para dar destaque gráfico, nome em língua estrangeira, apelidos e palavras que se apresentam exterior ao texto.

3. Siglas: são escritas com todas as letras de forma em forma de versais siglas com até três letras (UNE, PIS, SUS). Com mais de três letras, normalmente pede-se para se completar em caixa-baixa: CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa) e UFPa (Universidade Federal do Pará). As siglas que derivam de radicais: os siglemas escrevem-se apenas a inicial em versal e as outras em caixa-baixa. Assim: Eletrobrás e Banpará.

4. Maiúsculas (versais): para o emprego de maiúsculas as regras são bastante confusas e variam entre os jornais. O critério geral é destacar a versal inicial dos nomes próprios:

³ Livros de normas de redação

“Paraná, Rua Paraná, Avenida Paraná”. Nos cargos de confiança grafam-se a inicial de nomes: “Reitor da UFPa, Diretor do SUS”.

5. Números: são grafados por extensos os números de um a dez ou mais de dez, dependendo do veículo. Os números cem, mil, milhão, em algarismos. Usam-se algarismos em números inferiores a dez, quando acompanhados por unidades abreviadas: “o aluno nº 2, 2m”.

Para os números complexos, ou seja, que apresentam frações decimais intercala-se os indicadores de unidade na expressão. Como: 10h, 40min, 5h 30min. Em relação às quantias, eliminam-se as séries de zero e escrevem-se palavras. Como: R\$ 1,7 trilhão, pois o número inteiro é um.

6. Unidades: são indicadas, na maioria das vezes por letras minúsculas “g: grama, m: metro”. Quando as unidades são usadas em homenagem a alguém não se pluraliza “W: watt, A: ampère”.

Os submúltiplos até milésimo são apontados por letras minúsculas “mm: milímetro, kw: kilowatt”. Abaixo de milésimo, os submúltiplos são escritos por extenso. Os múltiplos acima de um milhão são grafados por letra maiúscula “MW: megawatt”.

7. Pontuação: o texto jornalístico se organiza em parágrafos formados por conjunto de proposições integradas que favorecem uma unidade lógica e coerente. Os parágrafos, normalmente, compostos por períodos que correspondem as proposições coordenadas. Tanto os períodos quanto os parágrafos iniciam por letras maiúsculas.

As vírgulas, bastante exploradas nos parágrafos, indicam divisão decimal “1,4; 25,42m”. São usadas como orações adjetivas de caráter explicativo. Nos verbos ocultos são substituídas por elipse “João comeu feijão”. “Joana, o feijão”.

8. Grafia de nomes estrangeiros: por muito tempo as palavras estrangeiras foram se aportuguesando, tornando o latim como uma língua universal. Depois de um determinado tempo os nomes próprios, por exemplo, deixaram de ser traduzido “Johann Sebastian Bach”, não “João Sebastião Back”. Os destaques gráficos são usados em nomes comuns estrangeiros e não em nomes próprios.

Além disso, cada redação aplica suas normas à medida do possível, da forma que acredita ser a melhor para o seu público.

9. Outras normas sugeridas por Lage (2003) com relação ao modo de escrita jornalística:

- Não comece períodos ou parágrafos com a mesma palavra, nem use seguidamente a mesma estrutura de frase.
- Não comece com estruturas similares (por exemplo, com reduzidas de gerúndio) matérias que se destinam a publicação na mesma página ou seção.
- Consulte o dicionário, o catálogo telefônico e outras obras de consulta disponíveis antes de perguntar aos colegas.
- Nos editoriais e tópicos interpretativos ou opinativos, parta do acontecimento ou dado concreto para o comentário.
- Não use algarismo no começo de períodos.
- Não se sinta obrigado a colocar um título antes do nome de uma pessoa. Jamais escreva “a mulher Fulana ou o indivíduo Beltrano”.
- Não use sinais com § (parágrafo) e £ (libra), mesmo que eles estejam no teclado da máquina.
- Não use ponto nos títulos.
- Caso lhe pareça difícil a leitura, substitua as vírgulas, nas intercalações, por travessões ou parênteses e, nas enumerações, por ponto e vírgula.
- Travessões no início de parágrafos indicam abertura de frase em diálogo. Salvo neste caso, utilize as aspas, que não são operacionais quando se trata, por exemplo, de introduzir segmentos em discurso indireto. Tanto nas aspas quanto no travessão, há compromisso de fidelidade entre a transcrição e o original.
- Nas legendas, não escreva esta foto ou este homem: o leitor está vendo.
- Não opine em matérias informativas. Use os fatos; eles são mais convincentes, mesmo quando a matéria sai com assinatura.
- Escreva o nome completo das pessoas, pelo menos o prenome e o sobrenome. Não afete intimidade.
- Não seja mais sensacionalista do que o obrigam a ser.

(Lage, 2003, p. 61 a 63)

5. As matérias impressas: visualizando o jornal

Tratando-se do jornal como elemento textual Rego (1899) afirmou que “uma atividade jornalística é repartida entre diversos comandos e subordinações” que nem sempre

corresponde aos interesses do público leitor, visando meramente atender os anseios da política empresarial e satisfazer os desejos dos proprietários tornou-se “necessária uma estrutura de mediação capaz de cumprir um programa que satisfaça a todos” (Rego, p: 77). Desse modo, a estrutura jornalística depende do ponto de vista dos organizadores que mantém o jornal.

Rego (1899) defendeu o texto impresso como o veículo mais adequado a todos os públicos por ter um custo menor e por trazer informações da revista e do folhetim, além de mostrar fotografias, matérias interpretativas e uma variedade temática da realidade do leitor.

No que se refere as matérias, elas podem ser apresentadas das seguintes formas:

- 1. Matérias-retrato:** são levantados os hábitos, costumes, hobbies, roteiro profissional, família, ingresso e situação do jornal, qualidades associativas, opiniões sobre diversos assuntos do momento.
- 2. Matérias departamentais:** tem como objetivo apresentar de forma isolada a situação do departamento jornalístico; sua coordenação com outros departamentos; a descrição dos processos de administração usados; a descrição dos quadros existentes no departamento, as técnicas usadas e os índices expressivos de produção.
- 3. Matérias grupais:** são as matérias em que o editor, responsável pela editoração do jornal, escolhe um grupo de determinada área ou seção para torná-lo objeto de uma reportagem.
- 4. Matérias de ilustração:** apresenta assuntos que não estão ligados diretamente a área jornalística. São tipos de matérias que servem para informar, orientar, interpretar e ilustrar o ponto de vista do leitor.
- 5. Matérias orientadoras:** tem como objetivo orientar os funcionários, mostrando informações que possam ser lidas em qualquer período, sob qualquer circunstância. Exemplos: segurança, higiene, orientação profissional, medicina e conselhos práticos.
- 6. Matérias de entretenimento:** satisfazem os desejos de entretenimento do leitor. Dirigem-se a todos os públicos do jornal. Constituem-se por piada, quadrinhos, adivinhações, palavras cruzadas e testes.

7. **Matérias associativas:** visam promover as atividades sócio-comunitárias e assumem papel necessário na composição dos quadros sociais. Apresentam as atividades esportivas, os movimentos dos grêmios e recreativos.

8. **Matérias de interesse feminino:** atingem informações sobre culinária, beleza, decoração, moda e discussão sobre o papel da mulher na sociedade.

Porém, Karan (1997) percebeu que a estrutura jornalística sempre obedeceu às limitações do capitalismo e que a liberdade de expressão e o direito à informação é um bem público social que “precisa superar os complexos limites em que se move atualmente” (p. 22). Nesse sentido, a informação necessita ser direcionada por uma nova ótica que seja capaz de romper com a estrutura conservadora que tem dominado grande parte dos jornais. O autor apontou que a atividade jornalística está apreendida a realidade e deve ser baseada em valores como “liberdade e humanidade”, uma vez que: “a reflexão sobre jornalismo não pode levar em conta somente a prática e seus limites, mas também a possibilidade de ruptura com esses limites para formular outra prática” (p.41).

No entanto, Coimbra (2004) constatou que a estrutura da reportagem divide-se em três tipos de textos: o narrativo, o dissertativo e o descritivo. A distinção dos textos pode ser alterada dependendo do modelo de dissertação que se escolher. Os três modelos textuais são explorados normalmente em todo o texto jornalístico.

A crônica por ser um texto de origem narrativa que pretende recriar a realidade a partir dos acontecimentos da vida cotidiana, apresenta como principal característica “os fatos organizados dentro de uma relação de anterioridade ou de posterioridade, mostra mudanças progressivas de estado nas pessoas ou nas coisas” (Fiorin e Savioli, 1990, citados por Coimbra, 2004, p. 44). Assim, o tempo da narrativa flui num texto, distinguindo um instante de outro.

Em relação ao jornal, como constatou Coimbra (2004), compõe-se por três naturezas textuais: narrativa, descritiva e dissertativa. Essas características podem ser comprovadas com os registros a seguir:

- A primeira página: apresenta as manchetes que serão exploradas mais detalhadamente nas páginas seguintes, além do índice e previsão do tempo. Nesta página organiza-se o título, ano, nº, cidade, data, editora, pequenas chamadas de reportagens e uma chamada maior com foto ou figura. A maior parte dos jornais que circulam em nosso país segue essa estrutura:

FIGURA 1



Belém,terça-feira, 8 de setembro de 2009.
Fonte: www.whoop/Google.com.br

- Editorial: parte do jornal na qual se discutem problemas importantes mediante a apresentação da opinião. Nestas páginas são publicadas críticas e argumentos sobre os principais fatos do momento.

FIGURA 2

EDITORIAL	10.1.2009 - 19:05
<u>Negócio entre amigos</u>	
O jornalista Claudio Weber Abramo tem opinião formada sobre assessores de livre escolha: "eles não acrescentam nada à administração".	
EDITORIAL	20.12.2008 - 20:45
<u>A política na raiz da crise</u>	
A política econômica beneficia o capital financeiro predatório e abandona a economia real.	
EDITORIAL	27.9.2008 - 21:11
<u>Público banca o privado: privatizações de FHC, remessa de lucros de Lula e os juros de ambos.</u>	
Belém, terça-feira, 8 de setembro de 2009. Fonte:wwwhttp/google.com.br	

- Notícia: informa os fatos essenciais e os acontecimentos. A apresentação do lead domina nesta página. A notícia é uma informação que dispensa a opinião de quem escreve, com texto claro e conteúdos precisos.

FIGURA 3

Botijão de gás vai doer no bolso

AUMENTO
Gás para cozinhar
Estatista prevê
aumento de 4,0% no
valor do produto
até o fim do ano.



Em setembro, o preço do gás para cozinhar vai subir 4,0%, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O aumento é devido ao reajuste de 3,0% no preço do gás natural, que é usado para a produção do gás de cozinha. O preço do gás de cozinha vai subir 4,0% em setembro, segundo o IBGE. O aumento é devido ao reajuste de 3,0% no preço do gás natural, que é usado para a produção do gás de cozinha. O preço do gás de cozinha vai subir 4,0% em setembro, segundo o IBGE. O aumento é devido ao reajuste de 3,0% no preço do gás natural, que é usado para a produção do gás de cozinha.

Terça de energia elétrica deve aumentar 0,4% previsto recuo para combustíveis

Em setembro, o preço da energia elétrica vai subir 0,4%, segundo o IBGE. O aumento é devido ao reajuste de 0,4% no preço da energia elétrica. O preço da energia elétrica vai subir 0,4% em setembro, segundo o IBGE. O aumento é devido ao reajuste de 0,4% no preço da energia elétrica.

Grande Belém é a 2ª colocada entre as regiões com preços mais caros

Grande Belém é a segunda região mais cara do Brasil, com preços 10% acima da média nacional. O preço do gás de cozinha é o mais caro, com um aumento de 4,0% em setembro. O preço do gás de cozinha é o mais caro, com um aumento de 4,0% em setembro.

Diferente das estimativas, inflação oficial é a menor desde agosto de 2006

A inflação oficial em setembro é a menor desde agosto de 2006, com uma queda de 0,1% em relação ao mês anterior. A inflação oficial em setembro é a menor desde agosto de 2006, com uma queda de 0,1% em relação ao mês anterior.

Belém, terça-feira, 15 de setembro de 2009.
Fonte: www.whhttp/Google.com.br

- Reportagem: com a apresentação mais livre e variada, tem a função de abordar o assunto por diversos ângulos. Por exemplo: a reportagem policial e a reportagem social.

FIGURA 4

Rafael Lobato é preso no Ceará
 Acusado de provocar a morte de dois jovens em acidente estava sonolento havia cinco anos

Polícia Federal realiza blitz de fiscalização para banheiras em sorçágio no Ceará

Garoto de 12 anos detido após assalto

Belém, segunda-feira, 21 de setembro de 2009.
 Fonte: www.http/Google.com.br

- Entrevista: é uma forma de obter dados para notícias e reportagens. Apresenta-se no estilo de perguntas e respostas.

FIGURA 5

Viver a vida na tela da TV

Os dramas, os amores e os temas políticos de Manoel Carlos estão de volta ao horário nobre da TV Liberal, agora em imagem digital

Os dramas, os amores e os temas políticos de Manoel Carlos estão de volta ao horário nobre da TV Liberal, agora em imagem digital. O autor de sucessos como 'O Dia da Bruxa' e 'O Dia da Aventura' retorna com uma nova obra, 'O Dia da Vida', que aborda temas como a família, o amor e a política. Manoel Carlos, 82 anos, é um dos mais importantes roteiristas e produtores de televisão brasileiros. Ele trabalhou por décadas na Rede Globo e agora produz para a TV Liberal. Seu novo trabalho, 'O Dia da Vida', é uma adaptação de sua obra-prima, 'O Dia da Aventura', e aborda temas como a família, o amor e a política. Manoel Carlos, 82 anos, é um dos mais importantes roteiristas e produtores de televisão brasileiros. Ele trabalhou por décadas na Rede Globo e agora produz para a TV Liberal.

Entre os temas, a anorexia alcoólica

Entre os temas, a anorexia alcoólica. O autor aborda temas como a família, o amor e a política. Manoel Carlos, 82 anos, é um dos mais importantes roteiristas e produtores de televisão brasileiros. Ele trabalhou por décadas na Rede Globo e agora produz para a TV Liberal.

Manoel Carlos

Belém, segunda-feira, 21 de setembro de 2009.
 Fonte: wwwhttp/Google.com.br

- Cultura: exposição de livros com citações e ilustrações; comentários sobre filmes da semana; nome dos cinemas; lançamentos musicais e novidade sobre estilo musical.

FIGURA 7

Teatro Waldemar Henrique comemora 30 anos 15/09/2009 - 18h29m	
<p>O terceiro teatro experimental do Brasil, o Teatro Waldemar Henrique, comemora 30 anos de existência e recebe uma programação especial realizada a partir desta segunda (14) e se estende até domingo (20). Reunindo artistas de teatro, dança e música serão feitas apresentações no hall de entrada e na sala de espetáculos, reforçando a característica experimental.</p>	
<p>A vocação experimental do Teatro Experimental do Pará Waldemar Henrique fez deste espaço uma das mais importantes expressões culturais da região norte do Brasil, com espetáculos que trazem as marcas substantivas da inovação. A criação da casa se deu pela falta de um espaço cênico que abrigasse os grupos de teatro amador, mas até hoje suas portas se abrem para as mais variadas manifestações artísticas, que vão além do teatro, reunindo também música, dança e cultura popular. Ao longo de seus 30 anos de existência, a casa já registrou passagens importantes que marcaram a história da cultura paraense em todos os campos.</p> <p>Uma mesa redonda também será feita com o tema: 'O Experimental na Contemporaneidade', com a presença de professores da UFPA e também lançamento da revista PZZ que conta a história artística do músico Rafael Lima.</p> <p>Como destaque desta grande festa, além das apresentações, será lançado o Projeto 'A Escola Vai ao Teatro', que pretende levar alunos de escolas públicas e particulares do estado para conhecer o teatro e ainda acompanhar a apresentação de espetáculos como forma de incentivo à criação de novas platéias.</p>	
<p>Belém, segunda-feira, 21 de setembro de 2009. Fonte: www.whhttp/Google.com.br</p>	

- Classificados: página para anúncios de vendas; aluguel; empréstimo; procuras; felicitação de formatura; aniversários; casamentos; seção de trocas e vendas; namoros.

FIGURA 8

EMPREGOS - PROFISSIONAIS OFERECEM-SE	EMPRESA TMKT □ Brasileiro. Seleciona para vaga de Vendedor interno. CLT, fixo e comissão. Interessados comparecer munidos de CV na Segunda-feira na Rua Manoel Barata nº 1765 Icoaraci.
EMPREGOS - COMERCIO E ESCRITORIOS	AUXILIAR- □ Trabalhe em casa envelopando impressos. Não é venda. Ganhe até R\$ 1.200,00 de ajuda de custo. Inf. Cx Postal 23201 GO cep 74663-970 ou www.produtor.marketingreal.com.br
EMPREGOS - COMERCIO E ESCRITORIOS	AUX. DE PRODUTIVIDADE- □ Trabalhe em casa, não é venda. Ganhos por produção. Inf. Caixa Postal 23216 GO cep 74663-970 ou www.vpmmarketing.com.br/agente600749
EMPREGOS - NIVEL SUPERIOR	CONTADOR(A)- □ Deve conhecer todas as rotinas de escritório de contabilidade. Salário normativo. Será avaliado no período de experiência de 30 dd. cv p/ amazoncont@ig.com.br .
Belém, segunda-feira, 21 de setembro de 2009. Fonte: www.whhttp/Google.com.br	

- Concursos: página para anunciar abertura de concurso, informar resultado de provas e comentários sobre os concursos vigentes.

FIGURA 9

<p>Concursos previstos para 2009 oferecem pelo menos 105 mil vagas</p> <p>Entre os mais aguardados estão os da PF, Receita, PRF e Banco Central.</p> <ul style="list-style-type: none"> • <u>Correios</u> - Oferta de até 12 mil vagas • <u>IBGE</u> - 33.012 vagas temporárias para agente censitário • <u>INSS</u> - São 4 mil vagas. 2º e 3º graus <p>Belém, segunda-feira, 21 de setembro de 2009. Fonte: www.whhttp/Google.com.br</p>
--

- Diversão – Humor: Apresenta charges; ilustrações em quadrinhos; palavras cruzadas; piadas e passatempo.

FIGURA 10



A possibilidade de mostrar a estrutura do jornal favorece a relação do aluno com o texto e fatos da realidade, levando-o a conhecer seu próprio contexto.

Após a apresentação é importante fazer uma análise profunda do jornal, enquanto material impresso ou ainda compará-lo com outros instrumentos de comunicação, como revistas ou livros, observando as possíveis dimensões, qualidade do papel, estética, espaços em branco, figuras, os conteúdos apresentados. Perceber a verdadeira “essência” jornalística e viajar na leitura.

II

METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

1. Abordagem da pesquisa

Para avaliar a necessidade de se aplicar a crônica jornalística em sala de aula, buscou-se estudar a realidade do currículo de língua portuguesa no contexto dos jovens e adultos. Para isso, foi elaborada e realizada uma investigação de intervenção junto aos alunos que cursavam a (EJA) no período de 2009. Na efetivação dessa pesquisa o questionário foi de extrema importância para se detectar os conhecimentos que os alunos traziam sob os textos de natureza narrativa. Após a aplicação do questionário utilizaram-se as aulas práticas, pensando-se atingir a produção de crônicas jornalísticas.

1.1 Objetivos do estudo

A presente pesquisa explicitou os seguintes objetivos:

1. 1. 1. Geral:

- Compreender o uso do gênero crônica jornalística entre alunos jovens e adultos numa escola estadual de ensino fundamental e médio.

1. 1. 2. Específicos:

- Observar as competências e habilidades dos alunos da (EJA) no ensino com o gênero crônica jornalística.
- Proporcionar um estudo conceitual de pesquisa-ação.
- Analisar os tipos de linguagens que os alunos da (EJA) contextualizam com o uso da crônica jornalística.
- Constatar as características tipológicas e superestruturais presente na crônica jornalística.
- Reconhecer a crônica jornalística enquanto um elemento pertencente a imprensa.
- Elaborar crônicas de natureza jornalística.

2. Opções Metodológicas

Pensando-se em dar maior atenção a esse estudo e atender profundamente os objetivos propostos, enfocamos como abordagem metodológica contributos de natureza qualitativa e quantitativa, pretendendo investigar a necessidade do currículo real de língua portuguesa e sua complexidade no contexto dos alunos da (EJA). Nesse sentido, adotou-se a concepção de

investigação qualitativa proposta por Bogdan & Biklen (1994, citados por Teixeira, 2007, p. 123\124), que esclareceram cinco características para esse tipo de estudo:

1. A fonte de dados é o ambiente natural, e o investigador da pesquisa qualitativa é o principal instrumento para a recolha de dados. Os investigadores desse tipo de estudo procuram buscar respostas às questões formuladas dentro do contexto real.
2. A investigação qualitativa é descritiva, cujos dados recolhidos apresentam-se em forma de palavras ou imagens. Os resultados são obtidos a partir da fala dos atores investigados, dos discursos diários, de fontes documentais.

Os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção de conhecimento, ao invés de excluí-la ao máximo como variável intermédia. As subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas ações e observações no campo, suas impressões, irritações, sentimentos, tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação, sendo documentadas em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto.

(Flick, 2004, p. 22)

3. Na investigação qualitativa, os investigadores se interessam pelo processo, e não apenas pelos resultados obtidos. O desenvolvimento da investigação é fruto do estudo realizado antes, durante e depois da trajetória investigada.
4. Na abordagem qualitativa os investigadores fazem induções e análises dos dados: partem da prática para a teoria, e por isso, executam revisões bibliográficas antes de ir a campo.
5. Destaque ao significado. Em relação a esse tópico Teixeira (2007) esclareceu que “os investigadores estão interessados no modo como os atores dão sentido às suas vida e atividades educacionais” (p. 124).

Com o intuito de mostrar a relevância da investigação qualitativa, essa dissertação explorou o Estudo de Caso que de acordo com Bogdan & Biklen (1994, p.89, citados por Teixeira, 2007, p. 124) “consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico”.

Portanto, partimos de observações relacionadas ao currículo aplicado na escola e avançamos em direção aos conteúdos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que abordam os gêneros do discurso como assunto indispensável para as aulas de língua portuguesa. Dessa forma, observamos com maior intensidade as práticas dessas aulas, as dúvidas que os estudantes demonstram e os desejos de discutir novas mudanças, no momento que vivenciam sua realidade escrita.

3. A Pesquisa-ação numa abordagem empírica: a superestrutura da crônica jornalística

Para sabermos o que é uma pesquisa-ação, precisamos aprofundar leituras acerca do conhecimento empírico e então, descobriremos que esse tipo de pesquisa pretende, essencialmente, englobar o que se entende por ação dentro de um processo, em que os atores participam e agem interativamente em prol da realidade.

Kurt Lewin, (citado por Martins, 2008, p.47) definiu a pesquisa-ação como “um ciclo de análise, fato achado, concepção, planejamento, execução e mais fato achado ou avaliação”, no entanto, o que podemos pensar a respeito dessa definição é que o criador desse tipo de investigação mostrou uma repetição de atividades que giram em torno de movimentos circulares. A ação inicia no âmbito das organizações sociais, se desenvolve com a criação dos atores e retorna novamente para eles, porém agora de forma mais aberta com um diagnóstico claro, capaz de encaminhar as possíveis soluções.

Entretanto, Thiollent (1984, citado por Martins 2008, p.48) conceituou tal investigação da seguinte forma:

Pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no quais os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Deve-se observar nesse contexto que o participante, autor da pesquisa-ação encontra-se unido aos atores sociais, de forma que o primeiro aparece nas ações que orientam a pesquisa, ao passo que o segundo implica na construção e resultados da pesquisa. Num estudo de caso, os atores deixam de ser meramente objeto de observação ou de interpretação e tornam-se sujeitos da ação, integrando-se a pesquisa.

Thiollent (1984, citado por Martins 2008, p.49), delimitou três aspectos simultâneos para pesquisa-ação, se analisada como pesquisa envolvida na ação:

- Pesquisa **SOBRE** os atores sociais, suas ações, transações, interações – seu objetivo é a explicação;
- Pesquisar **PARA** dotar de uma prática racional as práticas espontâneas – seu objetivo é a aplicação;

- Pesquisa POR, ou melhor, PELA ação, isto é, assumida por seus próprios atores tanto em sua concepção, como em sua execução e seus acompanhamentos – seu objetivo é a implicação.

Convém compreender que a concepção de uma pesquisa-ação envolve uma estrutura de interação entre os sujeitos pesquisados e o pesquisador. A realização da pesquisa-ação subdivide-se em quatro fases distintas:

3.1. Fase exploratória

Inicia-se com a discussão em grupo, mediante a apresentação do problema proposto pelo pesquisador do estudo de caso, informando a possibilidade de solucioná-lo coletivamente. Martins (2008) apontou como atividades principais para essa fase as seguintes etapas:

- Preparação do roteiro de entrevista;
- Preparação do trabalho da equipe de entrevistadores, ou do próprio pesquisador;
- Aplicação do roteiro de entrevistas;
- Análise e interpretação das respostas;
- Relatório de análise das entrevistas;
- Retorno do relatório aos entrevistados.

3.2. Fase da pesquisa aprofundada

Nessa fase, o seminário é de extrema importância para o pesquisador e para os participantes que se reúnem para direcionarem a investigação, tentando compreender a problemática das proposições e as possíveis hipóteses da pesquisa; buscando soluções e propostas de ação, visando à divulgação dos resultados por meio de canais adequados, com estilo textual adequado ao público leitor.

3.3. Fase de ação

Essa fase pretende divulgar os resultados que além de mostrarem informações, devem conscientizar os autores da ação.

3.4. Fase de avaliação

Após a implementação das ações elas passam a ser objetos de avaliação. Martins (2008) considerou como principais aspectos para essa fase:

- Pontos estratégicos;
- Capacidade de mobilização;
- Capacidade de geração de propostas;
- Continuidade de projeto;
- Participação;
- Qualidade do trabalho em equipe;
- Efetividade das atividades de formação;
- Conhecimento e informação;
- Comunicação;
- Atividades de apoio.

A pesquisa-ação pode encontrar reflexões que nem sempre são positivas para o seu desenvolvimento. Martins (2008) apontou as seguintes críticas:

- Diz-se que uma pesquisa-ação poderá ser uma pesquisa com pouca ação, ou ação com pouca pesquisa;
- Autores entendem que a pesquisa-ação apresenta pouco rigor científico e conseqüentemente, limitada contribuição ao corpo de conhecimento;
- A pesquisa-ação aborda problemas complexos que podem se alterar antes da conclusão da pesquisa;
- A pesquisa-ação encontra dificuldades e entraves em estruturas burocráticas e pouco democráticas;
- Por envolver atores com diversos níveis de escolaridades, torna-se difícil a comunicação e o entendimento de todas as fases da pesquisa e de todos os participantes.

De um modo geral, essas críticas se referem à pesquisa-ação cujo pesquisador não considerou o desenvolvimento coletivo e a relação de interação entre autores e atores da ação. Nessa dissertação, uma vez que se trata de uma intervenção curricular baseada nesse tipo de pesquisa, podemos desconsiderar alguns desses entraves, pois pretendemos respeitar a coletividade, individualidade e principalmente o nível de escolaridade dos atores da ação.

Para Silva (1999, p. 103- 104), no âmbito da lingüística textual a superestrutura:

São modelos abstratos que se constituem por uma série de categorias, umas obrigatórias, outras opcionais, os quais se organizam, esquematicamente e hierarquicamente, determinando os arranjos possíveis para estruturar conceitualmente o conteúdo informacional vinculado no texto.

A superestrutura da crônica se enquadra na narração, pois o que se pretende é contar, apresentar os fatos, os acontecimentos. A referida autora nos lembrou que “os modos enunciativos assumem uma função específica e variável na constituição do texto, em razão da finalidade comunicativa que este engloba, assim, as seqüências narrativas se apresentam de formas distintas”.

Na crônica jornalística, os personagens atuam como figurantes e compõem o painel, isto é, o ambiente; o narrador-observador não pode deixar escapar nenhum detalhe, nem atitudes manifestadas pelos personagens. Assim, a adoção dos gêneros do discurso “permite que o professor possa ter parâmetros mais claros acerca do que deve ensinar e do que deve avaliar, e por outro lado, os alunos também podem ter maior clareza do que devem saber ou do que devem aprender” (Barbosa, 2000, p. 155).

Considerando que não existe gênero “puro”, mas que cada gênero se aproxima de um tipo padrão de discurso é que Koch & Vilela (2001, p. 537) afirmaram que “como não há textos puros, também não pode haver tipologias que vão além de aproximações, definidoras das continuidades”. Para esses autores existem três aspectos predominantes em qualquer tipo de texto: “a configuração do universo feita pelo texto, a função comunicativa e a estrutura lingüística em que o texto é vazada.”

Sendo assim, a tipologia de textos caracteriza-se por um conjunto de traços: “as propriedades comuns de uma dada classe de textos e a maior ou menor presença dessas propriedades num dado texto, aproximando-o ou afastando-o do modelo” (Koch & Vilela, p.539).

Koch & Vilela (2001) acreditam que a narrativa compõem-se de três momentos discursivos: “a situação inicial, a transformação e a situação final”, esses itens são indispensáveis para a produção de um texto.

Assim, a crônica jornalística, por apresentar características que são evidenciadas na narrativa, retrata os fatos do passado. O tempo presente aparece na maioria das vezes como metáfora temporal. Já os elementos coesivos são percebidos devido à existência de um ator estável: “a repetição lexical, a sinonímia lexical, a elipse, o recurso a todas as possibilidades da determinação.” O tempo marcante é o passado, especificamente o pretérito perfeito, pois trata de fatos já ocorridos.

Na narrativa é de suma importância a relação existente entre narrador e fato narrado, pois essa relação compreende os situadores do espaço e do tempo, como: “o uso dos dêiticos, o seu distanciamento em relação a narração e o discurso como expressão do pensamento do ator da ação.” (Koch & Vilela, 2001, p. 552).

Como se vê, a crônica jornalística constitui-se em um rico dispositivo didático, em virtude da sua importante função social e de todos os aspectos lingüísticos e textuais mobilizados na construção do discurso narrativo, o que a torna um objeto de ensino eficiente nas aulas da (EJA). Razão pela qual proponho essa dissertação.

4. Estratégia do Estudo de Caso

Considerando o Estudo de Caso como um dos aspectos mais relevantes da pesquisa qualitativa e percebendo a importância desse tipo de estudo para se realizar observações e comparações acerca de um determinado problema foi que pensamos em desenvolver uma análise de dados comparativos com duas turmas da (EJA), em que uma das turmas recebeu aulas sobre o gênero “Crônica Jornalística” com aprofundamento teórico. E a outra turma ofertou-se aulas com conteúdos gramaticais. Sem esquecer que ambas as turmas seguem os critérios estabelecidos pelos (PCN), sendo que a primeira receberá aulas com um único gênero textual detalhadamente, ao passo que a segunda limitar-se-á ao estudo de regras gramaticais com um breve comentário sobre as “Crônicas”.

Na pesquisa abordou-se a crônica jornalística como gênero indispensável para a aprendizagem dos discentes da (EJA).

Triviños (1987, p. 133) conceituou o Estudo de Caso como “uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundamente”, assim, precisa-se conhecer a essência que o objeto traz no interior. Bogdan & Biklen (1982, citados por Triviños, 1987) distinguiram vários tipos desse estudo, para nossa pesquisa caracterizamos brevemente o estudo de casos observacionais, que os autores mencionados definiram como “uma categoria específica de pesquisa qualitativa” (p.133). Então, no que se refere ao estudo de casos observacionais, os autores, em nenhum momento os separam da abordagem qualitativa, o que nos levou a pensar na forma de atingir esse estudo desenvolvendo análise de dados qualitativos.

5. Procedimento de Recolha e Análise de Dados

Os procedimentos utilizados para a recolha e análise de dados dependeram do contexto de vida dos investigados. No primeiro momento utilizou-se a técnica de observação. No outro momento, necessitou-se do questionário para analisar os conhecimentos que os estudantes traziam sobre os gêneros textuais. A linguagem matemática e a linguagem estatística contribuíram significativamente para o resultado dos dados, uma vez que a recolha integrou dados de natureza quantitativa e qualitativa.

Na opção de análise de conteúdo, buscou-se a comunicação objetiva e clara nos textos escritos. Os informantes consentiram à divulgação dos textos no estudo, liberaram sua autoria e idades, caso fosse necessário. Assim, o respeito ético foi mantido, Souza (2005) confirmou a preocupação que devemos ter com os procedimentos que envolvem as relações humanas.

6. Técnicas e instrumentos de coleta de dados

Expressamos como técnica de coleta de informações e observações as aulas direcionadas pelo investigador que aplicou conteúdos gramaticais com os gêneros textuais para os jovens e adultos. O foco de estudo deu-se numa escola estadual de ensino fundamental e médio, que disponibilizou duas turmas da (EJA) para análise dos dados comparativos.

Para uma maior elucidação acerca da coleta de dados, ela se desenvolveu no meio dinâmico, reformulou-se constantemente até chegar-se nos resultados finais.

Os instrumentos usados nessa investigação que favoreceram a recolha de dados foram bastante conhecidos e discutidos por diversos autores. Triviños (1987, p. 137), por exemplo, defendeu que “não se pode afirmar que os instrumentos que se usa para realizar a coleta de dados são diferentes na pesquisa qualitativa daqueles que são empregados na investigação quantitativa”. Na realidade, os instrumentos passam a adquirir valor no momento que o investigador passa a dar vida com a teoria relacionada.

Nessa pesquisa, a observação foi a primeira técnica utilizada para coletar os dados e iniciou-se com a prática das aulas direcionadas por outros professores da escola. Logo no começo, percebeu-se uma grande preocupação em transmitir apenas conteúdos gramaticais. A forma que os docentes passavam esses assuntos trazia confusão e desespero para a maioria dos discentes.

6.1. Observação

As técnicas observacionais são formas usadas para coletar os dados de natureza empírica sensorial. Martins (2008) afirmou que é impossível executar um estudo de caso sem utilizar essa técnica. Segundo Martins (2008) “a observação consiste em um exame minucioso que requer atenção na coleta e análise dos dados” (p 24), portanto, a observação deve ser realizada por um levantamento de referencial teórico, ligado ao contexto que se esta observando. Reforçando a idéia da técnica de observação, essa pesquisa apoiou-se, sobretudo nos conteúdos propostos pelos PCN e no currículo executado na escola.

Adler e Adler (1998, citados por Flick, 2004, p.149) indicaram para técnica de observação as seguintes fases:

- A seleção de um ambiente, ou seja, onde e quando os processos e as pessoas que forem interessantes para a pesquisa podem ser observados;
- A definição do que deve ser documentado na observação e em cada caso;
- O treinamento dos observadores a fim de padronizar esses focos;
- Observações descritivas que ofereçam uma representação geral inicial do campo;
- Observações focais que se concentrem mais em aspectos relevantes à questão de pesquisa;
- Observações seletivas cuja finalidade seja a apreensão intencional apenas de aspectos centrais;
- O fim da observação, quando se chegar a saturação teórica, ou seja, quando outras observações não trouxerem nenhum conhecimento adicional. (Glaser & Strauss, 1967, citados por Flick, 2004).

Em relação a problemas na condução da técnica, não foram encontrados nenhum apontados por Flick (2004), pois a instituição permitiu livremente a presença do observador e dos observados por tempo indeterminado no local.

A técnica de observação apresentou diferentes formas em razão do envolvimento do observador com o sujeito observado. O observador tornou-se participante da investigação que realizou. Martins (2008) confirmou que “em um Estudo de Caso o próprio pesquisador deve se envolver com o fenômeno e o ambiente pesquisado, ou seja, desempenhar o papel de um observador participante” (p. 24). Não se pode esquecer também, que a observação é uma técnica de coleta de dados que explora os sentidos para se atingir a realidade.

6.2. Questionário

O uso do questionário como instrumento de coleta de dados também foi de extrema importância para essa pesquisa. Aplicado pelo próprio pesquisador, traziam questões fechadas e abertas sobre o tema da investigação. Elaboramos perguntas direcionadas as finalidades específicas da leitura do gênero crônica jornalística, tentando despertar o interesse do informante para que ele pudesse responder as questões solicitadas.

Malhotra (2004) afirmou que qualquer questionário deve apresentar três objetivos fundamentais, que são: “transformar a informação desejada em um conjunto de perguntas; motivar e incentivar o entrevistado a se deixar envolver pela entrevista; minimizar o erro da resposta” (p. 191).

De posse do modelo de questionário sugerido por Teixeira (2007), procuramos evitar questões não direcionadas ao tema da pesquisa, dando preferência as questões que favoreceram a opinião do participante.

Gil (2008) percebeu que “não existem normas rígidas a respeito da elaboração do questionário” (p.116), porém existe a possibilidade de “definir algumas regras práticas a esse respeito” (p. 116). E propôs as seguintes:

- Devem ser incluídas apenas as perguntas relacionadas ao problema proposto;
- Devem-se levar em conta as implicações da pergunta com os procedimentos da tabulação e análise dos dados;
- Devem ser evitadas perguntas que penetre na intimidade das pessoas;
- As perguntas devem ser formuladas de maneira clara, concreta e precisa;
- Deve-se levar em consideração o sistema de referência do entrevistado, bem como seu nível de informação;
- A pergunta deve possibilitar uma única interpretação.
- A pergunta não deve sugerir respostas;
- As perguntas devem referir-se a uma única idéia de cada vez;
- O número de perguntas deve ser limitado;
- O questionário deve ser iniciado com as perguntas mais simples e finalizando com as mais complexas;
- Convém evitar as perguntas que provoquem respostas defensivas, estereotipadas ou socialmente indesejáveis, que acabam por encobrir sua real percepção acerca do fato;

- Deve ser evitada a inclusão, nas perguntas, de palavras estereotipadas, bem como a menção a personalidades de destaque, que podem influenciar as respostas, tanto em sentido positivo quanto negativo;
- Cuidados especiais devem ser tomados em relação à apresentação gráfica do questionário, tendo em vista facilitar seu preenchimento;
- O questionário deve conter uma introdução que informe acerca da entidade patrocinadora, das razões que determinaram a realização da pesquisa e da importância das respostas para atingir seus objetivos;
- O questionário deve ter instruções acerca do correto preenchimento das questões, preferencialmente com caracteres gráficos diferenciados;

Com relação a essas regras, cabe-nos lembrar que, com bastante frequência, cometemos o erro de explorar questões complexas, que nem sempre percebemos. No questionário proposto nessa dissertação tentamos evitar tais desvios, buscando uma linguagem bem clara para a compreensão dos alunos da (EJA). O que não impede o aparecimento de perguntas simples no decorrer das questões. Afinal, o importante no momento, é perceber que “a elaboração de um questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos” (Gil, 2008, p. 116).

6.3. Entrevista

A entrevista foi uma técnica bastante explorada nessa pesquisa, uma vez que os dados coletados basicamente contribuíram na compreensão e significados que os entrevistados davam as questões.

Essa técnica, segundo Martins (2008) “exige habilidade do entrevistador, sendo que o processo de coleta é demorado e mais custoso do que, por exemplo, a aplicação de questionários” (p. 27). No entanto, o “lento” na pesquisa foi o momento de busca de informações detalhadas sobre a crônica jornalística com a intencionalidade de incentivar os alunos a valorizarem o currículo aplicado na escola e conhecer explicitamente a proposta dos (PCN).

Tendo conhecimento que num Estudo de Caso “um clima de amistosidade deve permanentemente ser mantido pelo pesquisado, possibilitando perguntas a respondentes – chave e também solicitação de opiniões sobre determinados fatos, bem como indicações de outros membros da organização que poderão ser entrevistados” (Martins 2008, p. 27). Essa

pesquisa considerou todas as respostas do ponto de vista dos investigados, sem nenhuma discriminação quanto a essência do conteúdo.

De posse da entrevista estruturada cuja orientação realizada por meio de um roteiro definido e aplicado a todos os entrevistados, essa estratégia ofereceu diferentes perspectivas sobre o assunto questionado. Martins (2008, p.28) considerou os seguintes processos na aplicação de uma entrevista:

- Planejar a entrevista, delineando cuidadosamente o objetivo a ser alcançado;
- Quando possível, obter algum conhecimento prévio sobre o entrevistado;
- Atentar para os itens que o entrevistado deseja esclarecer, sem manifestar suas opiniões;
- Obter e manter a confiança do entrevistado;
- Ouvir mais do que falar;
- Evitar divagações;
- Registrar os dados e informações durante a entrevista;
- Com a concordância do entrevistado, usar o gravador;
- Se necessário, formular questões secundárias: o que o faz pensar assim? Fale mais sobre isso. O que você parece estar dizendo...

As entrevistas aconteceram após a análise dos dados recolhidos nos questionários. A amostragem se concretizou a partir da seleção do universo a ser estudado. Selecionamos duas turmas da 4ª etapa, sendo que cada uma apresentava dezesseis alunos com frequência positiva nas aulas.

O guião da entrevista foi semelhante à técnica utilizada no questionário, com contato bem próximo dos entrevistados, envolveram os trinta e dois alunos e o entrevistador.

As questões do guião da entrevista foram determinadas de acordo com as respostas dos alunos e continham perguntas relacionadas ao currículo de língua portuguesa, apontadas nos (PCN) e questões referente ao currículo aplicado em sala de aula.

Para se comprovar as falas dos entrevistados selecionamos alguns trechos que nos pareceram essenciais para a composição do texto, tentando reforçar as argumentações e explicitar as perspectivas de mudanças dos entrevistados.

6.4. Análise do Conteúdo

Essa técnica foi selecionada com a intenção de analisar e avaliar os textos jornalísticos que foram produzidos pelos alunos. Primeiramente ofereceram-se jornais diários para os estudantes. Em seguida trabalhou-se a estrutura do jornal impresso. Partimos para a elaboração de textos escritos, todos de natureza narrativa.

Lembrando que a análise de conteúdo “é uma técnica para se estudar e analisar a comunicação de maneira objetiva, sistemática e quantitativa” (Martins, 2008, p.33). Buscaram-se informações de dados dentro do contexto, partindo de textos escritos pelos alunos.

Bardin (1994, pg.09, citado por Martins, 2008) descreveu a Análise de Conteúdo como:

Um conjunto de instrumentos metodológicos, cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento que se aplica a discursos extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornecem dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforços de interpretação, a Análise de Conteúdo oscila entre dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade.

No entanto, Flick (2004) afirmou que “as análises da narrativa partem de uma forma específica de seqüencialidade” (p. 213). É necessário em primeiro lugar avaliar se o enunciado faz parte de uma narrativa e somente depois partir para analisá-lo. Nesse caso, a realidade dos alunos passou a ser vista como uma narrativa, o que nos recordou Bruner (1987, citado por Flick, 2004, p.213) “a vida é considerada uma narrativa”.

7. Perfil dos Participantes

A pesquisa foi realizada numa Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio e utilizamos a observação sistemática das aulas práticas, questionários, entrevistas e análises de conteúdo para a coleta de dados.

A escola de amplo padrão, composta por um mil e oitocentos alunos distribuídos em três turnos: manhã, tarde e noite. A (EJA) acontece no noturno com desenvolvimento da 3ª e 4ª etapas totalizando 200 alunos.

O perfil dos alunos corresponde a homens e mulheres, trabalhadores e desempregados, donas de casas, mães e filhas que estudam sonhando com o Certificado de Conclusão da (EJA). São sujeitos sociais e culturais, que vivem num mundo urbano e buscam respeito e qualificação diante da sociedade. São marcados pela exclusão social, mas são sujeitos que acreditam que são capazes de mudar o tempo presente com perspectivas de melhorias em suas vidas futuras.

Como “sujeitos de direitos”, Conselho Municipal de Educação (Parecer/CME), os jovens e adultos passam a ter grande importância na construção da proposta pedagógica que considera as especificidades desse público alvo.

A concepção filosófica da escola apoiou-se em dois artigos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 9394/96), que determinaram:

Art. 1º “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Art. 2º “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Nesse contexto, o esclarecimento da parcela da população a ser atendida pela modalidade da (EJA), reflete o público que frequenta as aulas, suas características e suas especificidades culturais não está ligada apenas a uma questão etária, mas a exclusividade cultural, isto é, os jovens e adultos não correspondem as quaisquer jovens e adultos, mas a uma determinada parcela da população que necessita recuperar os anos letivos perdidos.

Na escola pesquisada, o perfil etário dos estudantes correspondeu entre 18 e 50 anos, porém não houve nenhum jovem com menos de 18 anos que frequentasse a 4ª etapa.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS: RELEVÂNCIA, ANÁLISE E

DISCUSSÃO

Notas introdutórias: Conhecendo o campo

As reflexões contidas na fase de observação são frutos, originalmente, da execução das aulas realizadas na pesquisa.

No primeiro momento, as novidades esperadas sobre o assunto, pelas turmas, pareciam trazer para a sala de aula uma implícita ingenuidade do tema A crônica jornalística como dispositivo de ensino na Educação de Jovens e Adultos: um Estudo de Caso, mas logo em seguida, as reflexões foram se explicitando.

A pesquisa, composta pela apresentação de dados obtidos a partir de um questionário aplicado nas duas turmas da (EJA), contou com a participação de 32 alunos entrevistados, distribuídos em 2 turmas “A” e “B” ambas com 16 participantes. A análise do questionário foi feita através da estatística descritiva abordando critérios quantitativos e qualitativos, sempre que necessário.

Foi realizada também uma entrevista com os alunos das turmas. Essa pesquisa teve como foco algumas questões do próprio questionário que ficaram com respostas pouco claras, ou ainda contraditórias e insuficientes para o que foi questionado, como confirmou Flick (2004) “a análise explicativa do conteúdo trabalha esclarecendo trechos difusos, ambíguos ou contraditórios, envolvendo material do contexto na análise” (p. 203).

Os dados das entrevistas foram fornecidos por meio de um guião com questões relevantes, pouco esclarecidas no questionário.

Os dados qualitativos fornecidos sobre a forma de entrevista semi-estruturada foram estudados nessa pesquisa de acordo com a análise de conteúdo (análise qualitativa), isto é, por meio da exploração das respostas dos alunos entrevistados.

O método utilizado nessa análise seguiu os parâmetros de “neutralidade” apontados por Triviños (2009) que considerou as entrevistas como “meios neutros que adquirem vida definida quando o pesquisador os ilumina com determinada teoria” (p. 137), e que Flick (2004) constatou que essas análises apresentam-se em um “processo contínuo de propagação” (p. 202).

Ao final, foram elaboradas “crônicas jornalísticas” com as duas turmas, estabelecendo-se comparações entre as produções; comparando os textos redigidos pelos alunos que receberam aulas com a crônica jornalística de modo aprofundado com

as dos alunos que assistiram aulas com conteúdos gramaticais, isto é, que também aborda o tema “crônica jornalística”, porém de forma resumida.

1. Analisando as respostas dos participantes

1.1. Estudando o perfil dos alunos

A partir da análise de dados referentes as duas turmas da (EJA), composta por 32 alunos, sendo 16 da turma A e 16 da turma B, foi realizado um estudo sobre as variáveis “faixa etária” e “gênero” dos alunos que cursavam a 4ª etapa do ensino fundamental.

Para a realização deste estudo foi necessária a utilização de medidas da estatística descritiva, dentre elas estão as medidas de valores físicos (F), compreendidas em valor real (números absolutos) e a medida de valor percentual (%). É importante destacar que cada questão foi analisada por turma e, em seguida as respostas de ambas as turmas foram comparadas com o total de alunos.

A análise dos dados referente a variável idade demonstra que os alunos da turma A têm idade superior aos da turma B.

Tabela 1
Perfil geral dos participantes

Variável 1-A	Turma A		Turma B		Global	
	F	%	F	%	F	%
Faixa etária						
De 18 a 25 anos	2	13	4	25	6	19
De 26 a 30 anos	8	50	6	38	14	44
De 31 a 35 anos	5	31	4	25	9	28
Acima de 36 anos	1	6	2	12	3	9
Total	16	100	16	100	32	100

Variável 1-B	Turma A		Turma B		Global	
	F	%	F	%	F	%
Gênero						
Masculino	4	25	10	62	14	44
Feminino	12	75	6	38	18	56
Total	16	100	16	100	32	100

Quanto à variável gênero, a turma A, a predominância é do sexo feminino. Já a turma B, apresenta maioria do sexo masculino, porém em termos globais a predominância de alunos que freqüentam a 4ª etapa da (EJA) é do sexo feminino.

1.2. Tipo de mídia mais procurada para leitura dos alunos

Em relação à tabela 2, os alunos indicam como principal mídia procurada para leitura o jornal diário. Os resultados enfatizam o que Park (1940, citado por Ponte, 2005) confirmou sobre o jornal:

Não é a importância intrínseca de um evento que o torna noticiável. É, sobretudo, o facto de esse evento ser tão fora do comum que, uma vez publicado, irá surpreender ou chocar, divertir ou mesmo excitar o leitor, que o irá recordar e repetir . (p. 92).

Em razão disso, tanto a turma A quanto a B o apontam como a mídia mais procurada. No que se referem as demais mídias, tais como: revistas, livros e internet evidenciam um nível de leitura bem reduzido.

Tabela 2

Tipo de mídia mais procurada pelos alunos

Variável Tipo de mídia	Turma A		Turma B		Global	
	F	%	F	%	F	%
Jornal	8	50	10	63	18	56
Revista	5	32	2	12	7	22
Livros	2	12	2	13	4	13
Internet	1	6	2	12	3	9
Outros	0	0	0	0	0	0
Total	16	100	16	100	32	100

A internet aparece na tabela 2 em último lugar com valor absoluto global de 3 alunos. Dos 16 alunos da turma A, apenas 1 escolheu essa mídia. Dos 16 alunos da turma B, 2 alunos procuram a internet.

Com a análise dos dados se deduz que existe dificuldade dos alunos acessarem a internet, pois poucos possuem computador e disponibilidade de freqüentarem aos

Cybers, e ainda pelo fato da escola não oferecer, até o momento desta pesquisa, nenhum laboratório de informática para esses alunos. Consideremos por meio da observação e dos dados coletados que a condição sócio-econômica e a falta de tempo dos alunos da (EJA) não contribuem para a aquisição de livros e revistas, pois muitos deles trabalham em tempo integral e só tem disponibilidade para estudar no noturno, logo o contato com a leitura das variáveis citadas é restrito. E o jornal por oferecer uma leitura breve e de fácil acesso torna-se mais procurado.

1.3. Local de leituras realizadas

Com a análise dos dados pôde-se verificar que os alunos realizam leituras em diversos ambientes. É importante ressaltar que a primeira variável “casa” foi indicada como o melhor local para se realizar leituras.

O que nos chamou bastante atenção na tabela 3 foi o fato dos alunos escolherem a condução “ônibus” como o local de leitura mais procurado que a variável escola. A escolha da variável “ônibus” reflete a idéia de que esses alunos lêem nos transportes coletivos com a intenção de aproveitar o tempo do trajeto para colocar a leitura em dia e manter-se atualizado, uma vez que o percurso de um local para outro é longo, e a maioria desses estudantes gasta em média 45 minutos para chegar ao lugar desejado, tempo suficiente para exercitar qualquer leitura, seja de jornal, seja de revistas ou de livros.

Tabela 3

Local de leituras realizadas

Variável Local de leitura	Turma A		Turma B		Global	
	F	%	F	%	F	%
Casa	10	63	14	88	24	75
Trabalho	1	6	0	0	1	3
Escola	2	12	1	6	3	10
Condução	3	19	1	6	4	12
Outros	0	0	0	0	0	0
Total	16	100	16	100	32	100

Quanto a variável trabalho, pudemos deduzir que os alunos empregados, não realizam leitura no local em que desenvolvem seu labor, sendo que do universo físico global de 32 alunos, apenas 1, consegue fazer leitura no período em que realiza suas atividades empregatícias.

1.4. Frequência semanal de leituras jornalísticas.

Analisando as variáveis de frequências de leituras jornalísticas relacionadas na tabela 4, percebe-se que durante a semana ela é restrita, apesar de ter sido apontada na primeira questão do questionário de pesquisa como a variável de leitura mais habitual.

Dos 32 alunos entrevistados, apenas 2 desenvolvem a leitura diária de jornal. A variável “uma vez por semana” atinge o maior valor no global o que se presume a dificuldade de compra deste periódico.

Observando todas as variáveis é possível notar que são poucos os alunos que não lêem jornal.

Tabela 4

Frequência semanal de leituras realizadas

Variável Frequência	Turma A		Turma B		Global	
	F	%	F	%	F	%
01 vez por semana	7	44	7	44	14	44
02 vezes por semana	5	32	4	25	9	28
03 vezes por semana	2	12	3	19	5	16
Todos os dias	1	6	1	6	2	6
Não lê jornal	1	6	1	6	2	6
Total	16	100	16	100	32	100

Detectamos por meio desses dados que a leitura de jornal, apesar de ser realizada com pouca frequência semanal, ainda é a mais desenvolvida em relação aos outros tipos de mídia.

1.5. Notícia que o aluno lê com mais costume

A sexta questão do questionário procurou mostrar as notícias lidas com mais costume pelos alunos.

Tabela 5
Notícias que os alunos lêem com mais costume

Variável Notícia	Turma A		Turma B		Global	
	F	%	F	%	F	%
Social	5	31	1	6	6	19
Policial	5	32	10	63	15	47
Cultural	4	25	1	6	5	15
Esportiva	2	12	4	25	6	19
Outras	0	0	0	0	0	0
Total	16	100	16	100	32	100

Quanto ao conteúdo, os dados avaliados nas variáveis em questão refletem que a maioria dos entrevistados tem o hábito de ler notícia policial. Verificou-se que desses resultados a maior parte dos alunos leitores são da turma B. Na turma A, houve equilíbrio entre as variáveis “social” e “policial”.

A turma B por apresentar maior quantidade de leitores do sexo masculino demonstra interesse em segundo plano por notícias esportivas. A variável social foi bem destacada como leitura de costume dos entrevistados da turma A, que somada com a variável cultural, podem indicar que as mulheres, a maioria nesta turma, não dão preferência a variável policial.

Porém, é relevante destacar que em sentido global a variável policial é lida com mais costume por todos os entrevistados, pelo fato desse público residir na periferia, local que apresenta maior índice de violência de diversos tipos e conviver diretamente com essa realidade, despertam interesse por esse tipo de notícias.

1.6. Ordem das notícias jornalísticas lidas primeiramente

Através da tabela 6, percebe-se que existe semelhança entre a ordem de leitura das notícias jornalísticas indicadas pelos alunos das duas turmas e que essa semelhança se estabelece no momento em que os alunos dessas turmas apontam em primeiro lugar a página policial.

Tabela 6

Notícias jornalísticas lidas primeiramente

Variável	Turma A		Turma B		Global	
	F	%	F	%	F	%
Notícias lidas primeiramente						
Política	2	13	3	19	5	16
Polícia	8	50	5	31	13	41
Economia	1	6	1	6	2	6
Culinária	1	6	0	0	1	3
Diversão	1	6	1	6	2	6
Esporte	2	13	3	19	5	16
Cultura	0	0	1	6	1	3
Saúde	1	6	2	13	3	9
Outros	0	0	0	0	0	0
Total	16	100	16	100	32	100

As notícias como políticas e esportes aparecem na tabela com valor idêntico. As demais notícias, tais como, saúde, diversão e cultura são classificadas na ordem com valores globais mínimos, nesse caso, mais uma vez, os alunos comprovam que tem interesse voltado para as notícias policiais que aparecem na tabela 5 como leitura preferencial da turma A e da turma B.

Nesse contexto, os alunos despertam interesse imediato para a leitura de textos policiais por apresentar fatos e acontecimentos bem próximos da realidade vivenciada por eles, podendo ocorrer com um parente, um vizinho ou um amigo. É o que constatamos em: “o facto das notícias serem sobre nós e o nosso quotidiano fazem-nas representar uma espécie de ponte ou de ligação entre a nossa vida de todos os dias e o

que se passa na política, na economia e nas relações internacionais” (Langer, citado por Ponte, 2005, p. 204).

1.7. Razões de busca de leitura jornalística

Com relação as razões para busca de leitura, as respostas foram diversificadas. Os participantes apontaram como as mais procuradas às variáveis “manter-se atualizado” e “para acompanhar indicadores econômicos”.

Tabela 7

Objetivo de buscas de leituras jornalísticas

Variável Objetivo de leitura	Turma A		Turma B		Global	
	F	%	F	%	F	%
Razões profissionais	3	19	3	19	6	19
Para se manter atualizado	6	37	10	62	16	50
Por falta de tempo de ler outra mídia	3	19	0	0	3	9
Para acompanhar indicadores econômicos	4	25	3	19	7	22
Outra razão	0	0	0	0	0	0
Total	16	100	16	100	32	100

A variável de maior destaque foi “manter-se atualizado”. Os alunos das turmas investigadas buscam a leitura de jornal com a intenção de estar “por dentro” dos fatos que acontecem no mundo e na sua cidade. Observou-se, ainda, que as variáveis “razões profissionais” e “para acompanhar indicadores econômicos” aparecem equiparadas em termos globais.

1.8. Texto de preferência dos alunos

Um fato que merece atenção na tabela 8 é que aparecem como texto preferencial dos alunos das duas turmas as “notícias atuais”, o que corrobora com a variável

“manter-se atualizado” da tabela 7 comprovando que os alunos da (EJA) tem preferência por textos relacionados a sua realidade.

Os “classificados” são apontados em segundo lugar.

Tabela 8

Textos jornalísticos de preferência dos alunos

Variável Texto preferencial	Turma A		Turma B		Global	
	F	%	F	%	F	%
Notícias atuais	10	63	10	63	20	63
Crônicas	1	6	1	6	2	6
Artigos	2	12	1	6	3	9
Classificados	3	19	4	25	7	22
Outras	0	0	0	0	0	0
Total	16	100	16	100	32	100

A partir desses dados percebe-se até o momento que, do total dos entrevistados, 2 alunos optaram como texto preferencial a variável “crônica”, o que indica grande desconhecimento do assunto. Verificamos que a variável “artigos” é de pouca preferência para os alunos das turmas A e B.

1.9. Objeto de atenção para a leitura de um texto jornalístico

Os resultados obtidos quanto a esta pergunta do questionário refletem o momento em que o aluno se depara com as notícias jornalísticas, para que seja despertada a atenção em relação a escolha do texto a ser lido.

De acordo com os entrevistados da turma A e da turma B, o maior atrativo para se realizar a leitura de um texto jornalístico está relacionado ao “assunto em si”. As variáveis “as cenas dos cadernos anexos” e “manchete inicial” aparecem na tabela 9 com valores aproximados, demonstrando certo equilíbrio.

Tabela 9**Atrativo para a leitura de um texto jornalístico**

Variável	Turma A		Turma B		Global	
	F	%	F	%	F	%
Atrativo de leitura						
Manchete inicial	3	19	4	25	7	22
Uma boa fotografia	3	19	2	12	5	16
O assunto em si	6	37	6	38	12	37
As cenas dos cadernos anexos	4	25	4	25	8	25
Outras	0	0	0	0	0	0
Total	16	100	16	100	32	100

Percebe-se que os alunos ao “folhear” um jornal, a maioria, não têm leitura de material específico, ou seja, não vão diretamente a uma matéria objetiva para leitura e selecionam de forma aleatória o que desejam ler.

1.10. Médias de leituras de notícias jornalísticas

A tabela 10 indica a média de leitura de notícias jornalísticas de cada aluno entrevistado. Lembrando que a frequência de leituras é de relevância para o Estudo de Caso em questão, pois é um subsídio para a aplicação de um contexto comparativo, uma vez que “um aspecto interessante do Estudo de Caso é o de existir a possibilidade de estabelecer comparações entre dois ou mais enfoques específicos, o que dá origem aos Estudos Comparativos de Casos” (Triviños, 2009, p. 136). Nessa tabela, o enfoque comparativo enriqueceu a pesquisa qualitativa, no momento em que detectamos que os alunos pouco lêem notícias jornalísticas.

Tabela 10**Média de leitura de notícia jornalística**

Variável	Turma A		Turma B		Global	
	F	%	F	%	F	%
Média de leitura						
Uma a duas notícias	2	12	1	6	3	9
Três a cinco notícias	7	44	6	38	13	41
Seis a sete notícias	3	19	3	19	6	19
Oito a nove notícias	3	19	4	25	7	22
Dez ou mais notícias	1	6	2	12	3	9
Total	16	100	16	100	32	100

Com base nas variáveis indicadas na tabela 10, pode-se perceber que com relação à média de leituras jornalísticas tanto a turma A quanto a B afirmam ler de “três a cinco notícias por semana”. Apenas três alunos conseguem ler “mais de dez notícias” o que pressupõe pouco nível de leitura jornalística dos entrevistados, o que não confere com a variável mais procurada na tabela 2, em que os alunos apontam o jornal como a mídia mais lida, gerando um nível de respostas confusas. O que é comum nas entrevistas semi-estruturadas, que aplicadas a um único grupo, podem apresentar resultados nem sempre precisos, pois:

Nossas práticas em pesquisa qualitativa nos têm ensinado que, em geral, o processo da entrevista semi-estruturada dá melhores resultados se se trabalha com diferentes grupos de pessoas (professores, alunos, orientadores educacionais, diretores, sobre as perspectivas da orientação educacional nas escolas), quando se realizam, primeiro, entrevistas individuais com pessoas dos diferentes setores envolvidos; logo se avança com grupos representativos de sujeitos de cada setor e, finalmente, numa entrevista semi-estruturada coletiva, formada por sujeito dos diferentes grupos.

(Triviños, 2009, p. 146)

1.11. Leituras jornalísticas em sua totalidade

Na questão referente a leitura total do texto jornalístico a maior parte dos alunos entrevistados confirmam ler as notícias por inteiro como verificamos em:

- Gosto de ler as notícias inteiras para saber o que acontece no final do assunto.

- Adoro ler por completo a página de concursos, para saber os quais estão ao meu alcance.

(Guião das entrevistas – turma A).

Curiosamente, um quarto dos alunos da turma A ressaltaram não concluir a leitura de um texto jornalístico, foi o que pudemos observar no seguinte discurso:

- Quando começo a ler um texto do caderno de polícia e vejo que o assunto é tão violento, desisto de continuar lendo e procuro outro caderno mais leve como a agenda dos filmes que estão em cartaz no caderno de cultura.

(Guião das entrevistas – turma A).

Tabela 11

Leituras jornalísticas em sua totalidade

Variável	Turma A		Turma B		Global	
	F	%	F	%	F	%
Leitura total do texto						
Sim	8	50	10	62	18	56
Não	4	25	3	19	7	22
Às vezes	4	25	3	19	7	22
Total	16	100	16	100	32	100

Detectamos que uma pequena parte dos alunos parece apresentar dúvidas quanto à leitura total dos textos jornalísticos, pois apontam à variável “às vezes” para responder a questão solicitada, como vemos em:

- **Aluno:** Às vezes quando to com tempo pra ler.

- **Entrevistador:** Apenas quando está com tempo?

- **Aluno:** Sim.

(Guião das entrevistas – turma A)

Presume-se que a leitura total de um texto jornalístico depende do tempo que o aluno possui para ler, nesse caso, mais uma vez a falta de tempo é condicionante para a não leitura dos textos jornalísticos por inteiro, como vimos no comentário da tabela 2 onde essa mesma condicionante interfere na aquisição de revistas e livros.

1.12. Conceituando a crônica

A tabela evidencia que a maior parte dos alunos das turmas entrevistadas “A e B” têm desconhecimento do conceito de crônica. Os dados mostram que de 32 alunos apenas 6 afirmaram saber o que é crônica. Esses dados colocam em evidência a questão da complexidade de assuntos discutidos em sala de aula que, segundo eles, “esse assunto” pode ter passado despercebido:

- Não. Eu não prestei atenção nesse assunto quando foi apresentado em sala de aula, por isso não sei o que é crônica.
- Para falar a verdade não, porque eu não tenho domínio sobre o conceito e a aplicabilidade do gênero crônica.
- Não até porque quando leio um jornal, não sei distinguir a diferença entre artigo e crônica. Apenas gosto de ler o sentido crítico da matéria, quando, por exemplo, uma reportagem fala do caos em que se encontra a saúde pública da nossa Cidade.

(Guião das entrevistas – turma A)

Tabela 12

Conhecimento de crônica

Variável	Turma A		Turma B		Global	
	F	%	F	%	F	%
Conhecimento de crônica						
Sim	4	25	2	12	6	19
Não	12	75	14	88	26	81
Total	16	100	16	100	32	100

No entanto, dos entrevistados, a maioria, desconhece o conceito de crônica. Esse fato foi o que mais causou incentivo para ampliarmos essa dissertação. A preocupação no momento é mostrar que a crônica é um dispositivo eficiente e pode contribuir para o desempenho significativo dessas turmas, ressaltando que no decorrer dessa pesquisa os conteúdos serão aprofundados numa turma, o que não impede de ser explorado na outra.

1.13. Ciência da crônica como texto jornalístico

No que se refere aos critérios da ciência da crônica enquanto texto jornalístico, as respostas das turmas A e B completam a questão da tabela 12. Nesse sentido, se os alunos não sabem o que é crônica, logo, não são cientes de que esse texto faz parte do jornal. Na tabela 13, verificamos semelhança com a tabela 12 em que a maioria expressiva dos alunos entrevistados, revela desconhecer a crônica enquanto texto jornalístico, sendo que uma pequena parte do valor global diz saber que a crônica é um elemento pertencente ao jornal, como detectamos em:

- Sim. Até porque os comentaristas do jornal se expressam através das crônicas, quando relatam os fatos do dia-a-dia.
- Sim. Sei que o jornal é composto por: artigos, crônicas e outros textos.

(Guião das entrevistas – turma A)

Tabela 13

Ciência da crônica como texto jornalístico

Variável	Turma A		Turma B		Global	
	F	%	F	%	F	%
Ciência da crônica como texto						
Sim	3	19	1	6	4	12
Não	13	81	15	94	28	88
Total	16	100	16	100	32	100

Com relação ao assunto “crônica jornalística”, observa-se que a maioria dos entrevistados desconhece esse gênero como texto jornalístico, para eles esse tipo de texto não se aplica a sua realidade por diversas razões, tais como: “tempo para ler jornal”, “pouco leio jornal” e “[...] a professora falou, mas não lembro” (Guião das entrevistas).

1.14. Frequência do termo crônica jornalística

No que diz respeito a frequência do termo crônica jornalística em sala de aula, observa-se uma tendência a variável “nunca”.

Tabela 14**Frequência do termo crônica jornalística em sala de aula**

Variável	Turma A		Turma B		Global	
	F	%	F	%	F	%
Várias vezes	0	0	0	0	0	0
Raramente	2	12	2	12	4	12
Nunca	10	63	12	75	22	69
Não soube opinar	4	25	2	13	6	19
Total	16	100	16	100	32	100

Essa tendência se manifesta, especialmente, no que se refere ao desconhecimento desse termo, em que a maioria dos alunos das turmas A e B afirmam que nunca foi discutido esse tipo de texto em sala.

No entanto, houve alunos que não opinaram em relação a pergunta feita na entrevista sobre a frequência do termo citado.

1.15. Curiosidade de saber o que é uma crônica jornalística

As variáveis apresentadas “sim e não” dizem respeito a curiosidade em saber o conceito de crônica jornalística. Com relação a essas variáveis, na tabela 15, observa-se que a maioria dos alunos tem curiosidade de saber o que é uma crônica jornalística, evidenciamos isso por meio das respostas indicadas no questionário e também por meio das falas dos entrevistados.

- Sim, com certeza esse assunto vai contribuir para ampliar nosso conhecimento, apesar de ter lido pouco jornal.
- Sim, porque ainda não decidi, mas pretendo futuramente prestar vestibular para o curso de Comunicação e devo dominar o assunto.

(Guião das entrevistas – turma B)

Tabela 15**Curiosidade na definição de crônica jornalística**

Variável	Turma A		Turma B		Global	
	F	%	F	%	F	%
Curiosidade sobre crônica						
Sim	13	81	15	94	28	88
Não	3	19	1	6	4	12
Total	16	100	16	100	32	100

Entretanto, percebe-se que uma pequena parcela dos entrevistados afirma não despertar nenhuma curiosidade em relação à questão, pois já têm conhecimento da crônica enquanto um elemento pertencente ao jornal.

1.16. A crônica como texto

Considerando que a crônica se enquadra em um dos tipos de textos, os critérios de escolha, apontados pelos alunos foram bem diversificados. A variável mais procurada foi “nenhum dos textos acima” que assumiu o maior percentual das respostas. O que pode demonstrar uma das características da pesquisa qualitativa que “busca uma profunda compreensão do contexto da situação” (Teixeira, 2007, p. 137), a situação do momento é que os alunos não conhecem os tipos textuais que são aplicados, tão pouco a crônica como texto.

Tabela 16**A crônica como texto**

Variável	Turma A		Turma B		Global	
	F	%	F	%	F	%
Tipo de texto						
Descritivo	2	12	4	25	6	19
Narrativo	3	19	2	12	5	15
Dissertativo	3	19	3	19	6	19
Nenhum dos tipos de texto acima	8	50	7	44	15	47
Total	16	100	16	100	32	100

No entanto, a variável “dissertativo” demonstrou na tabela 16 um valor igual à variável “descritivo”. Isso comprova a indecisão dos entrevistados das duas turmas para identificar o tipo textual em que a crônica se enquadra, como vemos em:

Entrevistador: Que tipo de texto você pensa que é uma crônica?

Aluno: Descritivo.

Entrevistador: Por quê?

Aluno: Porque descreve os acontecimentos do dia-a-dia.

Entrevistador: Como assim?

Aluno: Por exemplo, quando tem um acidente, o repórter vai falar de como ocorreu e descrever as cenas todas.

Entrevistador: Certo. É isso que você pensa?

Aluno: Sim, com certeza.

(Guião das entrevistas – turma B)

E também em:

Entrevistador: Que tipo de texto você pensa que é uma crônica?

Aluno: Dissertação, porque dissertam os fatos das vidas das pessoas.

(Guião das entrevistas – turma A)

Como pudemos observar as questões propostas no questionário foram baseadas no modelo sugerido por Malhotra (2004), contudo, sem deixar de atentar aos processos de aplicação de uma entrevista fornecidos por Martins (2008), que procuraram mostrar o interesse dos alunos da (EJA) em conhecer a crônica jornalística como dispositivo eficiente no ensino.

Chegou-se a conclusão de que grande parte dos alunos tem curiosidade de desenvolver um estudo mais aprofundado desse tema.

Até o momento as turmas A e B parecem não mostrar diferenças de conhecimento sobre crônica, pois os dados confirmaram que tanto os alunos da turma A, a maioria, quanto da B desconhecem esse tipo de estudo em sala de aula.

Considerando a proposta de Malhotra (2004) verificamos que o questionário aplicado nas duas turmas atingiu seus objetivos específicos: “incentivar o entrevistado a se deixar envolver pela entrevista e minimizar o erro da resposta”, uma vez que todos os alunos entrevistados responderam livremente as questões, sem fazer nenhuma crítica ao questionário proposto, respondendo aos itens questionados.

2. Da informação à produção: uma avaliação imparcial das crônicas jornalísticas dos alunos da (EJA)

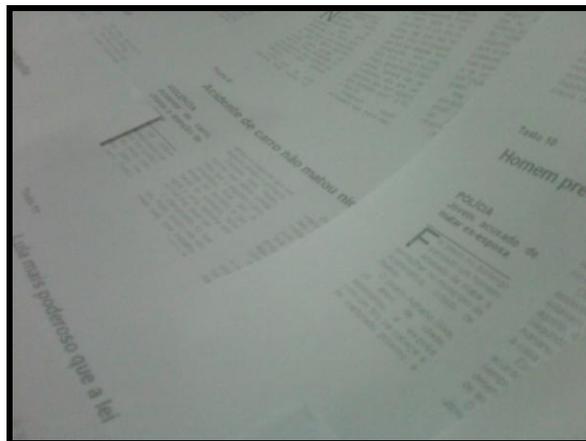


Figura 11 – Textos produzidos pelos alunos da (EJA)

Buscamos apresentar nesse momento uma análise imparcial qualitativa dos textos jornalísticos dos alunos das duas turmas investigadas.

Segundo Mayring (citado por Flick, 2004) a análise dos textos definiu-se pelo “o que de fato se espera interpretar com eles” (p. 202). Flick (2004) constatou “os textos tornam-se a base do trabalho interpretativo e das inferências feitas a partir do conjunto dos materiais empíricos” (p. 222).

A partir daí percebemos que os alunos da turma A, os quais receberam aulas com a proposta sugerida na metodologia que propõe um estudo aprofundado à luz dos conteúdos estabelecidos nos (PCN) conseguiram escrever a crônica jornalística sem nenhum obstáculo. O total dessa turma, 16 alunos entregou seus textos para avaliação. Entretanto, os alunos da turma B, também com 16 alunos, que receberam aulas com os gêneros textuais de modo resumido não atingiram um percentual satisfatório, sendo que apenas 8 alunos entregaram seus textos para análise.

O desempenho significativo dos alunos resultou da soma positiva alcançada em todos os níveis propostos. Para a realização dessa avaliação pensou-se numa análise qualitativa do conteúdo e foram necessários os seguintes mecanismos de análises que permitiram observações em momentos distintos abordando os diferentes níveis textuais, tais como:

- Coesão e coerência: organização da crônica jornalística;
- Gramática da notícia e competências lingüísticas;

- O contexto, o enunciado da crônica jornalística;

O parâmetro coesão e coerência foram apontados como nível de análise textual a partir da importância do conceito desses aspectos determinados por diversos estudiosos. Koch e Travaglia (1989) afirmaram que “a coerência é algo que se estabelece na interlocução, numa situação comunicativa entre dois usuários” (p. 10) e paralelamente a essa definição estabelecida pelos referidos autores encontra-se a coesão, elemento indispensável para os estudos textuais.

Para Koch e Travaglia (1989) “a coesão é explicitamente revelada através de marcas linguísticas e superficial do texto” (p. 13). Logo, relaciona-se com a estrutura seqüencial do texto, podendo ser sintática e gramatical, ou ainda, segundo Halliday e Hasan (1976, citados por Koch e Travaglia, 1989) pode ser “semântica”.

Cabe lembrar aqui que, tanto a coerência quanto a coesão são elementos fundamentais para se realizar uma análise textual, seja de natureza jornalística, seja de outra natureza, pois envolve a função sintática, gramatical e semântica tão discutida pelos autores mencionados.

Estabelecemos o parâmetro “gramática da notícia e competências lingüísticas” por tratar de assuntos referentes à imprensa jornalística, com a intuição de que a crônica se refere a um evento que expõe uma série de fatos, como detectou Lage (2006) “o primeiro evento antecede o segundo, o segundo o terceiro, e assim por diante” (p. 17). Desse modo, ao analisarmos uma crônica produzida por qualquer aluno das turmas A e B veremos que o início e o fim da seqüência são determinados normalmente pelo narrador.

Para Lage (2006) “cada evento pode ser fracionado em partes, de modo que o narrador escolhe o ritmo da seqüência” (p. 18). Evidencia-se com isso que, para se receber qualquer mensagem é necessária a participação ativa do emissor no discurso, caso contrário, a interferência de sentidos passa a dominar.

Considerando que o contexto se relaciona “tanto com o nível semântico, quanto com o nível pragmático” (Koch e Travaglia, 1989, p. 48), perceberemos que o parâmetro “o contexto, enunciado da crônica jornalística” torna-se outro aspecto importante para nosso estudo, pois, por meio do sentido reconstruído nas crônicas dos alunos da (EJA), descobrimos que “compreender um enunciado não é somente referir-se a uma gramática e a um dicionário, é mobilizar saberes muito diversos, fazer hipóteses, raciocinar, construindo um contexto que não é um dado preestabelecido e estável” (Maingueneau, 2008, p. 20).

No entanto, caso o aluno não consiga atingir os níveis “coerência e coesão, competências linguísticas com relação á gramática e o contexto”, o desempenho considera-se não satisfatório.

Em cada nível textual, apresentamos diferentes parâmetros de análise e serão comprovados com trechos ou textos das crônicas jornalísticas elaboradas pelos entrevistados.

Os temas foram selecionados pelos próprios alunos que puderam optar para a elaboração das crônicas e por assuntos diversificados: Política, Polícia, Economia, Culinária, Diversão, Esporte, Cultura e Saúde. O título do texto foi de autoria dos alunos em ambas as turmas, o desempenho na escolha dos títulos foi positivo, embora os alunos da turma B tenham demonstrado dúvidas no momento da seleção do assunto de sua preferência, porém conseguiram perceber que o título, deve chamar a atenção do leitor.

2.1. Coesão e coerência: organização da crônica jornalística

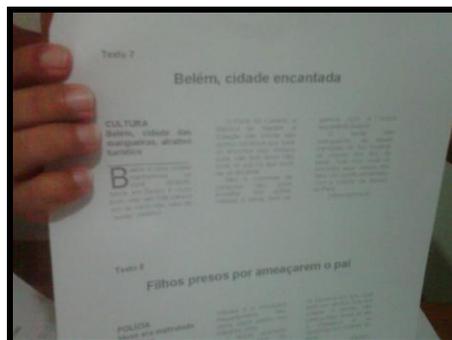


Figura 12 – Textos produzidos pelos alunos da (EJA)

Com a intenção de se realizar uma breve análise das produções dos alunos de origem narrativa, sobretudo de crônicas jornalísticas, detectamos que grande parte dos investigados elaborou seus textos utilizando os critérios de coerência e coesão formulados por alguns autores: Halliday e Hasan (1976) afirmaram que a coesão e a coerência relacionam-se ao modo como o texto está estruturado semanticamente. Desse modo, o significado do texto não é uma seqüência sem lógica, nem tão pouco aleatória. Para eles um texto é coerente e coeso quando ocorre o envolvimento do falante na situação de fala. O que verificamos no texto abaixo:

Texto 1

Coitado do Irmão!

JOGO

Resultado do Re x Pa termina em confusão

Um certo dia, ao conversar com um cobrador de ônibus cujo o apelido era “irmão”, que trabalhava na empresa Rio-Guamá, me surpreendi com suas histórias. Uma retratou o famoso jogo de futebol paraense.

Quem nunca ouviu falar do conhecido Re x Pa? Era justamente esse jogo que “irmão” estava me contando: segundo ele tudo aconteceu numa tarde de domingo em que todos os cobradores temiam trabalhar, com medo da grande partida de futebol.

Pobre “irmão”! Por ironia do destino foi escolhido para fazer à rota que passava próximo ao “Mangueirão” (grande Estádio paraense), ao passar na rodovia Augusto Montenegro, as torcidas dos times Remo e Paissandu começaram a discutir. Os palavrões, as ofensas barbarizaram todos os que estavam no ônibus e o “irmão” para defender sua renda entrou na “onda” também.

Com sua voz alta e estrondosa mandou todos se calarem, mas não adiantou, o irmão foi espancado pelas torcidas dos dois times e o veículo ficou totalmente destruído.

(aluno turma A)

O aluno da turma A teve a preocupação de relacionar os acontecimentos a linguagem falada. Observamos a utilização de expressões como “cobrador de ônibus cujo apelido era irmão” e “quem nunca ouviu falar do conhecido Re x Pa”. O registro, no caso “constituído por traços lingüísticos” (Halliday e Hasan, 1976) foi associado semanticamente a substância do texto “o famoso jogo de futebol paraense”.

Koch (1997), citando Marcuschi (1983), diz que a coerência “é a organização reticulada ou tentacular do texto, não linear, portanto, dos níveis de sentido e intenções, a coesão refere-se a sequenciação superficial do texto” (p. 21). Assim, para Marcuschi, a coerência é a continuidade de sentidos e a coesão seria a conexão seqüencial. Comprovamos com o texto “Acidente de carro não matou ninguém”.

Texto 6

Certo dia estava passeando pela rua quando um vizinho, conhecido de meus pais me chamou para me contar um caso. Contou ele a história de um acidente que envolveu três carros. Os carros tentaram frear bem em cima do semáforo, mas infelizmente o terceiro falhou. Quando parou atingiu o segundo que em seguida atingiu o primeiro.

Dizendo seu Pedro, vizinho que adora contar fatos que o segundo carro conseguiu ficar à frente do terceiro e por baixo do primeiro, ficou igual a uma salsinha em um hot-dog, disse ele.

O interessante foi que seu Pedro pouco me via pelas ruas, pois trabalho muito e o meu tempo é curto para ouvir esses casos, mas teve a coragem de relatar esse absurdo ocorrido em nossa rua. Entretanto, a tristeza maior de seu Pedro, foi o fato do acidente não ter matado ninguém. Irritado com aquilo tudo disse: “pra mim acidente só tem graça quando mata alguém que não seja meu conhecido” [...].

(aluno turma A)

O conteúdo e a sequenciação bem organizada pelo aluno favoreceu um entendimento global do assunto. Vejamos o momento em que ele utilizou “Certo dia”, “O interessante” e “Fiquei assustado...”, complementa a idéia de sequenciação proposta por Marcuschi (1983).

Do mesmo modo, Koch (1997) afirmou que “a coerência é algo que se estabelece na interação, na interlocução numa situação comunicativa entre dois usuários” (p. 11). Dessa forma, a coerência está ligada a inteligibilidade do texto numa situação comunicacional e à capacidade que o receptor tem para entender o sentido do texto se revela por meio de marcas linguísticas “índices formais na estrutura da seqüência lingüística e superficial do texto, sendo, portanto, de caráter linear” (p. 13).

Como se percebeu a coesão pode se manifestar na organização seqüencial do texto, de forma sintática, gramatical e semântica, no momento que estabelece relações entre um elemento do texto e outro elemento favorável para sua interpretação.

Ao contrário do texto acima apresentado, temos também um outro no qual o aluno não forneceu os fundamentos necessários para a compreensão do sentido global do texto. O que verificamos em relação ao texto abaixo foi que o aluno utilizou a notícia sem se preocupar com o conteúdo desenvolvido.

Texto 2

Pai acusado de estuprar filho

POLICIAL

Menino sofreu abuso sexual pelo próprio pai

Não se sabe como aconteceu, mas ele estava desesperado. Vivia triste pela casa, não contava nada a ninguém. Maria sempre estava sorrindo com aquelas idéias que ouvia sem saber por que, parecia até uma hiena, dava risadas sem parar a todo o momento.

O menino estava lá de cabeça baixa sem olhar nos olhos de ninguém. O pai como sempre entrava e saía.

(aluno turma B)

Verificamos que a ocorrência foi interrompida quando ele seqüenciou outro personagem “Maria” sem fazer ligação com a notícia principal “Pai estupra filho”. O leitor não consegue compreender os motivos das risadas de “Maria”, já que se trata de um acontecimento trágico. Outro motivo que prejudicou a compreensão do texto foi o fato do aluno apresentar idéias “aleatórias”, o que contradiz com o ponto de vista de (Halliday e Hasan, 1976).

Cabe lembrar, que em nenhum momento o escritor-aluno teve a intenção de satisfazer o leitor uma vez que a manchete inicial liga-se internamente ao primeiro parágrafo, recordando ainda que o desejo do leitor fica a “mercê” de uma conclusão digna ao título do texto. Observamos que faltou a relação de enquadramento aos tipos textuais. O aluno parece não ter segurança do tipo de texto que elaborou.

Identificamos também na turma B que do universo de 8 alunos, dois atingiram corretamente os critérios sugeridos para análise. No que se refere a coesão e coerência discutidos por Koch e Travaglia (1989) o texto 4 do aluno da turma B confirmou explicitamente o uso desses critérios.

Pudemos detectar no momento que o aluno se apropriou do conjunto de idéias para elaborar sua crônica. O título adequado ao acontecimento principal denota o sentido de que “o pai” cometeu um crime. Ao ler a manchete “Pai acusado de matar o próprio filho”, nota-se que se trata de um acontecimento trágico, idéia melhor especificada pela leitura global do texto:

Texto 4

Pai matou filho com facadas

POLICIA

Pai acusado de matar o próprio filho

Certa noite chegou em casa por volta das 24 h o jovem Rafael dos Santos de 26 anos que foi assassinado pelo pai Rosevaldo dos Santos.

O acusado foi preso em flagrante pela Polícia Militar que fazia ronda no momento do crime. Segundo relatou o pai da vítima, o jovem era acostumado a sair de casa à noite para ir atrás de drogas nas piores “bibocas” do bairro, mas não demorava a chegar em casa. Nessa noite ele deixou a cama preparada com travesseiros e lençóis, dando a impressão que estava dormindo. Então, ao ouvir barulhos pela casa, o pai foi até o quarto do filho que parecia estar dormindo. Rosevaldo dos Santos se assustou com o barulho e procurou se armar, já que o filho parecia estar dormindo em casa, no escuro feriu gravemente um homem, pensando que fosse bandido. Ao perceber que era o próprio filho entrou em desespero e pânico, mas infelizmente era tarde demais, o jovem já havia morrido.

A Polícia Militar passou pelo local do crime e prendeu o acusado que vai responder o crime em liberdade por ser idoso de 76 anos.

(aluno turma B)

Outro texto possível de se realizar uma análise semelhante a essa, produzido pelo aluno da turma B foi:

Texto 3

Eleição se aproxima, candidato se anima

POLÍTICA

Interesse político cansou eleitor

Todo ano de eleição é a mesma coisa. Os jornais divulgam uma série de corrupções cometidas por nossos políticos e não demora eles vem com a cara mais limpa.

As eleições estão chegando, os “Barbalhos” se animando. Lá vem Jatene e Almirzão querendo mostrar o que não passou de suas obrigações como governantes. Suas obras acabadas e inacabadas mostram o desvio de milhões.

Será que vai ser sempre assim? A eleição se aproxima e os “tucanos” se animam.

(aluno turma B)

Observa-se logo no título da crônica que, o escritor pretende chamar a atenção do leitor, utilizando ironicamente o tema política. A ironia pode ser perfeitamente observada na manchete “Interesse político cansou eleitor”. O sentido global do texto pode ser atingido por meio dos demais critérios “a linguagem e o contexto”. O leitor para manifestar um entendimento mais profundo deve ter conhecimento dos elementos lingüístico presentes “Barbalhos, tucanos e Almirzão”, assim como, considerar o contexto de elaboração textual.

No entanto, alguns alunos da turma B não conseguiram atingir o critério de coesão e coerência. O que foi possível comprovar por meio da seguinte crônica:

Texto 1

Uma triste história

SOCIAL

Incêndio mata idoso

Tudo aconteceu por volta das 20 horas do dia 25 de dezembro de 2008 na casa do senhor Afranásio. Mulher de 80 anos, que morava sozinha em sua residência. Parecia que não tinha ninguém na vida, pois na hora do incêndio que ocorreu na sua casa ninguém a socorreu.

O Corpo de Bombeiros foi acionado por populares, mas quando chegou ao local, era tarde demais. As chamas haviam invadido e destruído toda a casa do idoso. O corpo não foi encontrado, apenas as cinzas restaram.

(aluno turma B)

Na realidade, a coerência e a coesão foram interferidas pelo fato do aluno iniciar o texto com uma idéia diferente da apresentada no título, que retrata de “Uma triste história”, seguida pela manchete “Incêndio mata idoso”. Até o momento, o aluno parece criar perspectivas de satisfação no leitor, porém essas perspectivas são quebradas no decorrer do desenvolvimento do texto.

A confusão de sentidos cria-se a partir do momento em que o aluno comete um equívoco com o sexo do personagem. No início é “idoso”, em seguida é “uma mulher de 80 anos”. Entretanto, percebe-se a retomada de sentidos com a ligação do título à manchete principal no final da crônica “As chamas haviam invadido e destruído toda a casa do idoso”.

Incide sobre a interferência de sentido complexo, as informações apresentadas no texto:

Texto 6

Salas de aula lotadas deixam alunos em pé

EDUCAÇÃO

Aluno não tem onde sentar em sala de aula

Inacreditável, estamos no final do ano letivo e as escolas de Belém ainda deixam os alunos sem carteiras, sem lugar para sentar.

Assim relatou a moça a sua mãe, voltou pra casa vários dias por não ter onde sentar. A mãe disse pra ele não ir mais pra aula pra não ficar de pé, mas ele foi.

(aluno turma B)

Aqui, a compreensão só pode existir no título “Salas de aulas deixam alunos em pé” e na manchete principal “Aluno não tem onde sentar em sala de aula”. Vejamos que a preocupação do aluno voltou-se para o formato do texto jornalístico, esquecendo-se do conteúdo informacional e da relação com o contexto. Ocorreu a interferência de sentidos após a introdução. De fato, o leitor espera maiores detalhes das “escolas de Belém”, acontecimento interferido pela presença de uma outra informação: “assim relatou a moça”.

Em contrapartida, essa relação de sentidos pode ser encontrada na crônica abaixo:

Texto 6

Acidente de carro não matou ninguém!

VIOLENCIA

Acidente de carro chama a atenção de populares

Certo dia estava passeando pela rua quando um vizinho, conhecido de meus pais me chamou para me contar um caso. Contou ele a história de um acidente que envolveu três carros. Os carros tentaram frear bem em cima do semáforo, mas infelizmente o terceiro falhou. Quando parou atingiu o segundo que em seguida atingiu o primeiro.

Dizendo seu Pedro, vizinho que adora contar fatos que o segundo carro conseguiu ficar à frente do terceiro e por baixo do primeiro, ficou igual a uma salsinha em um hot-dog, disse ele.

O interessante foi que seu Pedro pouco me via pelas ruas, pois trabalho muito e o meu tempo é curto para ouvir esses casos, mas teve a coragem de relatar esse absurdo ocorrido em nossa rua.

Entretanto, a tristeza maior de seu Pedro, foi o fato do acidente não ter matado ninguém. Irritado com aquilo tudo disse: “pra mim acidente só tem graça quando mata alguém que não seja meu conhecido”.

Fiquei assustado com o relato de seu Pedro e juro que preferia ter ficado no meu cantinho curtindo meus livros ou até mesmo um programa de televisão. Lucraria mais.

(aluno turma A)

O título estabelece uma ligação com a manchete, possibilitando a compreensão do sentido global da crônica. Ao realizar a leitura “Acidente de carro chama atenção de populares”, o leitor pressupõe que o acontecimento não foi fatal.

Outra análise semelhante ocorreu no texto 14:

Texto 14

Notícias nem sempre são boas

SOCIAL

Criança abandonada pelos pais

Num desses dias qualquer, estava vagando pelas ruas do bairro de Nazaré, quando um jornalista me parou e contou tristes histórias da sua vida.

Contou ele que ao nascer tinha sido abandonado pela sua mãe. Em nenhum momento falou do pai verdadeiro. Disse que seu pai de criação tinha o ensinamento coisas boas e ruins que o ajudaram, a saber, escolher corretamente. Sempre se esforçou bastante para conseguir seu objetivo. Acreditava que o fato de ser jornalista não queria dizer que era um fracassado, mas uma pessoa que aproveitou a oportunidade que a vida lhe ofereceu.

Começou a chorar, pois a realidade escrita naqueles jornais o machucava mais que a sua própria vida. Fiquei pensando ali mesmo, as notícias são boas quando estão distantes da gente, mas quando se aproximam nos machucam profundamente, ainda mais quando tratam de fatos ruins. Queria sair de perto do jornaleiro, mas não pude, pois o via todos os dias, na rua, em casa. Era meu pai, o pobre jornaleiro que além de abandonado foi invisível para toda a sociedade.

(aluno turma A)

No momento em que o aluno expõe a questão da “criança abandonada pelos pais”, à relação título – manchete se estabelece imediatamente. Entretanto, o leitor é surpreendido quando realiza a leitura global do texto, descobre que o “jornaleiro” trata-se da “criança” retratada no início do texto.

No caso da crônica 5, o procedimento de sentido “título – manchete” se distancia. Percebe-se, claramente, na produção, o esforço do leitor para compreender o título da crônica:

Texto 5

Vergonha na cara

EDUCAÇÃO

Solidariedade para com o próximo

Num destes dias, alguém muito importante se achando que tava abafando me disse isso: “tenho que criar vergonha na cara e fazer alguma coisa para ajudar os outros”. Esse desabafo foi de alguém que nunca se importou nem consigo mesmo.

Ouvi isso de uma pessoa que nunca se importou com nada. Foi o que me chamou atenção naquele momento. Passei a maior parte do dia pensando no que ele me disse, não pelo fato de ajudar, mas por imaginar que um ser daquele “sem perspectiva, sem vida, sem eira e nem beira” reagiu dessa forma. Então pensei: “porque não dar conselhos pra que ele perceba que tem alguém que acredite nele?”. E foi o que fiz.

Imaginem vocês! Acreditem que perdi meu tempo? Ele respondeu que eu nunca dei a mínima pra ele. Isso me fez refletir quem tem vergonha na cara não deve se preocupar com os problemas alheios. Ainda mais quando são “chulos” e se você mexer muito vira “chulé”, fedor pra todo o lado.

Mas posso garantir que após aquele desabafo jamais vou me dispor a dar conselhos, criei vergonha na cara.

(aluno turma A)

Cada parágrafo constituído traduz a idéia de complementação de sentidos. Nesse caso, a coerência só pode existir se o leitor desenvolver a leitura global do texto. Não será suficiente a suposição de sentidos por meio do título – manchete.

2.2. Gramática da notícia e competências lingüísticas

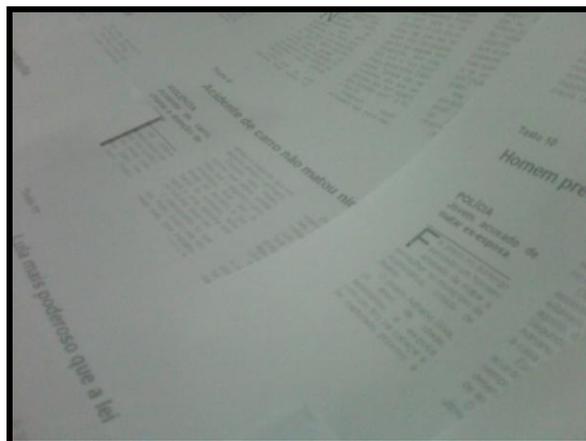


Figura 13 – Textos produzidos pelos alunos da (EJA)

No tópico anterior vimos como a coesão e a coerência são importantes para o entendimento global do texto seja ele descritivo, narrativo ou dissertativo. Nessa subseção, veremos que esses mecanismos favorecem a compreensão da gramática da notícia e as competências lingüísticas da crônica jornalística como texto.

Possenti (citado por Faraco e Tezza, 2008) designou a gramática como “o conjunto de regras que o falante de fato aprendeu e das quais lança mão ao falar” (p. 49). Segundo o autor, é importante esclarecer que sempre quando o falante se expressa ele utiliza regras de uma certa gramática, para ele “pelo conhecimento não consciente, em geral, de tais regras, o falante sabe sua língua, pelo menos uma ou algumas de suas variedades. O conjunto de regras lingüísticas que um falante conhece a constitui sua gramática, o seu repertório lingüístico” (p. 49).

Nesse contexto a importância do entendimento das regras gramaticais revela-se no momento em que o falante se expressa nos textos escritos e orais. No que se refere a crônica jornalística “a notícia se define como um relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante; e, de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante” (Lage, 2006, p. 17). Assim, não se direciona apenas a narração dos fatos, e sim retrata a exposição deles.

Por sua própria estrutura narrativa, a crônica jornalística por tradição, apresenta os eventos organizados em seqüências. Desse modo, cada uma das seqüências antecede o próximo evento, cujo antecede o outro, e assim se produz um texto.

Portanto, alguns alunos conseguiram compreender a importância da sequência de eventos na produção de uma crônica jornalística. “Certo dia estava passeando pela rua quando um vizinho, conhecido de meus pais me chamou para contar um caso. Contou ele a história de um acidente que envolveu três carros [...]”, e “João Braga, brasileiro, casado pela segunda vez com Maria Joaquina, 22 anos [...]”. Nessas crônicas vimos uma série de orações que compõe a sequenciação “Certo dia..., passeando pela rua... João Braga... jovem...” se disponibilizando na ordem dos acontecimentos ocorridos.

O início e o fim da sequência foram escolha do narrador, assim como a preferência ao ritmo dessas sequências. Bergman (1985, citado por Flick, 2004) interpretou que “a análise sequencial apresenta a idéia da ordem social, a qual reproduz a si mesma no desempenho da interação, em termos metodológicos” (p. 208). Assim, a ênfase se dá nos aspectos metodológicos que dependem do contexto.

Enquanto isso, no texto abaixo houve a interrupção das sequências, impedindo a compreensão da mensagem noticiada, de fato não se sabe o que vem antes ou depois:

Texto 5

Mãe acusada de alugar filho para pedintes

POLICIA

Mãe alugou filho por dinheiro

Tudo aconteceu por volta das 20 horas de sábado na casa da dona Maria.

De acordo com relatos da vizinha da acusada ela sempre “alugava” o filho menor de três anos para qualquer um desde que lhe pagasse algum trocado. Para confirmar a acusação a vizinha foi obrigada a filmar e a gravar os fatos que aconteciam na casa da mãe do menino.

Sem saber por que, dona Maria fugiu de casa e ela deixou a criança só em casa com medo da Polícia.

(aluno turma B)

O escritor-aluno, além de não seguir as sequências, deixou a compreensão do texto comprometida com o discurso implícito apresentado. Vejamos que de uma sequência a outra, há cortes que poderiam ser evitados com uma simples oração adicional que poderia referir-se a vítima “menor de três anos foi alugado para pedintes”.

No último parágrafo o escritor parece confundir o leitor, pois não se sabe o motivo da fuga de dona Maria, porém, logo em seguida ele esclarece que “a mãe da criança a deixou sozinha com medo da polícia”. Percebe-se também que pelo emprego

do elemento anafórico “ela” foi comum a ausência do referente textual que deixou os sujeitos ambíguos, a presença do referente de ambigüidade “polícia” na crônica nos fez refletir: “quem estava com medo da polícia? A criança, a mãe ou a vizinha?”

O domínio da gramática, evidentemente, foi suficiente para a produção dos textos de ambas as turmas. Ressaltando que os alunos da turma A demonstram segurança para atender esse critério.

Todavia, os alunos da turma B, de certa forma, não atingiram significativamente tal critério, uma vez que “houve cortes temporais ou espaciais” (Lage, 2006, p.18) nos textos produzidos.

Em alguns casos, o critério gramatical e competências linguísticas foram expressamente marcados por “informações sobre objetos, ambientes e personagens” (Lage, 2006, p.19) que constituem o evento principal. Confirma-se com o texto 3:

Texto 3

Crônica à moda brasileira

CULTURA

Moda brasileira aparece na TV

A TV brasileira é complicada. Existem programas que só pelo título já se imagina do que se trata “lorotas”, não posso citar os nomes deles, mas vocês podem imaginar como é a TV à moda brasileira.

Estava assistindo um programa daqueles que nem se fala. Quando de repente o apresentador falou que a melhor TV é a brasileira, por que? Não entendi, mas o que ele disse foi que o Brasil sempre foi mero telespectador em copiar bobagem. Porque o povo brasileiro sempre gostou de apreciar essa cultura.

Aquilo doeu no fundo da minha alma. O impressionante é que continuei assistindo aquelas “lorotas” que só a TV brasileira pode transmitir. Que tristeza!

(aluno turma A)

Ocorreu, portanto, na crônica, um encadeamento de seqüências “A TV brasileira é complicada”, “Existem programas que só pelo título já se imagina do que se trata: lorotas” e “Estava assistindo um programa daqueles que nem se fala”, formada por eventos temporalmente agregados pela presença do verbo de ligação “ser” no tempo presente. Em seguida, o texto assume caráter narrativo com a apresentação do tempo verbal no passado, quase sempre o pretérito perfeito “falou, foi e gostou”.

No texto a seguir, por exemplo, a sequenciação pode ser difícil de ser detectada por inúmeros leitores, pela ausência de seguimentos entre um evento e outro:

Texto 7

Time faz a maior festa em Belém

ESPORTE

Vitória do time foi comemorada por todos

O jogo começou, mas não deu pra entender nada. Ninguém sabia pra qual time devia torcer, pois os dois estavam com as roupas muito parecidas, não dava pro torcedor saber quem era quem.

O coração batia e o pai do lado da torcida gritava desesperado: Vai lá, vai lá. Ninguém me escuta falava o pai para os jogadores.

(aluno turma B)

De qualquer maneira, o aluno da turma B iniciou o texto. A interpretação complementa-se quando ele propõe no título “Time faz a maior festa em Belém” e sequentemente uma manchete “Vitória do time foi comemorada por todos”. Pudemos evidenciar, até o momento, que o aluno parece agradar o leitor, porém quando este aprofunda a leitura se decepciona, pois em nenhum momento, o aluno da crônica explicita no conteúdo a informação esperada pelo leitor “a comemoração da vitória do time de Belém”. Nesse texto, a competência lingüística torna-se insuficiente para interpretar o novo evento “ninguém sabia pra qual time devia torcer, pois os dois estavam com as roupas muito parecidas [...]”.

Simples seria se a interpretação fosse bem empregada como ocorreu no texto:

Texto 4

Marido agrediu mulher em frente à Escola

VIOLÊNCIA

Marido acusado de agressão da esposa

João Braga da Silva, 46 anos, brasileiro, casado pela segunda vez com Maria Joaquina, jovem de 22 anos. Começou a desconfiar da esposa a partir de março de 2009, quando ela passou a estudar no período noturno, na cidade de Ananindeua.

No início o marido aceitou a decisão da esposa, inclusive até ajudou na compra de material escolar, levava-a sempre de “bike” para escola. Tudo era ótimo contou Joaquina, minha grande amiga.

Com o passar dos dias João Braga passou a desconfiar da esposa, achando que ela não estava mais interessada nele. Parecia que só queria saber de estudar. Passou, então a dirigir palavrões para ela na presença de alguns colegas, fato que levou Maria Joaquina a se aprofundar ainda mais nos estudos e a recusar a visita de João Braga na escola.

Triste e desequilibrado o homem planejou um atentado contra a jovem, mas ela conseguiu fugir das garras de João. A moça foi até a Seccional Urbana da Cidade Nova fazer uma ocorrência,

porém para sua tristeza o sistema estava fora do ar. Sem ter para onde ir, Maria Joaquina voltou para os braços do marido que a recebeu com “pauladas e ponta-pé”.

O estado da moça parecia grave, mas ela imediatamente foi socorrida pela ambulância que perambulava no local.

João Braga, descontrolado tentou ir para o hospital com a jovem, mas foi impedido por populares. O homem chorou feito criança como se estivesse arrependido, porém ninguém ligou para suas lágrimas.

Atualmente, Maria Joaquina está bem e conseguiu concluir seus estudos na (EJA) e posso dizer que é uma grande amiga. Esse fato não foi vergonhoso pra ela, pois acontece com muitas jovens que se casam sem estudos.

(aluno turma A)

A crônica caracteriza-se como tipicamente de jornal, por tratar de elementos narrativos e descrever ações cotidianas. A presença das seqüências organizadas favoreceu a interpretação e compreensão dos eventos.

Como vimos, o tempo passado foi marcante em grande parte das crônicas dos alunos da (EJA). Portanto, mesmo os alunos da turma B que não receberam aulas com conteúdo aprofundado sobre esse gênero conseguiram compreender que a crônica jornalística trata de fatos já ocorridos, a complexidade da referida turma deu-se no momento de relacionar as seqüências aos possíveis eventos, comprometendo a interpretação da informação esperada.

Com relação à linguagem, a maioria dos alunos de ambas as turmas demonstrou clareza e simplicidade na elaboração dos textos, verificou-se poucos erros ortográficos que foram retificados durante as correções para a publicação das crônicas no jornal da escola. Palavras como “onda, trecos, lorotas, chulé, tucanos” podem comprovar a competência desses alunos ao utilizar a linguagem escrita com marcas da oralidade, pois:

É comum serem os referentes recuperáveis na própria situação discursiva: basta, assim, apontar para eles, dirigir o olhar ou fazer um gesto qualquer em sua direção. Os interlocutores compartilham, em geral, não só uma vasta gama de conhecimentos relativos à situação comunicativa, como também acerca do estado de coisas de que estão falando

(Koch e Elias, 2009, p. 19)

Ainda a respeito das competências linguísticas, ressaltemos que, para além da linguagem simples, do cotidiano do aluno, a articulação entre as idéias noticiárias resultou numa reflexão acerca das noções do discurso e do contexto. Outro aspecto que

mereceu destaque e que foi observado em todos os textos refere-se ao fato dos investigados delimitarem o tempo passado, como metáfora temporal nos textos.

2.3. O contexto, o enunciado da crônica jornalística



Figuras 14 – Crônicas estudadas

Nesse tópico comentaremos um aspecto que consideramos relevante na produção das crônicas jornalísticas dos alunos da (EJA): “o contexto, o enunciado da crônica jornalística”.

Consideraram Koch e Travaglia (1997) que o “contexto situacional se relaciona tanto com o nível semântico, quanto com o nível pragmático” (p. 48). Assim, só se pode notar a execução do ato da fala pela presença de um enunciado e pela existência de um falante e de um ouvinte.

No entanto, Ponte (2005) sublinhou que o contexto do texto jornalístico se expressa numa ótica de conhecimento político, partindo de diferentes perspectivas do ponto de vista do político, nesse caso, retratou:

Uma das idéias de base desse processo de contextualização é a representação de uma visão consensual do mundo, um quadro de referências dominantes e central. Essa representação nega a existência de diferentes contextos sociais e tornou-se hegemônica nas sociedades modernas, democráticas e capitalistas, onde os media são instituições privilegiadas para a formação e reforço de conhecimentos para além da experiência directa.

(Ponte, 2005, p. 153)

A partir disso, os media⁴, decidem pela grande parte da população quais eventos importantes “circulam” no momento e aqueles que apresentam fortes interpretações sobre a forma de compreensão. Hall et Al (citados por Ponte, 2005) acentuaram “que os media dispõe de um importante papel ideológico no processo de definição de um evento, pelas suas próprias práticas profissionais de seleção e de apropriação singular de um ângulo interpretativo” (p. 153).

Nessa linha de produção social da notícia é importante perceber que o discurso torna-se um elemento fundamental para a interpretação por favorecer possíveis significados para novos eventos. Nos textos dos alunos, o principal evento foi direcionado a imprensa, por ser desconhecida pela maioria dos investigados. Na verdade, os alunos lêem, escrevem e interpretam as notícias, mas desconhecem seus reais interesses, ou seja, o que está por trás das notícias.

Maingueneau (2008) retratou que “o contexto não é necessariamente um ambiente físico, o momento e o lugar da enunciação” (p. 26), porém decorre de inúmeras maneiras, isto é, existem vários contextos. Dentre eles destacou “o ambiente físico da enunciação, ou contexto situacional; o contexto e os saberes anteriores à enunciação”, semelhante ao conceito apontado por Koch e Travaglia (1997). Essas três fontes de informações fornecem elementos necessários para a interpretação de um texto.

Texto 11

Lula mais poderoso que a lei

POLÍTICA

Presidente continuou liderando política

Lula, o presidente Luiz Inácio da Silva, está claramente, liderando uma campanha de desmoralização da lei e dos instrumentos de fiscalização do Estado.

Eta Lula danado, parece até maior em poderes do que o Brasil em dimensão. Quem duvidou do presidente e criticou duramente esse homem com a expressão de analfabeto se fumou. Ta ai o Lulão passando a perna em qualquer político doutor. Poxa, se não fosse o Lula o cenário da nossa nação estaria mais coberto de miséria do que está. Se não fosse o Lula com seus palavrões bem indiscretos o Brasil não estaria chamando tanta atenção da imprensa.

Eta Lulão desbocado, mas respeitado. Isso é que é educação gente. Desabafou um motorista de ônibus enquanto trabalhava. Aqui surgiu a crônica do Lulão.

(aluno turma A)

⁴ Termo referente à imprensa jornalística.

Valendo-se do contexto situacional, o aluno da turma A, pode interpretar certas unidades relacionadas ao ponto de vista social como “Lula mais poderoso que a lei”, o passado do verbo “liderando, duvidou, criticou...”, os pronomes “Lula, Lulão” referente ao nome do presidente, a língua “quem duvidou do presidente e criticou duramente com a expressão de analfabeto se fumou”.

No que se refere ao contexto, Maingueneau (2008) o conceituou como “seqüências verbais encontradas antes ou depois da unidade a interpretar” (p. 27). Desse modo, os enunciados passam a ser considerados como fragmentos de um texto mais amplo interpretados num sentido global. No fragmento do texto abaixo pudemos evidenciar essa análise:

[...] Segundo vizinhos, Adriano ia freqüentemente à casa da ex-mulher. Essas visitas de acordo com os vizinhos, sempre resultavam em desentendimentos e trocas de ameaças. O crime aconteceu no último dia 8, durante mais uma briga. Adriano sem pensar atirou na cabeça da ex-companheira com uma arma calibre 38. [...].

(aluno turma A)

A interpretação imparcial do fragmento do texto “Homem foi preso par matar mãe de seus filhos” do aluno da turma A, é assegurada pelo fato de retomarem unidades apresentadas anteriormente “Adriano ia freqüentemente à casa da ex-mulher” e após o fragmento “populares confessaram que o casal teve dois filhos” [...]. “o recurso ao contexto mobiliza a memória do intérprete, que vai colocar uma dada unidade em relação a uma outra do mesmo texto” (Maingueneau, 2008, p.27).

Os saberes anteriores à enunciação referem-se aos nomes próprios “Adriano, policial Jesus” e aos conhecimentos determinados pelas conseqüências do crime “a morte da ex-mulher e a prisão de Adriano”.

O leitor do texto “Homem foi preso por matar a mãe de seus filhos” só compreende o sentido se o interpretar de forma global, caso leia apenas os fragmentos deve recorrer a outras leituras para entendê-los ou então, fazer uma suposição dos fatos “homem foi preso porque cometeu assassinato”. O leitor entenderá sem dúvida que a notícia principal visa um novo objetivo e requer uma análise interpretativa do contexto, definida pelo próprio destinatário, uma vez que, “nunca há uma única interpretação possível para um enunciado e é preciso explicar quais os procedimentos do destinatário para chegar a mais provável, que será aquela que se deve preferir em tal ou qual contexto” (Maingueneau, 2008, p. 29).

Nesse momento, percebemos que é necessário se ter além do conhecimento da língua, os procedimentos pragmáticos ligados ao contexto que serão interpretados de acordo com a vivência de cada aluno.

Ao analisarmos o texto 8 do aluno da turma B, verificamos que o contexto, um dos critérios bastante explorados pela maioria dos alunos, necessita de aprofundamento lingüístico do leitor para reconhecer o referente principal “o jogo”. Como confirmou Maingueneau (2008) “o leitor só identifica o referente observando o contexto lingüístico” (p. 26).

Texto 8

Remo ganha do Paissandu

ESPORTE

Remo leva a melhor contra seu maior rival

O jogo entre Remo e Paissandu sempre foi muito disputado e também “catimbado” porque os dois times são os maiores de Belém. O Paissandu ganhou e o Remo perdeu. O juiz foi o maior ladrão do jogo. Apitou horrível e prejudicou o meu Paissandu.

Mas apesar de tudo o Remo foi melhor e mereceu a vitória porque jogou bem.

(aluno turma B)

A oração inicial “O jogo entre Remo e Paissandu sempre foi muito disputado” conduz o leitor a imaginar o contexto, tendo como referência seu conhecimento de mundo, indicando, por exemplo, que se trata de uma disputa antiga entre os times rivais paraenses “Remo e Paissandu”.

Percebe-se depois que, o contexto foi prejudicado pelo próprio aluno, quando determinou a inversão da vitória do time que aparece na manchete de destaque “Remo ganhou do Paissandu”, nesse caso, de imediato, o leitor nota que quem levou a melhor não foi o time do Remo, e sim, o time do Paissandu. A interpretação do contexto conclui-se, porém ainda de maneira confusa, no momento que o aluno, valendo-se da situação recordou do time que merecia “levar a melhor”.

Ao contrário do que ocorreu no texto 8, o texto 16 ofereceu fundamentos essenciais para o entendimento do contexto, interpretado facilmente por meio da idéia geral fornecida pelo aluno:

Texto 16

O brasileirão da série A

ESPORTE

Flamengo foi hexa campeão

Nos últimos cinco anos a Taça de campeão brasileiro só ia para os times do estado de São Paulo. Felizmente este ano o título foi para um time do Rio de Janeiro, foi do meu “Mengão”, time que “correndo por fora” veio, no início da 2ª fase, da décima primeira colocação, numa linda e impressionante recuperação, para a primeira colocação na penúltima rodada.

Na rodada final o “Mengão” só dependia dele mesmo para ser campeão. Mas deu um susto danado na gente. Começou o jogo perdendo para o Grêmio. Até aos vinte minutos do 2º tempo, já com o jogo empatado em 1 X 1, o Internacional era o tetra, mas o “Mengão” não decepcionou e com 1 gol de zagueiro, o meu “Mengão” garantiu a vitória, tornando-se hexa campeão brasileiro.

Eta “Mengão” bom! Trouxe alegria para todos os seus torcedores de todo o Brasil.

(aluno turma A)

O leitor presumirá, sem dúvida, que o Flamengo, time da série A, obteve a vitória esperada. O contexto geral do texto mobiliza a interpretação dada por meio do conhecimento de mundo existente na memória do leitor. Na realidade, essa lembrança ocorre com maior destaque pelo leitor que lê frequentemente crônicas esportivas.

De acordo com Faraco e Tezza (2008) todo texto tem uma finalidade e o público ao qual se dirige. Dessa forma, o texto “dirige-se, por princípio, a todos os leitores” (p. 188). Entretanto, cada palavra que escrevemos revela quem somos e a quem nos dirigimos. Nesse estudo, percebe-se que os alunos da (EJA) elaboraram seus textos a um público jovem e adulto, com diferentes interesses, tais como: esportivos, culturais, econômicos e sociais, explorando uma linguagem prática da escrita e próxima da realidade.

A crônica 15 evidencia um percurso do contexto histórico relacionado à cultura do negro.

Texto 15

Os negros na Amazônia

CULTURA

A professora contou

Certo dia na aula de História a professora contou como apareceram os primeiros negros na Amazônia.

Contou ela que em meados do século XVII os portugueses trouxeram negros da África para trabalhar nas terras cultivadas. Eles vieram da Angola, Congo e Moçambique.

O mais interessante foi saber que os negros mais antigos foram trazidos pelos ingleses nas últimas décadas do século XVI para trabalhar em engenhos clandestinos, na fabricação de açúcar e aguardente na Foz do Rio Amazonas e Costa do Amapá.

Nunca pensei em minha vida que os negros estivessem presentes na Amazônia há tanto tempo.

(aluno turma A)

Um texto de jornal dessa espécie exige do leitor conhecimentos históricos para a interpretação dos fatos. Nota-se que o aluno relatou de forma breve uma aula vivenciada. Vejamos como ele iniciou a crônica “Certo dia na aula de História a professora contou [...]”, enfatizando o discurso narrativo.

Considerando que os argumentos devem estar direcionados ao contexto do leitor e “não existem estado puro, isto é, eles normalmente se dirigem a um interlocutor concreto, que tem lá suas opiniões” (Faraco e Tezza, 2008, p. 188). O texto 7, bem sucedido pelo aluno da turma A retratou a opinião do interlocutor ao enunciar a cidade de Belém como encantada para os turistas:

Texto 7

Belém, cidade encantada

CULTURA

Belém, cidade das mangueiras, atrativo turístico

Belém é uma cidade maravilhosa, só você olhando. Morar em Belém é muito bom, vem ver! Não carece vim de carro não, vem de “busão” mesmo!

O Forte do Castelo, a Basílica de Nazaré, a Estação das Docas são pontos turísticos que você só encontra aqui. Beleza pura, não tem disso não pode vir pra cá que você vai se encantar.

Não é conversa de paraense não, pode acreditar. Em outras cidades o clima nem se parece com a nossa encantada Belém.

O verde das mangueiras, as águas barrentas do Rio Guamá, as chuvas dos fins de tarde. Tudo isso você só encontra aqui. Assim me falou um turista encantado com a cidade de Belém do Pará.

(aluno turma A)

No texto escrito acima, entretanto, ocorreu o apelo ao interlocutor, para visitar a cidade de Belém. Verifica-se que o aluno se baseou na crônica escrita por Drumond de Andrade “Marajó: a moça contou”, em que Drumond narra às maravilhas encontradas na ilha do Marajó.

Novos argumentos foram retratados na crônica 8, porém relatando contexto diferente do encontrado no texto “Belém, cidade encantada”:

Texto 8

Filhos presos por ameaçarem o pai

POLÍCIA

Idoso era maltratado por filhos

Num belo dia dessas tardes de fim de semana estava seu Joaquim acompanhado de seus quatro filhos de nomes não identificados.

Os barulhos e chiados eram comuns próximos à casa de seu Joaquim, senhor de idade, porém bem esperto. Os filhos do idoso pouco davam atenção pra ele, apenas o criticava e o ameaçava frequentemente caso desse algum palpite nos trabalhos deles.

O ancião raramente conversava com os vizinhos, que já imaginavam o tipo de trabalho dos filhos de seu Joaquim, por isso evitavam contato com a família dele.

Num desses dias seu Joaquim cansado de tudo, inclusive das ameaças dos filhos resolveu abrir a boca e contou tudo o que se passava em sua casa para um vizinho que era policial. O vizinho não pensou duas vezes foi até a Delegacia e os denunciou por maltrato ao idoso.

Seu Joaquim agradeceu muito ao vizinho, que não era da sua família, mas o ajudou muito. Os filhos, os quatro foram intimidados e presos por manter a vítima sob ameaça e maltratos.

(aluno turma A)

A análise do contexto pode ser atribuída às seqüências verbais presentes antes ou depois dos fatos. Observa-se que a unidade apresentada na manchete principal “Idoso era maltratado por filhos” completa a interpretação geral. Ao ler o título e a manchete da crônica, o interlocutor, sente-se preparado para compreender o conjunto de idéias que giram ao redor do assunto “Maltratos a idoso”.

Enfatizando os três tipos de contextos determinados por Maingueneau (2008) “o ambiente físico da enunciação, o contexto e os saberes anteriores à enunciação” (p. 27), verifica-se que o aluno da turma A referiu-se “aos menores” exprimindo fatos que ocorreram antes e depois da prisão dos adolescentes:

Texto 9

Adolescentes presos com armas

POLÍCIA

Menores acusados por porte ilegal de armas

Três jovens menores de idade, foram presos por policiais civis da Seccional Urbana da Cidade Nova, Belém. Os menores foram acusados de praticarem inúmeros assaltos nas redondezas do

bairro. Segundo relatos do policial “Jesus” eles eram acostumados a vitimarem pedestres e motoristas que trafegavam na área.

A polícia flagrou os três adolescentes em uma esquina, todos armados com revólver calibre 38, e os conduziu até a Seccional da Cidade Nova que possui um posto avançado para atender menores infratores.

De acordo com o policial “Jesus” a prisão do trio resultou de uma operação das polícias civil e militar para reduzir os índices de assaltos nos bairros. Informações apontaram que os três adolescentes já tinham “passagem” pela polícia, porém estavam em liberdade por serem de menores. Em seguida foram encaminhados a DATA (Delegacia Especializada de Atendimento ao Adolescente) para procedimento adequado.

Assim relatou o policial “Jesus” à imprensa.

(aluno turma A)

No contexto final confirma-se a criminalidade comum cometida pelos adolescentes “Informações apontaram que os três adolescentes já tinham passagem pela polícia”.

Outro aspecto interessante foi encontrado na crônica 12. Apropriando-se do contexto situacional “vida” o aluno da turma A mostrou que as unidades verbais referentes ao antes e depois podem contribuir para a interpretação do texto geral:

Texto 12

A vida

SOCIAL

O que esperamos da vida

Segunda-feira passada aproveitei a solidão da casa para tentar arrumar a minha vida. Se é que posso chamá-la de vida. De uns tempos pra cá, ficou desorganizada, quase tudo fora do lugar.

Já se foram muitos anos éramos recém casados e andávamos de mãos dadas pelas ruas. Hoje mal posso passar perto dela, parece que quer me morder. Por que a vida é desse jeito? Fiquei a refletir diante da minha cama. As pessoas se amam e desamam tanto ao ponto de se odiarem. Não me perguntem por que, mas brigamos tanto que quando vimos nossas vidas estavam destruídas pelo tempo.

E agora o que me restou? A velha casa, a velha vida para arrumar.

(aluno turma A)

O leitor da crônica “A vida” compreende seu sentido ao realizar a leitura global do texto, pois o título e a manchete não apresentam argumentos suficientes para o entendimento do conjunto de idéias.

Diferentemente do texto anterior, no texto 13 “Homossexual morto por violência” percebe-se a ligação existente entre o título e a manchete:

Texto 13

Homossexual morto por violência

POLÍCIA

Jovem morto após estupro

José Santos, 24 anos, saiu de casa para beber com um grupo de amigos e comemorar sua inesquecível data de aniversário.

Depois do dia dois de novembro de 2009, nunca mais se ouviu falar de José.

Policiais da Seccional Urbana da Marambaia investigaram um homicídio por enforcamento ocorrido na madrugada anterior em uma área de matagal próximo ao Mangueirão (estádio futebolístico).

O rapaz foi encontrado seminu enforcado pelo próprio cinto, com suspeita de estupro, por jovens que brincavam próximo ao local do crime. Segundo contou a mãe da vítima, ele era homossexual e saiu com um grupo de colegas para festejar o aniversário, o que indicou um crime planejado. O caso foi registrado.

Concluiu-se que o crime foi praticado por terceiros segundo informação da Polícia Civil. Um inquérito foi aberto para apurar o caso de José Santos

(aluno turma A)

Evidencia-se nesse texto, a importância da relação entre o título e a manchete uma vez que essa ligação favorece a interpretação do texto por parte do leitor de forma clara, sem necessariamente aprofundar a leitura dos fatos ocorridos. Dessa forma, ao realizar a leitura da manchete o leitor já pressupõe o contexto situacional.

De posse dos textos dos alunos das turmas A e B detectou-se que em relação aos critérios propostos “coesão e coerência, gramática da notícia e competência lingüística e o contexto da crônica jornalística” a turma A atingiu os níveis de avaliação propostos nesse estudo de forma significativa. Comprovamos com:

Texto 2

Certas mudanças

SOCIAL

Mudanças possíveis

Tem uma coisa que aprendi faz muito tempo: aprendi que na vida só tem uma coisa certa, as mudanças que acontecem sejam boas ou ruins, mas acabam acontecendo.

Por isso tento levar a vida sem resistir as dificuldades que ela me propõe e encaro-a de cabeça. Mas uma mudança que não suporto é “mudar” de lugar, ficar perambulando de casa em casa, levando todos os “trecos” comigo.

Oh! Que coisa horrível! Fiz várias mudanças na vida como: era criança e cresci, era ingênuo e virei pecador. E agora o que ou mudar?

(aluno turma A)

O aluno conseguiu desenvolver claramente o conceito de coesão e coerência sugerido por Koch e Travaglia (1989).

Outro aspecto atingido de forma positiva com relação a esse item pode ser constatado no mesmo texto em que o aluno adicionou à primeira uma segunda seqüência “[...] aprendi que na vida só tem uma coisa certa, as mudanças que acontecem sejam boas ou ruins”.

Na presente crônica observa-se a relação do contexto jornalístico, no momento da preocupação do aluno ao elaborar a redação com características visualizadas no jornal. A linguagem simples e clara utilizada permitiram um amplo entendimento do contexto, discutido por Maingueneau (2008) de que “o contexto não se encontra simplesmente ao redor de um enunciado que conteria um sentido parcialmente indeterminado que o destinatário precisaria apenas especificar” (p. 20).

Todos os 16 alunos da turma A obtiveram desempenho positivo (P)⁵ em relação aos níveis avaliados “coesão e coerência: organização da crônica jornalística, gramática da notícia e competências lingüísticas e o contexto, o enunciado da crônica jornalística”. Entretanto, dos alunos da turma B, apenas 2 atingiram tais níveis e caracterizaram seus textos dentro dessa proposta de análise. 50% dos alunos da turma B recusaram-se a entregar suas produções, alegando o não entendimento do assunto. Dos 50% restante dos alunos da turma B, 6 utilizaram alguns elementos do nível “gramática da notícia e competência lingüística”, porém não alcançaram os demais níveis “coesão e coerência: organização da crônica jornalística e o contexto, o enunciado da crônica jornalística”, deixando seus textos com a interpretação comprometida.

Os dados colhidos no quadro de critérios de avaliação (Anexo VII) evidenciam que a turma A atingiu desempenho significativo, pois atendeu todos os critérios propostos para avaliação. Detecta-se, também que em nenhum momento os investigados dessa turma apresentaram dificuldades para elaborar os textos, enquadrando-os, sempre

⁵ (P) Positivo para critérios de avaliação alcançados, descritos no ANEXO VII.

que possível nos critérios avaliados. Concomitantemente, a turma A, desde o início das aulas práticas se destacou com relação a tais critérios.

Recordando que os dados retratados nas entrevistas confirmam que no começo da pesquisa, os alunos de ambas as turmas apresentavam nível de conhecimento semelhante, isto é, a maioria desconhecia a crônica como texto jornalístico.

Os critérios avaliados revelam, ainda, que a turma B, apesar de ter recebido aulas com conteúdo resumido, atingiu os níveis propostos, porém de modo não satisfatório, atingindo, em sua maioria, desempenho negativo (N)⁶. Aponta-se 2 alunos da turma B que alcançaram em suas produções todos os critérios, entretanto, os demais alunos distribuíram-se entre os critérios “gramática da notícia e competências lingüísticas e o contexto, o enunciado da crônica jornalística”.

Durante a execução da pesquisa, a turma B em momento algum atingiu os critérios de avaliação além da turma A, pois os alunos que freqüentavam as aulas na turma B demonstraram interesses voltados para outros assuntos discutidos, como: tipos de textos; sílabas; pronomes; sintaxe; estrutura e formação de palavras; gêneros textuais, dentre esses a crônica jornalística e substantivos. Já os alunos da turma A, que receberam de forma aprofundada os estudos no gênero discursivo “a crônica jornalística”, tiveram desempenho positivo e significativo nos critérios de avaliação.

⁶ (N) Negativo para critérios de avaliação não alcançados, descritos no ANEXO VII

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclusões e possíveis sugestões para novas investigações

Nessa dissertação evocamos a pesquisa qualitativa “o Estudo de Caso” abordando diferentes técnicas de coletas de dados como: a observação, o questionário, a entrevista e a análise de conteúdo.

A título desse estudo foi possível concordar com que Flick (2004) determinou em relação à avaliação desse tipo de pesquisa que “incorpora-se a um processo de um modo especial” (p. 285), ainda de acordo com Flick (2004) “não faz sentido fazer e responder perguntas de amostragem ou relativas a métodos específicos de forma isolada” (p. 285), pois a determinação de uma amostragem é possível diante dos resultados em relação aos métodos utilizados.

Intuitivamente, o ponto de partida para a realização dessa pesquisa foi a sondagem concreta do currículo real da Educação de Jovens e Adultos (EJA) à luz dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de língua portuguesa mediante a prática escolar.

No concreto, as atividades foram exploradas de acordo com os conteúdos propostos nos (PCN) aplicados na (EJA). Foram estudadas questões envolvendo os gêneros discursivos de modo resumido, como sugere os (PCN) e assuntos aprofundados com base na crônica jornalística como gênero discursivo pertencente a imprensa.

Partindo de um entendimento do processo de pesquisa qualitativa, estabeleceu-se uma proposta de produção de textos jornalísticos com base nas aulas executadas. Nessa dissertação, foram analisados e discutidos em sala de aula os textos produzidos por alunos de duas turmas da (EJA), determinadas em “A” e “B”, por meio de um esquema acerca das questões metodológicas a serem avaliadas, sempre relevando a problemática do processo e do assunto da pesquisa, que de acordo com a orientação de Flick (2004) “é possível fazer uma análise explícita desses dois aspectos: até que ponto o estudo avançou de forma a resolver a questão da pesquisa (orientação sobre clientes externos) e permitiu espaço suficiente às perspectivas daqueles que estiveram envolvidos como entrevistados” (p. 286).

Sem dúvida alguma, observamos nesse momento a importância do participante, entrevistado, na construção dos resultados da pesquisa, confirmando os aspectos delimitados por Thiollent (1984, citado por Martins, 2008, p.49), de pesquisa “sobre”,

“para” e “pela” ação, cujos próprios atores “explicam, aplicam e implicam” na execução da ação.

Para maiores esclarecimentos acerca desse estudo Triviños (2009) lembrou que no Estudo de Caso “a complexidade do exame aumenta à medida que se aprofunda o assunto” (p. 134). De fato, percebemos a necessidade do “aprofundamento” no momento em que nos deparamos com os resultados do estudo, no qual “o profundo” foi comprovado com a originalidade e criticidade das idéias escritas pelos alunos da turma A. Entretanto, os investigados da turma B não tiveram a oportunidade de descobrir “o aprofundamento do assunto” tão discutido em Triviños (2009), uma vez que os alunos dessa turma receberam aulas com os gêneros textuais de modo resumido, com conteúdos prováveis para o terceiro e quarto ciclos da (EJA), em que se exploraram estrategicamente os gêneros propostos, porém de forma breve, ficando desconhecida a importância da crônica jornalística para as aulas de língua portuguesa.

Por outro lado, a proposta estabelecida nos (PCN) que recaem sobre o uso dos gêneros discursivos em sala de aula deixou uma implícita complexidade no momento que enquadrou na prática da produção a crônica como gênero literário deixando livre “as situações escolares e do ensino de língua portuguesa priorizem os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem” (PCN 1998, p. 24), por isso, a crônica também pode ser estudada enquanto um gênero pertencente à imprensa.

Nesse Estudo de Caso para explorar a prática da linguagem escrita estabelecemos a crônica jornalística como gênero de imprensa, por estar mais próxima da vida cotidiana dos alunos da (EJA) e por retratar assuntos conhecidos e vivenciados pela maioria desses jovens e adultos.

Como vimos o currículo da (EJA) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) têm dado grande importância ao processo de avaliação no momento que evidenciam que essa pode ser: “contínua e formativa” visando o desempenho significativo e produtivo do aluno.

No entanto, a (EJA) por fazer parte de um regime intensivo e apresentar “um tempo mínimo” para a realização das aulas de língua portuguesa tem encontrado dificuldades para explorar os assuntos de forma detalhada, fato comprovado nessa dissertação por meio do desenvolvimento da intervenção e da aplicação dos instrumentos que favoreceram a coleta e os resultados dos dados obtidos.

Afora essa certeza devemos ter em mente que um programa educativo deve oferecer no futuro a oportunidade proporcionada a essas turmas de vivenciar esse

Estudo de Caso pela descrição de uma pesquisa qualitativa. Dessa forma, deve, ao mesmo tempo, considerar o que Flick (2004) ressaltou sobre esse método que “seja mais recomendável esperar que o progresso advenha da combinação entre os avanços metodológicos e as aplicações bem sucedidas e refletidas destes no maior número de campos e de questões de pesquisa possível” (p. 290).

REFERÊNCIAS

- Apell. J. C. *A crônica entre o jornalismo e a literatura*. Revista Internacional de Língua Portuguesa.
- Apple. M. (1982). *Ideologia e currículo*. São Paulo: Brasiliense.
- Assis. M. (2007). *Trinta Crônicas Irreverentes*. (Org.) Dilson Ferreira da Cruz. Barueri. SP: Disal.
- Bakhtin. M. (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brasil. (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF.
- Brasil. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei 9394\96. Brasília: MEC.
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- Bueno. S. (2001). *Minidicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: FTD.
- Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos. (2008). *ENCCEJA – Documento Básico*. CNE: MEC.
- Coimbra. O. (2004). *O texto da reportagem impressa: um curso sobre a sua estrutura*. 1ª edição. São Paulo: Ática.
- Faraco. C. A. & Tezza. C. (2008). *Prática de texto para estudantes universitários*. 17ª edição. Rio de Janeiro: Vozes.
- Faria. M. A. O. (1994). *O jornal na sala de aula*. 4ª Ed. São Paulo: Contexto.
- Flick. Uwe. (2004). *Uma Introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Sandra Netz. 2ª Ed. Porto Alegre: Bookman.
- Geraldi. W. J. (1984). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. Cascavel: Assoeste.
- Heller. A. (2008). *O Cotidiano e a História*. (Trad.) Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra.
- <http://vejasaopaulo.abril.com/revista/vejasp/edições/2005/html>.
- <http://www.oliberal.com.br>
- Karam. J. F. (1997). *Jornalismo, ética e liberdade*. 3ª edição. São Paulo: Summus.
- Koch. I. V. & Elias. V. M. (2009). *Ler e escrever: estratégias de produção*. São Paulo: Contexto.
- Koch. I. V. & Travaglia. L. C. (1989). *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez.

- Koch. I. V. & Vilela. M. (2001). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- Lage. N. (2003). *Linguagem jornalística*. 7ª edição. São Paulo: Ática.
- Lage. N. (2006). *Estrutura da notícia*. 6ª edição. São Paulo: Ática
- Magnani. M. R. M. (2001). *Leitura, literatura e escola*. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Maingueneau. D. (2008). *Análise de textos de comunicação*. 5ª edição. São Paulo: Cortez.
- Malhotra. N. K. (2004). *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. 4ª edição. Porto Alegre: Bookman.
- Manual de Estilo da APA: regras básicas. (2006). *American Psychological Association*. (Trad.) Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed.
- Morin. E. (1981). *As grandes questões do nosso tempo*. Lisboa: Editorial notícia.
- Morin. E. (2005). *Cultura de Massas no século xx: neurose*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Forense.
- Martins. G. A. (2008). *Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa*. 2ª Ed. São Paulo: Atlas.
- Neto. A. J. (1998). *Resolução de problemas em Física: conceitos, processos e novas abordagens*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Neves. M. S. (1992). *Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas*. In: Cândido. A [et – all]. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Unicamp.
- Pavani. C., Junquer. A. & Cortez. E. (2004). *Jornal: uma abertura para a educação*. Campinas. São Paulo: Papirus.
- Pereira. R. F. (1998). *Um olhar nas entrelinhas da vida*. In: *Jornal Proleitura*. Unesp: ano 5. Junho.
- Pinto. M. C. (2005). *Antologia de Crônica Brasileira Contemporânea*. São Paulo: Moderna.
- Ponte. C. (2005). *Para entender as notícias – linhas de análise do discurso jornalístico*. Florianópolis: Insular.
- Rajo. R. (2000). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN*. São Paulo: Mercado das Letras.

- Sacristán. J. G. (2000). *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. (Trad.): Ernani. F. F. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed.
- Silva. J. Q. G. (1999). *Gênero discursivo e tipo textual*. Belo Horizonte: Scripta.
- Sodré. M. & Ferrari. M. H. (1986). *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus.
- Souza. A. B. (2005). *Investigação em educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Teixeira. E. (2007). *As Três Metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa*. 4ª Ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes.
- Triviños. A. N. S. (2009). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. 1 ed. – 18. Reimpressão. São Paulo: Atlas.

ANEXOS

ANEXO I – Questionário de pesquisa



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Orientadora: Dra. Ângela Balça

Maria de Nazaré Rocha Souza

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Este questionário é direcionado aos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os dados aqui fornecidos só serão utilizados nessa dissertação de mestrado. A pesquisadora se responsabiliza a não repassar nenhum detalhe a qualquer outro tipo de estudo.

Os dados obtidos serão importantes para execução da investigação “A crônica jornalística como dispositivo de ensino na Educação de Jovens e Adultos (EJA): um Estudo de Caso, portanto a opinião e a participação do aluno são de extrema necessidade para a realização desse estudo.

Por favor, tente responder as questões que melhor represente seu ponto de vista. Não é necessário identificar-se.

01. Faixa etária:

- Dezoito a vinte e cinco anos
- Vinte e seis a trinta anos
- Trinta e um a trinta e cinco anos
- Acima de trinta e seis anos

02. Sexo:

- Masculino
- Feminino

03. Que tipo de leitura você costuma fazer?

- Jornal
- Revista
- Livros

- Internet
- Outros:-----

04. Onde você costuma realizar leituras?

- Casa
- Trabalho
- Escola
- Ônibus
- Outros:-----

05. Com que frequência você lê jornal?

- Uma vez por semana
- Duas vezes por semana
- Três a seis vezes por semana
- Não lê jornal
- Todos os dias

06. Que tipo de notícias você costuma ler?

- Notícia social
- Notícia policial
- Notícia cultural
- Notícia esportiva
- Outras:-----

07. Numere por ordem as notícias jornalísticas que você lê primeiro.

- Política
- Polícia
- Economia
- Culinária
- Diversão
- Esporte
- Cultura
- Saúde
- Outros:-----

08. Que razões você busca as leituras jornalísticas?

- Razões profissionais
- Para se manter atualizado
- Por falta de tempo de ler outra mídia
- Para acompanhar indicadores econômicos
- Outra razão:-----

09. Que tipo de texto você prefere ler no jornal?

- Notícias atuais
- Crônicas
- Artigos
- Classificados
- Outros:-----

10. O que lhe chama mais atenção em um texto jornalístico?

- A manchete inicial
- Uma boa fotografia
- O assunto em si
- As cenas dos cadernos anexos
- Outros:-----

11. Em seu tempo de leitura, quantas notícias, em média, você realiza?

- Uma a duas notícias
- Três a cinco notícias
- Seis a sete notícias
- Sete a nove notícias
- Mais de dez notícias

12. Você lê os textos jornalísticos por inteiro?

- Sim
- Não
- Às vezes

13. Você sabe o que é crônica?

Sim

Não

14. Você sabia que a crônica é um texto jornalístico?

Sim

Não

15. Quantas vezes você ouviu falar de crônica jornalística em sala de aula?

Várias vezes

Nunca

Raramente

Não soube opinar

16. Se você não sabe, você tem curiosidade de saber o que é uma crônica jornalística?

Sim

Não

17. Que tipo de texto você pensa que é uma crônica?

Descritivo

Narrativo

Dissertativo

Nenhum dos tipos de textos acima

ANEXO II – Guião das entrevistas.



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Orientadora: Dra. Ângela Balça
Maria de Nazaré Rocha Souza

GUIÃO DAS ENTREVISTAS

Este Guião tem como objetivo aprofundar as questões propostas no questionário referente à pesquisa “A crônica jornalística como dispositivo de ensino na Educação de Jovens e Adultos (EJA): um Estudo de Caso” num contexto mais livre.

Considerando o Guião como uma espécie de entrevista “livre” que tem por base a troca de informações mútua entre entrevistador e entrevistado, foi que selecionamos as perguntas do questionário aplicado que foram relevantes para os alunos da (EJA) durante a recolha dos dados quantitativos.

Visando abordar dados de natureza qualitativa de forma significativa e coerente propomos as seguintes questões:

- 01.** Você lê os textos jornalísticos por inteiro?
- 02.** Você sabe o que é crônica?
- 03.** Você sabia que a crônica é um texto jornalístico?
- 04.** Se você não sabe, você tem curiosidade de saber o que é uma crônica jornalística?
- 05.** Que tipo de texto você pensa que é uma crônica?

ANEXO III – Protocolo das entrevistas

Protocolo das Entrevistas

Turma A

-Você lê os textos jornalísticos por inteiro?

- **Aluno 1:** Quando começo a lê um texto do caderno de polícia e vejo que o assunto é tão violento, desisto de continuar lendo e procuro outro caderno mais leve como a agenda dos filmes que estão em cartaz no caderno de cultura.

- **Entrevistador:** Muito bem.

- **Aluno 2:** Gosto de lê as notícias inteiras para saber o que acontece no final do assunto.

- **Aluno 3:** Adoro ler por completo a página de concurso, para saber os quais estão ao meu alcance.

- **Entrevistador:** Certo.

- **Aluno 4:** Às vezes quando estou interessado na notícia eu leio.

- **Entrevistador:** Mas nem sempre lê por completo.

- **Aluno 4:** Nem sempre.

- **Aluno 5:** Às vezes sim.

- **Entrevistador:** Muito bem.

- E você?

- **Aluno 6:** Às vezes quando to com tempo pra ler.

- **Entrevistador:** Apenas quando está com tempo?

- **Aluno 6:** Sim.

- **Aluno 7:** Às vezes, principalmente quando o assunto se torna interessante pra mim.

- **Entrevistador:** Quando o assunto lhe interessa?

- **Aluno 7:** Quando fala do que eu gosto.

- **Entrevistador:** Muito bem.

- **Aluno 8:** Sim.

- **Entrevistador:** Por quê?

- **Aluno 8:** Por que quero saber tudo do começo ao fim.

- **Entrevistador:** Correto.

- **Aluno 9:** Sim, leio todinho.

- **Entrevistador:** Por quê?
- **Aluno 9:** Porque gosto de estar bem informado.
- **Entrevistador:** Certo.
- **Aluno 10:** Sim. Porque leio só o que me interessa.
- **Aluno 11:** Sim.
- **Aluno 12:** Sim, leio todas do meu agrado.
- **Aluno 13:** Sim.
- **Aluno 14:** Não, não gosto de ler tudo.
- **Aluno 15:** Não, porque só folheio.
- **Aluno 16:** Não.
- **Você sabe o que é crônica?**
- **Aluno 1:** Sim.
- **Aluno 2:** Sim, é um tipo de texto.
- **Aluno 3:** Sim, é um texto do jornal.
- **Aluno 4:** Sim, os comentários do esporte sempre aparecem em forma de crônica.
- **Aluno 5:** Não, eu não prestei atenção nesse assunto quando foi apresentado em sala de aula, por isso não sei o que é crônica.
- **Aluno 6:** Pra falar a verdade eu não tenho domínio sobre o conceito e a aplicabilidade do gênero crônica.
- **Aluno 7:** Não, até porque quando leio um jornal, não sei distinguir a diferença entre artigo e crônica. Apenas gosto de lê o sentido crítico da matéria, quando, por exemplo, uma reportagem fala do caos em que se encontra a saúde pública da nossa cidade.
- **Aluno 8:** Não nunca ouvi falar disso.
- **Aluno 9:** Não, não sei o que é crônica.
- **Aluno 10:** Não, sei que faz parte de língua portuguesa, mas não sei o que é.
- **Aluno 11:** Não sei não.
- **Aluno 12:** Não, to por fora desse assunto.
- **Aluno 13:** Não, sei que tem no jornal, mas não sei o que é.
- **Aluno 14:** Não.
- **Aluno 15:** Não.
- **Aluno 16:** Não, não faço a menor idéia.

- Você sabia que a crônica é um texto jornalístico?

- **Aluno 1:** Sim, sei que faz parte do jornal, a crônica só passou a ter vida depois que foi publicada em jornais.
- **Aluno 2:** Sim, até porque os comentários do jornal se expressam através de crônicas, quando relatam os fatos do cotidiano.
- **Aluno 2:** Sim, sei que o jornal é composto por artigos, crônicas e outros textos.
- **Aluno 4:** Não.
- **Aluno 5:** Não.
- **Aluno 6:** Não sabia disso não.
- **Aluno 7:** Não, pensei que fosse da Bíblia.
- **Aluno 8:** Não.
- **Aluno 9:** Não.
- **Aluno 10:** Não, eu nem sei o que é crônica.
- **Aluno 11:** Não, não sei o que é isso.
- **Aluno 12:** Não. Não sabia que fazia parte do jornal.
- **Aluno 13:** Não.
- **Aluno 14:** Não.
- **Aluno 15:** Não, não sei por que é texto jornalístico.
- **Aluno 16:** Não, leio jornal, mas não sei o que é.

- Se você não sabe, você tem curiosidade de saber o que é uma crônica jornalística?

- **Aluno 1:** Sim, tenho muita curiosidade de saber sobre crônica.
- **Aluno 2:** Sim, pois parece ser um assunto interessante.
- **Aluno 3:** Sim.
- **Aluno 4:** Sim, tenho.
- **Aluno 5:** Claro que tenho.
- **Aluno 6:** Sim, por que deve ser muito importante para nosso conhecimento.
- **Aluno 7:** Sim, quero saber o que é crônica.
- **Aluno 8:** Tenho muita curiosidade nesse assunto, por isso quero saber o que é.
- **Aluno 9:** Sim, eu não sei o que é e quero muito saber.
- **Aluno 10:** Sim.
- **Aluno 11:** Sim.
- **Aluno 12:** Sim.

- **Aluno 13:** Sim.
- **Aluno 14:** Não, pois sei que a crônica é um texto que pertence ao jornal.
- **Aluno 15:** Não, não me interessa por esse assunto, gosto mesmo é de matemática.
- **Aluno 16:** Não, não tenho nenhuma curiosidade pra saber do que trata a crônica jornalística.

- Que tipo de texto você pensa que é uma crônica?

- **Aluno 1:** Eu penso que a crônica seja uma dissertação.
- **Entrevistador:** Por quê?
- **Aluno 1:** Acho que dissertam os acontecimentos da vida real.
- **Entrevistador:** O que faz você pensar isso?
- **Aluno 1:** Não faço a mínima idéia.
- **Entrevistador:** Tudo bem.
- **Aluno 2:** Acho que é uma narração.
- **Entrevistador:** Por quê?
- **Aluno 2:** Acho que conta uma história.
- **Entrevistador:** Que tipo de história?
- **Aluno 2:** Não sei qualquer uma.
- **Aluno 3:** Narrativo.
- **Entrevistador:** Por quê?
- **Aluno 3:** Não sei porque, mas acho que é isso mesmo.
- **Aluno 4:** A crônica é uma narrativa.
- **Entrevistador:** Por que você afirma isso?
- **Aluno 4:** Porque conta uma historia ou um acontecimento do dia-a-dia.
- **Entrevistador:** Então, é isso que você pensa sobre crônica.
- **Aluno 4:** Com certeza.
- **Aluno 5:** Acho que é uma descrição.
- **Entrevistador:** Por que pensa que é uma descrição?
- **Aluno 5:** Não sei. Eu só acho mesmo.
- **Aluno 6:** É um texto descritivo.
- **Entrevistador:** É mesmo, porque pensa ser uma descrição?
- **Aluno 6:** Porque descreve as paisagens das histórias e tudo mais.
- **Entrevistador:** Muito bem, se é isso o que você pensa, ótimo.
- **Aluno 7:** Penso que seja uma dissertação.

- **Entrevistador:** Por quê?
- **Aluno 7:** Não sei, só penso mesmo.
- **Aluno 8:** Dissertativo.
- **Entrevistador:** É mesmo, por quê?
- **Aluno 8:** Porque dissertam os fatos da vida das pessoas.
- **Entrevistador:** Tem certeza disso?
- **Aluno 8:** Tenho sim.
- **Aluno 9:** Eu não sei acho que nenhum desses textos.
- **Entrevistador:** E qual seria então?
- **Aluno 9:** E eu sei lá.
- **Entrevistador:** Certo. Tudo bem.
- **Aluno 10:** Eu não sei, acho que nenhum desses textos acima.
- **Entrevistador:** Não sabe mesmo?
- **Aluno 10:** Não.
- **Aluno 11:** Nenhum desses textos ai não
- **Entrevistador:** Como sabe que não pode ser nenhum texto desses?
- **Aluno 11:** Pra falar a verdade, penso que não seja nenhum.
- **Entrevistador:** Muito bem.
- **Aluno 12:** Sei lá, acho que nenhum desses textos.
- **Entrevistador:** Tudo bem.
- **Aluno 13:** Nenhum desse ai.
- **Entrevistador:** Por que pensa isso?
- **Aluno 13:** Não sei por que penso, só acho que não é nenhum desses.
- **Entrevistador:** Tudo bem.
- E você o que pensa sobre isso?
- **Aluno 14:** Também penso que não seja nenhum dos textos acima.
- **Entrevistador:** Muito bem.
- **Aluno 15:** Nenhum desses textos.
- **Entrevistador:** Muito bem.
- **Aluno 16:** Nenhum dos tipos de textos.
- **Entrevistador:** Tudo bem, se é isso que você pensa em relação ao texto.

Protocolo das Entrevistas

Turma B

- **Você lê os textos jornalísticos por inteiro?**

- **Aluno 1:** As vezes eu leio.

- **Entrevistador:** E por que não freqüentemente.

- **Aluno 1:** Porque depende do meu estado de espírito.

- **Entrevistador:** Certo.

- **Aluno 2:** Quando o assunto me interessa, as vezes eu procuro terminar a leitura.

- **Aluno 3:** A manchete é até boa, mas as vezes fica enfadonha e não leio até o fim.

- **Aluno 4:** Sim leio o texto todo.

- **Entrevistador:** Por quê?

- **Aluno 4:** Porque só entendo o assunto lendo o texto inteiro.

- **Entrevistador:** Muito bem.

- **Aluno 5:** Sim.

- **Aluno 6:** Sim, porque leio pouco por falta de tempo.

- **Aluno 7:** Sim, gosto de ler o texto inteiro para ficar bem informado.

- **Aluno 8:** Sim.

- **Aluno 9:** Leio sim.

- **Aluno 10:** Sim, porque só leio as notícias do caderno de esporte.

- **Entrevistador:** Você só gosta de esportes?

- **Aluno 10:** Na verdade é o que mais me interessa.

- **Aluno 11:** Sim, leio toda a notícia.

- **Aluno 12:** Sim, sempre que posso eu leio a notícia inteira.

- **Aluno 13:** Sim.

- **Entrevistador:** O que faz você ler uma notícia até o fim?

- **Aluno 13:** Eu seleciono no jornal, só o que é de meu agrado para ler.

- **Entrevistador:** Certo.

- **Aluno 14:** Não, eu nunca consigo terminar uma notícia inteira, mesmo que ela seja interessante.

- **Entrevistador:** Por quê?

- **Aluno 14:** Sei lá. Acho que tenho problema de vista, por isso nunca consigo terminar a leitura.

- **Aluno 15:** Não.

- **Aluno 16:** Não, não tenho tempo de ler tudo.
- **Entrevistador:** Tudo bem.
- **Você sabe o que é crônica?**
- Aluno 1:** Sim eu sei.
- **Entrevistador:** O que é então?
- **Aluno 1:** É um texto narrativo que aparece na maioria das vezes em jornais. O narrador é sempre uma espécie de personagem figurativo que procura contar os fatos da vida cotidiana.
- **Entrevistador:** Ok.
- **Aluno 2:** Sim.
- **Entrevistador:** Você poderia definir?
- **Aluno 2:** Com certeza.
- **Entrevistador:** E o que é?
- **Aluno 2:** Bom, a crônica é um texto que narra os fatos ou acontecimentos da vida corriqueira. Ela teve origem há muitos anos atrás, quando se contavam as histórias que aconteciam na vida das pessoas.
- **Entrevistador:** Muito bem.
- **Aluno 3:** Não, não sei o que é isso.
- **Aluno 4:** Não sei.
- **Aluno 5:** Não sei o que é crônica não.
- **Aluno 6:** Não.
- **Aluno 7:** Não, nem passa pela minha cabeça.
- **Aluno 8:** Não. Isso cai no vestibular?
- **Entrevistador:** Não sei.
- **Aluno 9:** Não, só sei que é matéria que a gente vai dar em sala de aula.
- **Aluno 10:** Não, sei que foi passado esse assunto, mas não prestei atenção.
- **Aluno 11:** Não, não me lembro desse assunto.
- **Aluno 12:** Não sei o que é.
- **Aluno 13:** Não, ainda não foi dada essa matéria.
- **Aluno 14:** Não.
- **Aluno 15:** Não, é um livro da Bíblia?
- **Entrevistador:** Na verdade são dois: 1º e 2º Crônicas, mas não são desses livros que estou perguntando.
- **Aluno 15:** Então eu não sei.

- **Aluno 16:** Não, acho que foi passado em sala, mas não tenho bem certeza.
- **Entrevistador:** Este ano?
- **Aluno 16:** Não me lembro.
- **Entrevistador:** Certo.

- **Você sabia que a crônica é um texto jornalístico?**

- **Aluno 1:** Sim, sempre soube que a crônica faz parte do jornal.
- **Entrevistador:** Como você sabe?
- **Aluno 1:** Qualquer texto jornalístico que fala do dia-a-dia, de forma narrada, é uma crônica.
- **Entrevistador:** Ok.
- **Aluno 2:** Não, sempre leio as notícias, mas nunca li uma crônica jornalística.
- **Entrevistador:** Tem certeza do que você está falando?
- **Aluno 2:** Claro que tenho. Só leio notícias, não leio crônicas.
- **Entrevistador:** Muito bem.
- **Aluno 3:** Não, não sabia disso não.
- **Aluno 4:** Não, credo! Não sabia.
- **Aluno 5:** Não.
- **Aluno 6:** Não.
- **Aluno 7:** Não, desconheço o assunto.
- **Aluno 8:** Não, acho que a professora falou sobre isso, mas não lembro nada.
- **Aluno 9:** Não sabia.
- **Aluno 10:** Não, até mesmo porque leio pouco jornal.
- **Aluno 11:** Não, dificilmente tenho tempo para ler jornal.
- **Aluno 12:** Não, o dinheiro que ganho só dá para comer, por isso compro pouco jornal e quase não leio.
- **Aluno 13:** Não.
- **Aluno 14:** Não, eu não sabia.
- **Aluno 15:** Não, pensei que no jornal só tivesse reportagem mesmo.
- **Entrevistador:** E reportagem pode ser crônica?
- **Aluno 15:** Não faço a mínima idéia.
- **Aluno 16:** Não, eu não sabia que a crônica fazia parte do jornal, pra falar a verdade eu nem sei o que é crônica.

- **Entrevistador:** Tudo bem.
- **Se você não sabe, você tem curiosidade de saber o que é uma crônica jornalística?**
- **Aluno 1:** Sim, esse assunto deve aprimorar a gente e ajudar a compreender o nosso dia-a-dia.
- **Entrevistador:** Aprimorar como?
- **Aluno 1:** Sei lá...pode ser através de aulas e também de leituras de jornal para a gente entender o que é crônica.
- **Entrevistador:** Se é isso que você acha tudo bem.
- **Aluno 2:** Sim, com certeza. Esse assunto vai contribuir para ampliar nosso conhecimento, apesar de ter lido pouco jornal.
- **Aluno 3:** Sim.
- **Aluno 4:** Sim, eu tenho muita curiosidade de saber que tipo de texto é uma crônica jornalística.
- **Aluno 5:** Sim.
- **Aluno 6:** Sim, preciso saber o que é uma crônica jornalística, pois quando leio jornal não consigo identificar esse tipo de texto.
- **Aluno 7:** Sim.
- **Aluno 8:** Sim.
- **Aluno 9:** Sim.
- **Aluno 10:** Sim, por que ainda não decidi, mas pretendo prestar vestibular para o curso de comunicação e devo dominar o assunto.
- **Aluno 11:** Sim, pois acredito que vai ser bom para eu saber o que é crônica jornalística.
- **Aluno 12:** Sim, porque pretendo ser professor de língua portuguesa.
- **Aluno 13:** Sim, gostaria de saber qual a importância da crônica jornalística para nossas aulas.
- **Entrevistador:** Você ainda não sabe?
- **Aluno 13:** Não sei.
- **Entrevistador:** Mas tenho certeza que você vai saber.
- **Aluno 14:** Sim.
- **Aluno 15:** Sim, isso deve melhorar nosso conhecimento.
- **Aluno 16:** Não, já sei o que é isso.

- Que tipo de texto você pensa que é uma crônica?

- **Aluno 1:** Não sei o que é uma crônica, por isso nem penso que tipo de texto possa ser. Acho que nenhum desses acima

- **Entrevistador:** Muito bem.

- **Aluno 2:** Eu acredito que a crônica seja uma espécie de texto narrativo.

- **Entrevistador:** Por quê?

- **Aluno 2:** Porque ela conta uma história e narra também os fatos, os acontecimentos da nossa vida

- **Entrevistador:** Certo.

- **Aluno 3:** Acho que é uma narração.

- **Aluno 4:** Descritivo.

- **Entrevistador:** Por quê?

- **Aluno 4:** Não sei, apenas chutei um palpite.

- **Entrevistador:** Ok.

- **Aluno 5:** Descritivo.

- **Entrevistador:** Tem certeza?

- **Aluno 5:** Acho que sim, porque fala das ações dos personagens, das roupas e tudo mais.

- **Entrevistador:** Certo.

- **Aluno 6:** É descritivo professora.

- **Entrevistador:** Como você sabe?

- **Aluno 6:** Através da descrição dos acontecimentos do dia-a-dia que aparecem nesse texto.

- **Entrevistador:** Como assim?

- **Aluno 6:** Por exemplo, quando tem um acidente, o repórter vai falar de como ocorreu e descrever os fatos.

- **Entrevistador:** Certo, é isso que você pensa?

- **Aluno 6:** Sim, com certeza.

- **Aluno 7:** É uma dissertação.

- **Aluno 8:** Não sei muito bem, mas penso que seja um texto dissertativo.

- **Aluno 9:** É uma dissertação.

- **Entrevistador:** Como sabes?

- **Aluno 9:** Eu sei porque quando leio um jornal, vejo que se faz uma reflexão de um assunto que ocorreu recentemente.
- **Entrevistador:** Ok. Muito bem.
- **Aluno 10:** Nenhum dos textos acima.
- **Entrevistador:** Por que você acha isso?
- **Aluno 10:** Porque num jornal nenhuma matéria é igual a outra.
- **Entrevistador:** Você acredita que as matérias são diferentes e por isso não se enquadram em nenhum dos textos apresentados?
- **Aluno 10:** É exatamente o que eu penso.
- **Aluno 11:** Nenhum desses textos.
- **Entrevistador:** Por que você pensa dessa forma?
- **Aluno 11:** Porque eu acho que esses tipos de textos são de livros e não de jornal.
- **Entrevistador:** Certo.
- **Aluno 12:** Nenhum, nem sei o que é isso.
- **Aluno 13:** Nenhum acima.
- **Aluno 14:** Nenhum desses textos.
- **Entrevistador:** E qual seria então?
- **Aluno 14:** Acredito que para fazer parte do jornal, não precisa seguir nenhum padrão de texto, a notícia é mostrada de improviso pelo repórter.
- **Entrevistador:** Você pensa assim?
- **Aluno 14:** Penso.
- **Aluno 15:** Como não sei distinguir esses tipos de textos acho que é nenhum desses aí.
- **Aluno 16:** Descritivo.
- **Entrevistador:** Você poderia explicar?
- **Aluno 16:** No momento em que as notícias aparecem no jornal, o repórter descreve os acontecimentos que ocorrem na sua matéria.
- **Entrevistador:** Ok.

ANEXO IV – Conteúdo programático da pesquisa

Conteúdos

1 Conteúdos Prováveis (Turma B)
1.1. Tipos de textos: narração, dissertação e descrição (10 h/aulas)
1.2. Crônica, artigo, editorial (10 h/aulas)
1.3. Sílabas (10 h/aulas)
1.4. Morfologia (10 h/aulas)
1.5. Estrutura e formação de palavras (10 h/aulas)
1.6. Substantivos e adjetivos (10 h/aulas)
1.7. Pronomes (15 h/aulas)
1.8. Sintaxe (15 h/aulas)
1.9. Frase, oração, período (10 h/aulas)
Carga horária total: 100 h/aulas
2 Conteúdos Prováveis (Turma A)
2.1. Definição de crônica jornalística (10 h/aulas)
2.2. Características tipológicas e superestruturais da crônica jornalística (15 h/aulas)
2.3. Tipos de crônicas (10 h/aulas)
2.4. Definição de narração e narrador presente na crônica (10 h/aulas)
2.5. Linguagem jornalística (15 h/aulas)
2.6. Gêneros jornalísticos (20 h/aulas)
2.7. Elaboração de crônica jornalística (20 h/aulas)
Carga horária total: 100 h/aulas

ANEXO V – Prática de texto e exercícios



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Orientadora: Dra. Ângela Balça
Maria de Nazaré Rocha Souza

Esse exercício teve por base a “Prática de texto” de Faraco e Tezza (2008, p.258), com o objetivo de avaliar as aulas realizadas em sala de aula no período de intervenção.

Agora é a sua vez de escrever uma crônica, pondo em prática o seu próprio ponto de vista! Como objeto de seu estudo escolha um texto estudado que você leu, ou um fato que você presenciou ou viveu para narrar seu texto. Importante: escolha o tema em que você se sentir mais seguro para escrever e crie um título como notícia principal. Considere os seguintes aspectos:

1. Dê informações concretas ao leitor a respeito do que você vai escrever.
2. Observe a seqüência do texto, parágrafo a parágrafo e as marcas linguísticas que irá utilizar.
3. Descubra a delícia de narrar um texto. Explore a linguagem do seu cotidiano com clareza e objetividade. Faça o leitor gostar do seu texto.
4. Não se esqueça dos assuntos trabalhados e discutidos em sala e crie o seu próprio estilo.

Universidade de Évora
Mestranda: Professora Nazaré Rocha
Tema da pesquisa: “A Crônica Jornalística como dispositivo de ensino na EJA”
Língua Portuguesa

MARAJÓ: A MOÇA CONTOU

O Marajó é uma coisa fantástica, só você vendo... E depois de ver, é capaz de não acreditar. Você está no Marajó, não viaja de carro, carece viajar de avião para curtir essa renda colossal de rios separando as terras. Eta arquipélago danado, deslumbrando, perturbando a vista miudinha da gente! Mas de barco é que voe vislumbra mesmo, não tem conversa. Apeando no navio no lusco-fusco (foi o que me aconteceu uma vez, conheci na travessia um fazendeiro, que perguntou se queria conhecer a fazenda. Fui). É bom viajar meio sem programa, topando que vale ser topado, entende? Na luz fraca do amanhecer, a casa-grande, de madeira, sobre estacas, parecia suspensa no ar, o terraço voltado para as terras.

Fazenda marajoara, nem-te-conto... O infinito. O verde. Os bichos selvagens. Lá você encontra restos de ferramentas, restos de cerâmica, a vida antiga do índio que fala à alma da gente e atíça curiosidade de saber mais, mais. Garças e Guarás vermelhos, pousando nas lagoas. Jacaré de montão. Tudo. O mundo tá acabando de nascer numa inocência de gênese. Ô vida colorida, arcoirizada! Reunião tão grande e variada de cores e tons que você fica bobo, sem saber se olha ou bebe a paisagem. Passeie de canoa, você tem que passear adoidado de canoa pelos igarapés que não acabam nunca. Pelos furos. A companhia de você é aquela espécie de arbusto pousado à beira d'água, durante todo o percurso: aves brancas, róseas, vermelhas que não se assustam com o barulho doce dos remos ou o ronronar do motor da lancha, de água.

Eta Brasil maior que o Brasil!

Salvaterra, salvação de muita gente das sete partidas do mundo. (São sete?) Durante as férias gente de todo o país e do exterior se reúne lá para voltar à vida simples. Tiram a pele da cidade, sabe? Difícil de explicar isso...

E nada de turismo, viu? Essa idéia some no ar. Salva terra é um segredo, um presente fechado, porta-jóias, senha maçônica. É preciso respeitar Salvaterra. Ah, você nunca calcula...

Assim falou a moça, apaixonada do Marajó. Lívia de nome, e está feita a crônica.

Carlos Drummond de Andrade

1. A leitura global da crônica nos permite afirmar que nela o que há de mais evidente é a intenção do autor de:
 - a) Refletir sobre os aspectos relativos às questões de preservação do meio ambiente na Amazônia, principalmente na Ilha do Marajó.
 - b) Persuadir o leitor a visitar uma das regiões cuja natureza pe das mais exuberantes do mundo.
 - c) Contrapor a degradação que poderia ocorrer no arquipélago do Marajó ao esforço para incentivar o turismo na região.
 - d) Demonstrar como é possível se viver numa fazenda marajoara, entre bichos selvagens e um mundo de águas.

2. Há marca do discurso indireto em:
 - a) “Mas de barco é que você deslumbra mesmo...”.

- b) "... conheci na travessia um fazendeiro, que perguntou se queria conhecer a fazenda...".
- c) "É bom viajar meio sem programa você entende?"
- d) "A companhia de você é aquela espécie de arbusto".

3. "Passeie de canoa, você tem que passear adoidado de canoa pelos igarapés que não acabam nunca".

A expressão **adoidado**, usada no trecho acima tem o valor de _____ porque o autor do texto quer sugerir _____, portanto poderia ser substituída por _____ sem comprometer a coerência com o restante do texto.

A alternativa que completa corretamente a afirmativa acima é:

- a) advérbio; intensidade; muitíssimo.
- b) adjetivo; qualidade; louco.
- c) substantivo; situação; afoito.
- d) verbo; ação; apressadamente.

4. "Jacaré de montão"

O sufixo **ão**, presente na palavra assinalada, tem o mesmo valor semântico da seguinte palavra retirada do texto:

- a) salvação
- b) fusão
- c) reunião
- d) mundão

5. "aves brancas, róseas, vermelhas que não se assustam com o barulho doce dos remos ou o ronronar do motor da lancha".

Para expressar a exuberância da natureza marajoara, Drummond usa várias figuras de linguagem. No trecho acima, as figuras que predominam são:

- a) Comparação e ironia
- b) Hipérbole e metáfora
- c) Catacrese e antítese
- d) Sinestesia e onomatopéia

6. Assinale a alternativa que contém a correspondência correta com o termo destacado e o que há entre parênteses:

I- "Ô **vida colorida**, arcoirizada!" (aposto)

II- "Assim falou **a moça**, apaixonada do Marajó" (sujeito)

III- "arbusto pousado **à beira d'água**" (adjunto adverbial)

- a) I, apenas.
- b) I e II, apenas.
- c) II apenas
- d) II e III apenas

7. "a vida antiga do índio que fala à alma da gente e atiça curiosidade de saber mais, mais".

No trecho acima, a repetição do termo **mais** provoca redundância.

- a) É usada como recurso expressivo de ênfase
- b) Revela ambigüidade
- c) Indica interrupção de estrutura frasal
- d) É usada para indicar a intensidade dos fatos.

ANEXO VI – Crônicas jornalísticas produzidas pelos alunos da

Educação de Jovens e Adultos (EJA)

TURMA A

TEXTO 1

Coitado do Irmão!

JOGO Resultado do Re x Pa termina em confusão

Um certo dia, ao conversar com um cobrador de ônibus cujo o apelido era “irmão”, que trabalhava na empresa Rio-Guamá, me surpreendi com suas histórias. Uma retratou o famoso jogo de futebol paraense.

Quem nunca ouviu falar do conhecido Re x Pa? Era justamente esse jogo que “irmão” estava me contando: segundo ele tudo aconteceu numa tarde de domingo em que todos os cobradores temiam trabalhar, com medo da grande partida de futebol.

Pobre “irmão”! Por ironia do destino foi escolhido para fazer a rota que passava próximo ao “Mangueirão” (grande Estádio paraense), ao passar na rodovia

Augusto Montenegro, as torcidas dos times Remo e Paissandú começaram a discutir. Os palavrões, as ofensas barbarizaram todos os que estavam no ônibus e o “irmão” para defender sua renda entrou na “onda” também.

Com sua voz alta e estrondosa mandou todos se calarem, mas não adiantou, o irmão foi espancado pelas torcidas dos dois times e o veículo ficou totalmente destruído.
(aluno turma A)

TEXTO 2

Certas mudanças

SOCIAL Mudanças possíveis

Tem uma coisa que aprendi faz muito tempo: aprendi que na vida só tem uma coisa certa, as mudanças que acontecem sejam boas ou

ruins, mas acabam acontecendo.

Por isso tento levar a vida sem resistir as dificuldades que ela me propõe e encaro-a de cabeça. Mas uma mudança que não suporto é “mudar” de lugar, ficar perambulando de casa

em casa, levando todos os “trecos” comigo.

Oh! Que coisa horrível! Fiz várias mudanças na vida como: era criança e cresci, era ingênuo e virei pecador. E agora o que ou mudar?

(aluno turma A)

Texto 3

Crônica à moda brasileira

CULTURA Moda brasileira aparece na TV

A TV brasileira é complicada. Existem programas que só pelo título já se imagina do que se trata “lorotas”, não posso citar os nomes deles, mas

vocês podem imaginar como é a TV à moda brasileira.

Estava assistindo um programa daqueles que nem se fala. Quando de repente o apresentador falou que a melhor TV é a brasileira, por que? Não entendi, mas o que ele disse foi que o Brasil sempre foi mero telespectador em copiar

bobagem. Porque o povo brasileiro sempre gostou de apreciar essa cultura.

Aquilo doeu no fundo da minha alma. O impressionante é que continuei assistindo aquelas “lorotas” que só a TV brasileira pode transmitir. Que tristeza!

(aluno turma A)

Texto 4

Marido agrediu mulher em frente à Escola

VIOLÊNCIA Marido acusado de agressão da esposa

João Braga da Silva, 46 anos, brasileiro, casado pela segunda vez com Maria Joaquina, jovem de 22 anos. Começou a desconfiar da esposa a partir de março de 2009, quando ela passou a estudar no período noturno, na cidade de Ananindeua.

No início o marido aceitou a decisão da esposa, inclusive até ajudou na compra de material escolar, levava-a sempre de “bike” para escola. Tudo era ótimo contou Joaquina, minha grande amiga.

Com o passar dos dias João Braga passou a desconfiar da esposa,

achando que ela não estava mais interessada nele. Parecia que só queria saber de estudar. Passou, então a dirigir palavrões para ela na presença de alguns colegas, fato que levou Maria Joaquina a se aprofundar ainda mais nos estudos e a recusar a visita de João Braga na escola.

Triste e desequilibrado o homem planejou um atentado contra a jovem, mas ela conseguiu fugir das garras de João. A moça foi até a Seccional Urbana da Cidade Nova fazer uma ocorrência, porém para sua tristeza o sistema estava fora do ar. Sem ter para onde ir, Maria Joaquina voltou para os braços do marido que a recebeu com “pauladas e ponta-pé”.

O estado da moça parecia grave, mas ela imediatamente foi socorrida pela ambulância que perambulava no local.

João Braga, descontrolado tentou ir para o hospital com a jovem, mas foi impedido por populares. O homem chorou feito criança como se estivesse arrependido, porém ninguém ligou para suas lágrimas.

Atualmente, Maria Joaquina está bem e conseguiu concluir seus estudos na (EJA) e posso dizer que é uma grande amiga. Esse fato não foi vergonhoso pra ela, pois acontece com muitas jovens que se casam sem estudos.

(aluno turma A)

Texto 5

Vergonha na cara

EDUCAÇÃO Solidariedade para com o próximo

Num destes dias, alguém muito importante se achando que tava abafando me disse isso: “tenho que criar vergonha na cara e fazer alguma coisa para ajudar os outros”. Esse desabafo foi de alguém que nunca se importou nem consigo mesmo.

Ouvi isso de uma pessoa que nunca se

importou com nada. Foi o que me chamou atenção naquele momento. Passei a maior parte do dia pensando no que ele me disse, não pelo fato de ajudar, mas por imaginar que um ser daquele “sem perspectiva, sem vida, sem eira e nem beira” reagiu dessa forma. Então pensei: “porque não dar conselhos pra que ele perceba que tem alguém que acredite nele?”. E foi o que fiz.

Imaginem vocês!
Acreditem que perdi meu

tempo? Ele respondeu que eu nunca dei a mínima pra ele. Isso me fez refletir quem tem vergonha na cara não deve se preocupar com os problemas alheios. Ainda mais quando são “chulos” e se você mexer muito vira “chulé”, fedor pra todo o lado.

Mas posso garantir que após aquele desabafo jamais vou me dispor a dar conselhos, criei vergonha na cara.

(aluno turma A)

Texto 6

Acidente de carro não matou ninguém!

VIOLENCIA Acidente de carro chama a atenção de populares

Certo dia estava passeando pela rua quando um vizinho, conhecido de meus pais me chamou para me contar um caso. Contou ele a história de um acidente que envolveu três carros. Os carros tentaram frear bem em cima do semáforo, mas infelizmente o terceiro falhou. Quando parou

atingiu o segundo que em seguida atingiu o primeiro.

Dizendo seu Pedro, vizinho que adora contar fatos que o segundo carro conseguiu ficar à frente do terceiro e por baixo do primeiro, ficou igual a uma salsinha em um hot-dog, disse ele.

O interessante foi que seu Pedro pouco me via pelas ruas, pois trabalho muito e o meu tempo é curto para ouvir esses casos, mas teve a coragem de relatar esse absurdo ocorrido em nossa rua.

Entretanto, a tristeza maior de seu Pedro, foi o fato do acidente não ter matado ninguém. Irritado com aquilo tudo disse: “pra mim acidente só tem graça quando mata alguém que não seja meu conhecido”.

Fiquei assustado com o relato de seu Pedro e juro que preferia ter ficado no meu cantinho curtindo meus livros ou até mesmo um programa de televisão. Lucraria mais.

(aluno turma A)

Texto 7

Belém, cidade encantada

CULTURA

Belém, cidade das mangueiras, atrativo turístico

Belém é uma cidade maravilhosa, só você olhando. Morar em Belém é muito bom, vem ver! Não carece vim de carro não, vem de “busão” mesmo!

O Forte do Castelo, a Basílica de Nazaré, a Estação das Docas são pontos turísticos que você só encontra aqui. Beleza pura, não tem disso não pode vir pra cá que você vai se encantar.

Não é conversa de paraense não, pode acreditar. Em outras cidades o clima nem se

parece com a nossa encantada Belém.

O verde das mangueiras, as águas barrentas do Rio Guamá, as chuvas dos fins de tarde. Tudo isso você só encontra aqui. Assim me falou um turista encantado com a cidade de Belém do Pará.

(aluno turma A)

Texto 8

Filhos presos por ameaçarem o pai

POLÍCIA

Idoso era maltratado por filhos

Num belo dia dessas tardes de fim de semana estava seu Joaquim acompanhado de seus quatro filhos de nomes não identificados.

Os barulhos e chiados eram comuns próximo à casa de seu Joaquim, senhor de idade, porém bem esperto. Os filhos do idoso pouco davam atenção pra ele, apenas o

criticava e o ameaçava freqüentemente caso desse algum palpite nos trabalhos deles.

O ancião raramente conversava com os vizinhos, que já imaginavam o tipo de trabalho dos filhos de seu Joaquim, por isso evitavam contato com a família dele.

Num desses dias seu Joaquim cansado de tudo, inclusive das ameaças dos filhos resolveu abrir a boca e contou tudo o que

se passava em sua casa para um vizinho que era policial. O vizinho não pensou duas vezes foi até a Delegacia e os denunciou por maltrato ao idoso.

Seu Joaquim agradeceu muito ao vizinho, que não era da sua família, mas o ajudou muito. Os filhos, os quatro foram intimados e presos por manter a vítima sob ameaça e maltratos.

(aluno turma A)

Texto 9

Adolescentes presos com armas

POLÍCIA **Menores acusados** **por porte ilegal de** **armas**

Três jovens menores de idade, foram presos por policiais civis da Seccional Urbana da Cidade Nova, Belém. Os menores foram acusados de praticarem inúmeros assaltos nas redondezas do bairro. Segundo relatos do policial “Jesus” eles eram

acostumados a vitimarem pedestres e motoristas que trafegavam na área.

A polícia flagrou os três adolescentes em uma esquina, todos armados com revólver calibre 38, e os conduziu até a Seccional da Cidade Nova que possui um posto avançado para atender menores infratores.

De acordo com o policial “Jesus” a prisão do trio resultou de uma operação das polícias civil e militar para reduzir os

índices de assaltos nos bairros. Informações apontaram que os três adolescentes já tinham “passagem” pela polícia, porém estavam em liberdade por serem de menores. Em seguida foram encaminhados a DATA (Delegacia Especializada de Atendimento ao Adolescente) para procedimento adequado.

Assim relatou o policial “Jesus” à imprensa.
(aluno turma A)

Texto 10

Homem preso por matar mãe de seus filhos

POLÍCIA **Jovem acusado de** **matar ex-esposa**

Foi preso no domingo passado um homem acusado de matar a ex-mulher no município de Ananindeua, cidade de Belém.

O jovem Adriano Silva, 20 anos de idade, assassinou a ex-esposa com um tiro na cabeça e foi capturado próximo a

residência dele, localizada no mesmo município.

Contou o pai do assassino que eles estavam separados desde agosto do ano passado. Segundo vizinhos, Adriano ia freqüentemente à casa da ex-mulher.

Essas visitas, de acordo com os vizinhos, sempre resultaram em desentendimento e troca de ameaças.

O crime aconteceu no último dia 8, durante mais

uma briga. Adriano sem pensar atirou na cabeça da ex-companheira com uma arma calibre 38. A jovem morreu na hora e Adriano não resistiu à prisão.

Populares confessaram que o casal teve dois filhos, um morreu ano passado, o outro mora com os pais de Adriano.

(aluno turma A)

Texto 11

Lula mais poderoso que a lei

POLÍTICA **Presidente** **continuou liderando** **política**

Lula, o presidente Luiz Inácio da Silva, está claramente, liderando uma campanha de desmoralização da lei e dos instrumentos de fiscalização do Estado.

Eta Lula danado, parece até maior em poderes do que o Brasil em dimensão. Quem duvidou do presidente e criticou duramente esse homem com a expressão de analfabeto se fumou. Ta ai o Lulão passando a perna em qualquer político doutor. Poxa, se não fosse o Lula o cenário da nossa nação estaria mais coberto de miséria

do que está. Se não fosse o Lula com seus palavrões bem indiscretos o Brasil não estaria chamando tanta atenção da imprensa.

Eta Lulão desbocado, mas respeitado. Isso é que é educação gente. Desabafou um motorista de ônibus enquanto trabalhava. Aqui surgiu a crônica do Lulão.

(aluno turma A)

Texto 12

A vida

SOCIAL **O que esperamos da** **vida**

Segunda-feira passada aproveitei a solidão da casa para tentar arrumar a minha vida. Se é que posso chamá-la de vida. De uns tempos pra cá,

ficou desorganizada, quase tudo fora do lugar.

Já se foram muitos anos éramos recém casados e andávamos de mãos dadas pelas ruas. Hoje mal posso passar perto dela, parece que quer me morder. Por que a vida é desse jeito? Fiquei a refletir diante da minha cama. As pessoas

se amam e desamam tanto ao ponto de se odiarem. Não me perguntem por que, mas brigamos tanto que quando vimos nossas vidas estavam destruídas pelo tempo.

E agora o que me restou? A velha casa, a velha vida para arrumar. (aluno turma A)

Texto 13

Homossexual morto por violência

POLÍCIA **Jovem morto após estupro**

José Santos, 24 anos, saiu de casa para beber com um grupo de amigos e comemorar sua inesquecível data de aniversário.

Depois do dia dois de novembro de 2009, nunca mais se ouviu falar de José.

Policiais da Seccional Urbana da Marambaia investigaram um homicídio por enforcamento ocorrido na madrugada anterior em uma área de matagal próximo ao Mangueirão (estádio futebolístico).

O rapaz foi encontrado seminu enforcado pelo próprio cinto, com suspeita de estupro, por jovens que brincavam próximo ao local do crime. Segundo contou a mãe da

vítima, ele era homossexual e saiu com um grupo de colegas para festejar o aniversário, o que indicou um crime planejado. O caso foi registrado.

Concluiu-se que o crime foi praticado por terceiros segundo informação da Polícia Civil. Um inquérito foi aberto para apurar o caso de José Santos

(aluno turma A)

Texto 14

Notícias nem sempre são boas

SOCIAL **Criança abandonada pelos pais**

Num desses dias qualquer, estava vagando pelas ruas do bairro de Nazaré, quando um jornalista me parou e contou tristes histórias da sua vida.

Contou ele que ao nascer tinha sido abandonado pela sua mãe. Em nenhum momento falou do pai verdadeiro. Disse que seu pai de criação tinha o ensinado

coisas boas e ruins que o ajudaram, a saber, escolher corretamente.

Sempre se esforçou bastante para conseguir seu objetivo. Acreditava que o fato de ser jornalista não queria dizer que era um fracassado, mas uma pessoa que aproveitou a oportunidade que a vida lhe ofereceu.

Começou a chorar, pois a realidade escrita naqueles jornais o machucava mais que a sua própria vida.

Fiquei pensando ali mesmo, as notícias são boas quando estão distantes da gente, mas quando se aproximam nos machucam profundamente, ainda mais quando tratam de fatos ruins. Queria sair de perto do jornalista, mas não pude, pois o via todos os dias, na rua, em casa. Era meu pai, o pobre jornalista que além de abandonado foi invisível para toda a sociedade.

(aluno turma A)

Texto 15

Os negros na Amazônia

CULTURA

A professora contou

Certo dia na aula de História a professora contou como apareceram os primeiros negros na Amazônia.

Contou ela que em meados do século XVII os

portugueses trouxeram negros da África para trabalhar nas terras cultivadas. Eles vieram da Angola, Congo e Moçambique.

O mais interessante foi saber que os negros mais antigos foram trazidos pelos ingleses nas últimas décadas do século XVI para trabalhar em

engenhos clandestinos, na fabricação de açúcar e aguardente na Foz do Rio Amazonas e Costa do Amapá.

Nunca pensei em minha vida que os negros estivessem presentes na Amazônia à tanto tempo.

(aluno turma A)

Texto 16

O brasileiro da série A

ESPORTE

Flamengo foi hexa campeão

Nos últimos cinco anos a Taça de campeão brasileiro só ia para os times do estado de São Paulo.

Felizmente este ano o título foi para um time do Rio de Janeiro, foi do meu "Mengão", time que "correndo por fora" veio,

no início da 2ª fase, da décima primeira colocação, numa linda e impressionante recuperação, para a primeira colocação na penúltima rodada.

Na rodada final o "Mengão" só dependia dele mesmo para ser campeão. Mas deu um susto danado na gente. Começou o jogo perdendo para o Grêmio. Até aos vinte minutos do 2º

tempo, já com o jogo empatado em 1 X 1, o Internacional era o tetra, mas o "Mengão" não decepcionou e com 1 gol de zagueiro, o meu "Mengão" garantiu a vitória, tornando-se hexa campeão brasileiro.

Éta "Mengão" bom! Trouxe alegria para todos os seus torcedores de todo o Brasil.

(aluno turma A)

TURMA B

Texto 1

Uma triste história

SOCIAL **Incêndio mata idoso**

Tudo aconteceu por volta das 20 horas do dia 25 de dezembro de 2008 na casa do senhor Afranásio.

Mulher de 80 anos, que morava sozinha em sua residência. Parecia que não tinha ninguém na vida, pois na hora do incêndio que ocorreu na sua casa ninguém a socorreu.

O Corpo de Bombeiros foi acionado por

populares, mas quando chegou ao local, era tarde demais. As chamas haviam invadido e destruído toda a casa do idoso. O corpo não foi encontrado, apenas as cinzas restaram.

(aluno turma B)

Texto 2

Pai acusado de estupro de filho

POLICIAL **Menino sofreu abuso sexual pelo próprio pai**

Não se sabe como aconteceu, mas ele

estava desesperado. Vivia triste pela casa, não contava nada a ninguém. Maria sempre estava sorrindo com aquelas idéias que ouvia sem saber por que, parecia até uma hiena, dava risadas

sem parar a todo o momento.

O menino estava lá de cabeça baixa sem olhar nos olhos de ninguém. O pai como sempre entrava e saía.

(aluno turma B)

Texto 3

Eleição se aproxima, candidato se anima

POLÍTICA **Interesse político cansou eleitor**

Todo ano de eleição é a mesma coisa. Os jornais divulgam uma série de corrupções cometidas por nossos

políticos e não demora eles vem com a cara mais limpa.

As eleições estão chegando, os “Barbalhos” se animando. Lá vem Jatene e Almirzão querendo mostrar o que não passou de suas obrigações como

governantes. Suas obras acabadas e inacabadas mostram o desvio de milhões.

Será que vai ser sempre assim? A eleição se aproxima e os “tucanos” se animam.

(aluno turma B)

Texto 4

Pai matou filho com facadas

POLICIA **Pai acusado de matar o próprio filho**

Certa noite chegou em casa por volta das 24h o jovem Rafael dos Santos de 26 anos que foi assassinado pelo pai Rosevaldo dos Santos.

O acusado foi preso em flagrante pela Polícia Militar que fazia ronda no momento do crime. Segundo relatou o pai da vítima, o jovem era acostumado a sair de

casa à noite para ir atrás de drogas nas piores “bibocas” do bairro, mas não demorava a chegar em casa. Nessa noite ele deixou a cama preparada com travesseiros e lençóis, dando a impressão que estava dormindo. Então, ao ouvir barulhos pela casa, o pai foi até o quarto do filho que parecia estar dormindo. Rosevaldo dos Santos se assustou com o barulho e procurou se armar, já que o filho parecia estar dormindo

em casa, no escuro feriu gravemente um homem, pensando que fosse bandido. Ao perceber que era o próprio filho entrou em desespero e pânico, mas infelizmente era tarde demais, o jovem já havia morrido.

A Polícia Militar passou pelo local do crime e prendeu o acusado que vai responder o crime em liberdade por ser idoso de 76 anos.

(aluno turma B)

Texto 5

Mãe acusada de alugar filho para pedintes

POLICIA **Mãe alugou filho por dinheiro**

Tudo aconteceu por volta das 20 horas de sábado na casa da dona Maria.

De acordo com relatos da vizinha da acusada ela sempre “alugava” o filho menor de três anos para qualquer um desde que lhe pagasse algum trocado. Para confirmar a acusação a vizinha foi obrigada a filmar e gravar

os fatos que aconteciam na casa da mãe do menino.

Sem saber por que, dona Maria fugiu de casa e deixou a criança só em casa com medo da Polícia.

(aluno turma B)

Texto 6

Salas de aula lotadas deixam alunos em pé

EDUCAÇÃO

Aluno não tem onde sentar em sala de aula

Inacreditável estamos no final do ano letivo e as escolas de Belém ainda deixam os alunos sem carteiras, sem lugar para sentar.

Assim relatou a moça a sua mãe, voltou pra

casa vários dias por não ter onde sentar. A mãe disse pra ele não ir mais pra aula pra não ficar de pé, mas ele foi.

(aluno turma B)

Texto 7

Time faz a maior festa em Belém

ESPORTE

Vitória do time foi comemorada por todos

O jogo começou, mas não deu pra entender nada.

Ninguém sabia pra qual time devia torcer, pois os dois estavam com as roupas muito parecidas, não dava pro torcedor saber quem era quem.

O coração batia e o pai do lado da torcida gritava desesperado: Vai lá, vai

lá. Ninguém me escuta falava o pai para os jogadores.

(aluno turma B)

Texto 8

Remo ganha do Paissandu

ESPORTE

Remo leva a melhor contra seu maior rival

O jogo entre Remo e Paissandu sempre foi muito disputado

e também “catimbado” porque os dois times são os maiores de Belém. O Paissandu ganhou e o Remo perdeu. O juiz foi o maior ladrão do jogo. Apitou horrível e prejudicou o meu Paissandu.

Mas apesar de tudo o Remo foi melhor e mereceu a vitória porque jogou bem.

(aluno turma B)

ANEXO VII – Quadro de avaliação: critérios atingidos e não atingidos

pelos alunos da (EJA)

TURMA A

Texto 1

Coitado do Irmão!

JOGO

Resultado do Re x Pa termina em confusão

Um certo dia, ao conversar com um cobrador de ônibus cujo o apelido era “irmão”, que trabalhava na empresa Rio-Guamá, me surpreendi com suas histórias. Uma retratou o famoso jogo de futebol paraense.

Quem nunca ouviu falar do conhecido Re x Pa? Era justamente esse jogo que “irmão” estava me contando: segundo ele tudo aconteceu numa tarde de domingo em que todos os cobradores temiam trabalhar, com medo da grande partida de futebol.

Pobre “irmão”! Por ironia do destino foi escolhido para fazer a rota que passava próximo ao “Mangueirão” (grande Estádio paraense), ao passar na rodovia Augusto Montenegro, as torcidas dos times Remo e Paissandú começaram a discutir. Os palavrões, as ofensas barbarizaram todos os que estavam no ônibus e o “irmão” para defender sua renda entrou na “onda” também.

Com sua voz alta e estrondosa mandou todos se calarem, mas não adiantou, o irmão foi espancado pelas torcidas dos dois times e o veículo ficou totalmente destruído.

(aluno turma A)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	P
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	P

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

TEXTO 2

Certas mudanças

SOCIAL

Mudanças possíveis

Tem uma coisa que aprendi faz muito tempo: aprendi que na vida só tem uma coisa certa, as mudanças que acontecem sejam boas ou ruins, mas acabam acontecendo.

Por isso tento levar a vida sem resistir as dificuldades que ela me propõe e encaro-a de cabeça. Mas uma mudança que não suporto é “mudar” de lugar, ficar perambulando de casa em casa, levando todos os “treco” comigo.

Oh! Que coisa horrível! Fiz várias mudanças na vida como: era criança e cresci, era ingênuo e virei pecador. E agora o que ou mudar?

(aluno turma A)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	P
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	P

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 3

Crônica à moda brasileira

CULTURA

Moda brasileira aparece na TV

A TV brasileira é complicada. Existem programas que só pelo título já se imagina do que se trata "lorotas", não posso citar os nomes deles, mas vocês podem imaginar como é a TV à moda brasileira.

Estava assistindo um programa daqueles que nem se fala. Quando de repente o apresentador falou que a melhor TV é a brasileira, por que? Não entendi, mas o que ele disse foi que o Brasil sempre foi mero telespectador em copiar bobagem. Porque o povo brasileiro sempre gostou de apreciar essa cultura.

Aquilo doeu no fundo da minha alma. O impressionante é que continuei assistindo aquelas "lorotas" que só a TV brasileira pode transmitir. Que tristeza!

(aluno turma A)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	P
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	P

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 4

Marido agrediu mulher em frente à Escola

VIOLÊNCIA

Marido acusado de agressão da esposa

João Braga da Silva, 46 anos, brasileiro, casado pela segunda vez com Maria Joaquina, jovem de 22 anos. Começou a desconfiar da esposa a partir de março de 2009, quando ela passou a estudar no período noturno, na cidade de Ananindeua.

No início o marido aceitou a decisão da esposa, inclusive até ajudou na compra de material escolar, levava-a sempre de “bike” para escola. Tudo era ótimo contou Joaquina, minha grande amiga.

Com o passar dos dias João Braga passou a desconfiar da esposa, achando que ela não estava mais interessada nele. Parecia que só queria saber de estudar. Passou, então a dirigir palavras para ela na presença de alguns colegas, fato que levou Maria Joaquina a se aprofundar ainda mais nos estudos e a recusar a visita de João Braga na escola.

Triste e desequilibrado o homem planejou um atentado contra a jovem, mas ela conseguiu fugir das garras de João. A moça foi até a Seccional Urbana da Cidade Nova fazer uma ocorrência, porém para sua tristeza o sistema estava fora do ar. Sem ter para onde ir, Maria Joaquina voltou para os braços do marido que a recebeu com “pauladas e ponta-pé”.

O estado da moça parecia grave, mas ela imediatamente foi socorrida pela ambulância que perambulava no local.

João Braga, descontrolado tentou ir para o hospital com a jovem, mas foi impedido por populares. O homem chorou feito criança como se estivesse arrependido, porém ninguém ligou para suas lágrimas.

Atualmente, Maria Joaquina está bem e conseguiu concluir seus estudos na (EJA) e posso dizer que é uma grande amiga. Esse fato não foi vergonhoso pra ela, pois acontece com muitas jovens que se casam sem estudos.

(aluno turma A)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	P
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	P

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 5

Vergonha na cara

EDUCAÇÃO

Solidariedade para com o próximo

Num destes dias, alguém muito importante se achando que tava abafando me disse isso: “tenho que criar vergonha na cara e fazer alguma coisa para ajudar os outros”. Esse desabafo foi de alguém que nunca se importou nem consigo mesmo.

Ouvi isso de uma pessoa que nunca se importou com nada. Foi o que me chamou atenção naquele momento. Passei a maior parte do dia pensando no que ele me disse, não pelo fato de ajudar, mas por imaginar que um ser daquele “sem perspectiva, sem vida, sem eira e nem beira” reagiu dessa forma. Então pensei: “porque não dar conselhos pra que ele perceba que tem alguém que acredite nele?”. E foi o que fiz.

Imaginem vocês! Acreditem que perdi meu tempo? Ele respondeu que eu nunca dei a mínima pra ele. Isso me fez refletir quem tem vergonha na cara não deve se preocupar com os problemas alheios. Ainda mais quando são “chulos” e se você mexer muito vira “chulé”, fedor pra todo o lado.

Mas posso garantir que após aquele desabafo jamais vou me dispor a dar conselhos, criei vergonha na cara.

(aluno turma A)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	P
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	P

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 6

Acidente de carro não matou ninguém!

VIOLENCIA

Acidente de carro chama a atenção de populares

Certo dia estava passeando pela rua quando um vizinho, conhecido de meus pais me chamou para me contar um caso. Contou ele a história de um acidente que envolveu três carros. Os carros tentaram frear bem em cima do semáforo, mas infelizmente o terceiro falhou. Quando parou atingiu o segundo que em seguida atingiu o primeiro.

Dizendo seu Pedro, vizinho que adora contar fatos que o segundo carro conseguiu ficar por à frente do terceiro e por baixo do primeiro, ficou igual a uma salsinha em um hot-dog, disse ele.

O interessante foi que seu Pedro pouco me via pelas ruas, pois trabalho muito e o meu tempo é curto para ouvir esses casos, mas teve a coragem de relatar esse absurdo ocorrido em nossa rua.

Entretanto, a tristeza maior de seu Pedro, foi o fato do acidente não ter matado ninguém. Irritado com aquilo tudo disse: “prá mim acidente só tem graça quando mata alguém que não seja meu conhecido”.

Fiquei assustado com o relato de seu Pedro e juro que preferia ter ficado no meu cantinho curtindo meus livros ou até mesmo um programa de televisão. Lucraria mais.

(aluno turma A)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	P
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	P

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 7

Belém, cidade encantada

CULTURA

Belém, cidade das mangueiras, atrativo turístico

Belém é uma cidade maravilhosa, só você olhando. Morar em Belém é muito bom, vem ver! Não carece vim de carro não, vem de “busão” mesmo!

O Forte do Castelo, a Basílica de Nazaré, a Estação das Docas são pontos turísticos que você só encontra aqui. Beleza pura, não tem disso não pode vir pra cá que você vai se encantar.

Não é conversa de paraense não, pode acreditar. Em outras cidades o clima nem se parece com a nossa encantada Belém.

O verde das mangueiras, as águas barrentas do Rio Guamá, as chuvas dos fins de tarde. Tudo isso você só encontra aqui. Assim me falou um turista encantado com a cidade de Belém do Pará.

(aluno turma A)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	P
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	P

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 8

Filhos presos por ameaçarem o pai

POLÍCIA

Idoso era maltratado por filhos

Num belo dia dessas tardes de fim de semana estava seu Joaquim acompanhado de seus quatro filhos de nomes não identificados.

Os barulhos e chiados eram comuns próximo à casa de seu Joaquim, senhor de idade, porém bem esperto. Os filhos do idoso pouco davam atenção pra ele, apenas o criticava e o ameaçava freqüentemente caso desse algum palpite nos trabalhos deles.

O ancião raramente conversava com os vizinhos, que já imaginavam o tipo de trabalho dos filhos de seu Joaquim, por isso evitavam contato com a família dele.

Num desses dias seu Joaquim cansado de tudo, inclusive das ameaças dos filhos resolveu abrir a boca e contou tudo o que se passava em sua casa para um vizinho que era policial. O vizinho não pensou duas vezes foi até a Delegacia e os denunciou por maltrato ao idoso.

Seu Joaquim agradeceu muito ao vizinho, que não era da sua família, mas o ajudou muito. Os filhos, os quatro foram intimados e presos por manter a vítima sob ameaça e maltratos.

(aluno turma A)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	P
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	P

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 9

Adolescentes presos com armas

POLÍCIA

Menores acusados por porte ilegal de armas

Três jovens menores de idade, foram presos por policiais civis da Seccional Urbana da Cidade Nova, Belém. Os menores foram acusados de praticarem inúmeros assaltos nas redondezas do bairro. Segundo relatos do policial “Jesus” eles eram acostumados a vitimarem pedestres e motoristas que trafegavam na área.

A polícia flagrou os três adolescentes em uma esquina, todos armados com revólver calibre 38, e os conduziu até a Seccional da Cidade Nova que possui um posto avançado para atender menores infratores.

De acordo com o policial “Jesus” a prisão do trio resultou de uma operação das polícias civil e militar para reduzir os índices de assaltos nos bairros. Informações apontaram que os três adolescentes já tinham “passagem” pela polícia, porém estavam em liberdade por serem de menores. Em seguida foram encaminhados a DATA (Delegacia Especializada de Atendimento ao Adolescente) para procedimento adequado.

Assim relatou o policial “Jesus” à imprensa.

(aluno turma A)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	P
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	P

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 10

Homem preso por matar mãe de seus filhos

POLÍCIA

Jovem acusado de matar ex-esposa

Foi preso no domingo passado um homem acusado de matar a ex-mulher no município de Ananindeua, cidade de Belém.

O jovem Adriano Silva, 20 anos de idade, assassinou a ex-posa com um tiro na cabeça e foi capturado próximo a residência dele, localizada no mesmo município.

Contou o pai do assassino que eles estavam separados desde agosto do ano passado. Segundo vizinhos, Adriano ia freqüentemente à casa da ex-mulher.

Essas visitas, de acordo com os vizinhos, sempre resultaram em desentendimento e troca de ameaças.

O crime aconteceu no ultimo dia 8, durante mais uma briga. Adriano sem pensar atirou na cabeça da ex-companheira com uma arma calibre 38. A jovem morreu na hora e Adriano não resistiu à prisão.

Populares confessaram que o casal teve dois filhos, um morreu ano passado, o outro mora com os avos paternos.

(aluno turma A)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	P
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	P

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 11

Lula mais poderoso que a lei

POLÍTICA

Presidente continuou liderando política

Lula, o presidente Luiz Inácio da Silva, está claramente, liderando uma campanha de desmoralização da lei e dos instrumentos de fiscalização do Estado.

Eta Lula danado, parece até maior em poderes do que o Brasil em dimensão. Quem duvidou do presidente e criticou duramente esse homem com a expressão de analfabeto se fumou. Ta ai o Lulão passando a perna em qualquer político doutor. Poxa, se não fosse o Lula o cenário da nossa nação estaria mais coberto de miséria do que está. Se não fosse o Lula com seus palavrões bem indiscretos o Brasil não estaria chamando tanta atenção da imprensa.

Eta Lulão desbocado, mas respeitado. Isso é que é educação gente. Desabafou um motorista de ônibus enquanto trabalhava. Aqui surgiu a crônica do Lulão.

(aluno turma A)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	P
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	P

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 12

A vida

SOCIAL

O que esperamos da vida

Segunda-feira passada aproveitei a solidão da casa para tentar arrumar a minha vida. Se é que posso chamá-la de vida. De uns tempos pra cá, ficou desorganizada, quase tudo fora do lugar.

Já se foram muitos anos éramos recém casados e andávamos de mãos dadas pelas ruas. Hoje mal posso passar perto dela, parece que quer me morder. Por que a vida é desse jeito? Fiquei a refletir diante da minha cama. As pessoas se amam e desamam tanto ao ponto de se odiarem. Não me perguntem por que, mas brigamos tanto que quando vimos nossas vidas estavam destruídas pelo tempo.

E agora o que me restou? A velha casa, a velha vida para arrumar.

(aluno turma A)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	P
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	P

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 13

Homossexual morto por violência

POLÍCIA

Jovem morto após estupro

José Santos, 24 anos, saiu de casa para beber com um grupo de amigos e comemorar sua inesquecível data de aniversário.

Depois do dia dois de novembro de 2009, nunca mais se ouviu falar de José.

Policiais da Seccional Urbana da Marambaia investigaram um homicídio por enforcamento ocorrido na madrugada anterior em uma área de matagal próximo ao Mangueirão (estádio futebolístico).

O rapaz foi encontrado seminu enforcado pelo próprio cinto, com suspeita de estupro, por jovens que brincavam próximo ao local do crime. Segundo contou a mãe da vítima, ele era homossexual e saiu com um grupo de colegas para festejar o aniversário, o que indicou um crime planejado. O caso foi registrado.

Concluiu-se que o crime foi praticado por terceiros segundo informação da Polícia Civil. Um inquérito foi aberto para apurar o caso de José Santos

(aluno turma A)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	P
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	P

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 14

Notícias nem sempre são boas

SOCIAL

Criança abandonada pelos pais

Num desses dias qualquer, estava vagando pelas ruas do bairro de Nazaré, quando um jornalista me parou e contou tristes histórias da sua vida.

Contou ele que ao nascer tinha sido abandonado pela sua mãe. Em nenhum momento falou do pai verdadeiro. Disse que seu pai de criação tinha o ensinado coisas boas e ruins que o ajudaram, a saber, escolher corretamente. Sempre se esforçou bastante para conseguir seu objetivo. Acreditava que o fato de ser jornalista não queria dizer que era um fracassado, mas uma pessoa que aproveitou a oportunidade que a vida lhe ofereceu.

Começou a chorar, pois a realidade escrita naqueles jornais o machucava mais que a sua própria vida. Fiquei pensando ali mesmo, as notícias são boas quando estão distantes da gente, mas quando se aproximam nos machucam profundamente, ainda mais quando tratam de fatos ruins. Queria sair de perto do jornalista, mas não pude, pois o via todos os dias, na rua, em casa. Era meu pai, o pobre jornalista que além de abandonado foi invisível para toda a sociedade.

(aluno turma A)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	P
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	P

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 15

Os negros na Amazônia

CULTURA

A professora contou

Certo dia na aula de História a professora contou como apareceram os primeiros negros na Amazônia.

Contou ela que em meados do século XVII os portugueses trouxeram negros da África para trabalhar nas terras cultivadas. Eles vieram da Angola, Congo e Moçambique.

O mais interessante foi saber que os negros mais antigos foram trazidos pelos ingleses nas últimas décadas do século XVI para trabalhar em engenhos clandestinos, na fabricação de açúcar e aguardente na Foz do Rio Amazonas e Costa do Amapá.

Nunca pensei em minha vida que os negros estivessem presentes na Amazônia à tanto tempo.
(aluno turma A)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	P
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	P

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 16

O brasileiro da série A

ESPORTE

Flamengo foi hexa campeão

Nos últimos cinco anos a Taça de campeão brasileiro só ia para os times do estado de São Paulo.

Felizmente este ano o título foi para um time do Rio de Janeiro, foi do meu “Mengão”, time que “correndo por fora” veio, no início da 2ª fase, da décima primeira colocação, numa linda e impressionante recuperação, para a primeira colocação na penúltima rodada.

Na rodada final o “Mengão” só dependia dele mesmo para ser campeão. Mas deu um susto danado na gente. Começou o jogo perdendo para o Grêmio. Até aos vinte minutos do 2º tempo, já com o jogo empatado em 1 X 1, o Internacional era o tetra, mas o “Mengão” não decepcionou e com 1 gol de zagueiro, o meu “Mengão” garantiu a vitória, tornando-se hexa campeão brasileiro.

Eta “Mengão” bom! Trouxe alegria para todos os seus torcedores de todo o Brasil.

(aluno turma A)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	P
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	P

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

TURMA B

Texto 1

Uma triste história

SOCIAL

Incêndio mata idoso

Tudo aconteceu por volta das 20 horas do dia 25 de dezembro de 2008 na casa do senhor Afranásio.

Mulher de 80 anos, que morava sozinha em sua residência. Parecia que não tinha ninguém na vida, pois na hora do incêndio que ocorreu na sua casa ninguém a socorreu.

O Corpo de Bombeiros foi acionado por populares, mas quando chegou ao local, era tarde demais. As chamas haviam invadido e destruído toda a casa do idoso. O corpo não foi encontrado, apenas as cinzas restaram.

(aluno turma B)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	N
Gramática da notícia e competências linguísticas	N
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	N

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 2

Pai acusado de estuprar filho

POLICIAL

Menino sofreu abuso sexual pelo próprio pai

Não se sabe como aconteceu, mas ele estava desesperado. Vivia triste pela casa, não contava nada a ninguém. Maria sempre estava sorrindo com aquelas idéias que ouvia sem saber por que, parecia até uma hiena, dava risadas sem parar a todo o momento.

O menino estava lá de cabeça baixa sem olhar nos olhos de ninguém. O pai como sempre entrava e saía.

(aluno turma B)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	N
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	N

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 3

Eleição se aproxima, candidato se anima

POLÍTICA

Interesse político cansou eleitor

Todo ano de eleição é a mesma coisa. Os jornais divulgam uma série de corrupções cometidas por nossos políticos e não demora eles vem com a cara mais limpa.

As eleições estão chegando, os “Barbalhos” se animando. Lá vem Jatene e Almirzão querendo mostrar o que não passou de suas obrigações como governantes. Suas obras acabadas e inacabadas mostram o desvio de milhões.

Será que vai ser sempre assim? A eleição se aproxima e os “tucanos” se animam.

(aluno turma B)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	
Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	P
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	P

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 4

<h2 style="margin: 0;">Pai matou filho com facadas</h2> <p>POLICIA Pai acusado de matar o próprio filho</p> <p>Certa noite chegou em casa por volta das 24h o jovem Rafael dos Santos de 26 anos que foi assassinado pelo pai Rosevaldo dos Santos.</p> <p>O acusado foi preso em flagrante pela Polícia Militar que fazia ronda no momento do crime. Segundo relatou o pai da vítima, o jovem era acostumado a sair de casa à noite para ir atrás de drogas nas piores “bibocas” do bairro, mas não demorava a chegar em casa. Nessa noite ele deixou a cama preparada com travesseiros e lençóis, dando a impressão que estava dormindo. Então, ao ouvir barulhos pela casa, o pai foi até o quarto do filho que parecia estar dormindo. Rosevaldo dos Santos se assustou com o barulho e procurou se armar, já que o filho parecia estar dormindo em casa, no escuro feriu gravemente um homem, pensando que fosse bandido. Ao perceber que era o próprio filho entrou em desespero e pânico, mas infelizmente era tarde demais, o jovem já havia morrido.</p> <p>A Polícia Militar passou pelo local do crime e prendeu o acusado que vai responder o crime em liberdade por ser idoso de 76 anos.</p> <p>(aluno turma B)</p>
--

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	
Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	P
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	P

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 5

Mãe acusada de alugar filho para pedintes

POLICIA

Mãe alugou filho por dinheiro

Tudo aconteceu por volta das 20 horas de sábado na casa da dona Maria.

De acordo com relatos da vizinha da acusada ela sempre “alugava” o filho menor de três anos para qualquer um desde que lhe pagasse algum trocado. Para confirmar a acusação a vizinha foi obrigada a filmar e gravar os fatos que aconteciam na casa da mãe do menino.

Sem saber por que, dona Maria fugiu de casa e deixou a criança só em casa com medo da Polícia.

(aluno turma B)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	N
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	N

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 6

Salas de aula lotadas deixam alunos em pé

EDUCAÇÃO

Aluno não tem onde sentar em sala de aula

Inacreditável estamos no final do ano letivo e as escolas de Belém ainda deixam os alunos sem carteiras, sem lugar para sentar.

Assim relatou a moça a sua mãe, voltou pra casa vários dias por não ter onde sentar. A mãe disse pra ele não ir mais pra aula pra não ficar de pé, mas ele foi.

(aluno turma B)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	
Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	N
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	N

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 7

<h2>Time faz a maior festa em Belém</h2> <p>ESPORTE Vitória do time foi comemorada por todos</p> <p>O jogo começou, mas não deu pra entender nada. Ninguém sabia pra qual time devia torcer, pois os dois estavam com as roupas muito parecidas, não dava pro torcedor saber quem era quem. O coração batia e o pai do lado da torcida gritava desesperado: Vai lá, vai lá. Ninguém me escuta falava o pai para os jogadores.</p> <p>(aluno turma B)</p>

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	
Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	N
Gramática da notícia e competências linguísticas	P
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	N

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos

Texto 8

Remo ganha do Paissandu

ESPORTE

Remo leva a melhor contra seu maior rival

O jogo entre Remo e Paissandu sempre foi muito disputado e também “catimbado” porque os dois times são os maiores de Belém. O Paissandu ganhou e o Remo perdeu. O juiz foi o maior ladrão do jogo. Apitou horrível e prejudicou o meu Paissandu.

Mas apesar de tudo o Remo foi melhor e mereceu a vitória porque jogou bem.

(aluno turma B)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Coesão e Coerência: organização da crônica jornalística	N
Gramática da notícia e competências linguísticas	N
Contexto, o enunciado da crônica jornalística	N

P – Positivo, para critérios atingidos

N – Negativo, para critérios não atingidos